ALEXANDRE KONDER

Um reporter brasileiro na Guerra Européa

ONGETTI

ALEXANDRE KONDER

Um reporter brasileiro na guerra européa

1 9 4 0
Irmãos PONGETTI, Editores
Rio de Janeiro

PELO ATLANTICO EM FÉRIAS – MADEIRA, UMA ILHA EM CRISE – EMFIM, SÓS... COM O INGLEZ, EM GIBRALTAR – O ENIGMA DA NOVA HESPANHA – GENOVA, AFINAL!

AO LEITOR

Reporter no conflicto do Chaco Boreal, nos acontecimentos de Leticia e na guerra sino-japoneza, por certo que consideraria a minha reputação profissional seriamente compromettida, se deixasse de visitar o theatro dos acontècimentos europeus, onde, no curso do choque de milhões de homens armados como jamais na Historia, se desenrola, neste momento, o maior drama politico e economico dos tempos modernos.

Dest'arte, parti da nossa Guanabara, rumo á velha Europa conflagrada, em meiados de fevereiro do corrente anno. A minha estada no Continente europeu foi devéras movimentada. Em dois mezes e meio apenas, corri a Europa em todos os sentidos, em busca de material para as minhas reportagens.

Visitando a Italia, a Allemanha, a Polonia, a França, a Hespanha, a Dinamarca, a Tchecoslovaquia, a Hungria, a Austria e os paizes do Baltico, pude colher, em dez semanas, uma visão o tanto quanto possivel exacta do panorama po-

litico, economico, social e religioso, dentro do qual atiram-se uns contra os outros, numa luta decisiva para a Historia do Mundo, os maiores e os mais poderosos exercitos do nosso tempo.

A imprensa do Brasil, tanto a da Capital da Republica, como a do interior, teve ensejo de divulgar as minhas impressões, atravez de chronicas breves e talvez apressadas, mas que reflectiram sem fantasias, nem retoques, o que os meus olhos foram vendo e os meus ouvidos ouvindo, no rolar das horas do meu roteiro de reporter.

Algumas dessas chronicas eu as reuno neste livro, sem outra pretensão que a de testemunhar que, entre centenas de correspondentes de guerra estrangeiros junto ao theatro dos mais decisivos acontecimentos que já surgiram na historia dos ultimos seculos, não esteve ausente a imprensa do nosso Brasil.

As chronicas que ahi estão, leitor amigo, eu as reproduzo tal como sahiram nos jornaes. Ellas foram escriptas em todos os logares e com aquella pressa cada vez mais allucinante, que caracterisa o desenrolar dos factos nos dias que estamos vivendo.

Copacabana, Inverno de 1940

Alexandre Konder

Os acontecimentos de 1.º de setembro ultimo, ao atearem novamente fogo á Europa, puzeram o Atlantico em férias. Apenas, de quando em quando, um "piroscafo" italiano, trazendo para a America levas de fujões e levando, de retorno, para o Mediterraneo, alguns curiosos, corta a velha róta cabralina. E atraz das motonaves fascistas, conseguem ainda navegar alguns barcos suecos, dinamarquezes, gregos, a "pacotille" dos mares, emfim. E, é só. O Atlantico está vazio. Nos seus horizontes é apenas a grande linha perdida por onde passam as horas monotonas de um tempo incolor nos kalendarios. Em vão procura-se, em todos os rumos, o vôo louco de uma gaivota desgarrada, a fumaça de um comboio, os canhões vigilantes da "rainha dos mares". Nada!...

*
* *

A ilha da Madeira recebeu o nosso "Oceania" com o bom dia amavel das suas montanhas verdes, recem-lavadas no orvalho frio da noite.

Sinto, de frente, o meu primeiro contacto com a guerra: nas estatisticas, que me repete um guia quasi triste e no que os meus olhos vão vendo pelas ladeiras complicadas que fazem o traçado topographico do Funchal. Comprehende-se: a ilha vivia do turismo e a guerra acabou com os turistas. A crise não se fez de rogada, para passar por aquellas ladeiras e aquelles morros o seu manto sinistro.

E pósso entender perfeitamente que o bando de garotos maltrapilhos, que me seguiu todo o tempo, supplicando tostõezinhos, não estava ensaiado para uma comedia. Não! Era o grito de desespero de uma cidade que começa a sentir frio e fome.

O guia insiste em repetir estatisticas. Em resumo: a ilha principia a se despovoar. E emquanto os raros navios se enchem de passageiros de prôa, em busca de pão, inglezes ricos chegam á ilha, à cata de paysagens edenicas e de "villinos" deliciosos, que agora se vendem ao correr do martello.

Ah! o Funchal de outrora! Aquelle Funchal pleno de flores, cuidado como um jardim; aquelle Funchal cheio de cachopas coradas e sorridentes, que era o quadro mais fascinante das travessias transatlanticas! Como esses seis mezes de guerra em outras terras lhe fizeram mal...

*
* *

Gibraltar é o logar do planeta onde os ventos encanados costumam marcar "rendez-vous". E é por isso que o inglez está ali invariavelmente com bronchites, olhos postos nos relogios, vigiando as horas do xarope peitoral. Agora elle é obrigado tambem a olhar para os navios que atravessam o estreito, em busca do contrabando de guerra.

Mal o "Oceania" arriou ferros, naquella manhã gelada, uma lancha, armada com um canhãozinho, correu rapida até o seu costado.

Dentro della saltou um Capitão impeccavelmente escondido dentro do seu capote londrino. E espirrando aqui e cumprimentando acolá, elle foi, sem tardança, ordenando o desembarque das malas postaes e pedindo a papelada de bordo.

Tres ou quatro passageiros ingenuos ensaiam um passeio á terra. (Ainda ha gente que não tem noção do que seja uma praça forte em tempo de guerra). O inglez sorri e dá-lhes o contra polidamente. E dahi por diante a monotonia cae como uma bruma por todos os "decks" e todos os salões vazios do "piroscafo". Estirado na "chaise longue", ponho-me a contar os barcos neutros que se enfileiram ante as minhas retinas,

detidos pelo controle britannico. Trinta e seis, sommando quinze nacionalidades...

Afinal, ao cair da tarde, quando a monotonia a bordo já ameaçava contaminar de "spleen" todos os passageiros, a lancha voltou ao costado do "Oceania", trazendo, de retorno, as malas postaes, a papelada de bordo e o mesmo Capitão grippado. Minutos depois é dada a ordem de transito livre e as helices da motonave entraram a funccionar outra vez.

Em summa: Gibraltar é o typo do film "bom para todos". Tudo nelle anda direitinho. Tão direitinho, que toda a gente sentiu vontade de dormir...

*
* *

A Hespanha ainda sangra a jorros nas cicatrizes fundas que lhe ficaram da guerra civil. A miseria que nella entrou com a aventura de todos os "voluntarios" do planeta, parece que gostou do seu novo pouso. Os "voluntarios" de ha muito que já partiram. A miseria, porém, ficou, malgrado todos os "Viva Franco" que enchem os muros e as paredes dos edificios publicos.

Em Las Palmas e em Barcelona, a gente

sente que a victoria ainda não cravou as suas raizes no sólo.

O sol da tranquillidade parece que apenas conseguiu uma tregua em meio das populações exhaustas, semi-famintas, que enchem as ruas das metropoles da Nova Hespanha. Talvez Franco consiga retel-o; talvez elle volte a ser offuscado pelas nuvens negras da discordia interna. É cedo, porém, para qualquer prognostico. E o jornalista tem que limitar as suas conjecturas á grande paysagem desoladora, enigmatica, dos cortejos da miseria que passam ante as suas retinas, pelas "calles" recem-aquecidas pelos primeiros sóes da Primavera, que se avizinha.

A Hespanha, porém, é eterna e bem póde ser que o "Viva Franco", que se levanta com todas as letras e em todos os cantos, seja o symbolo seguro da sua eternidade. Em todo caso, elle é o minuto actual de um grande povo. Será o minuto decisivo? Ha gente esfarrapada demais pelas ruas, para se responder apressadamente...

*
* *

O "Oceania" aproxima-se de Genova á toda força das suas machinas. Á amurada de bordo,

os seus unicos dez passageiros procuram, com ansias diversas, a terra ainda distante, que, pouco a pouco, vae surgindo em meio do crespusculo deste domingo de Ramos. Cada um delles tem um destino differente para viver nesta Europa, novamente ensopada de sangue. Indifferente ás angustias e ás alegrias dos seus passageiros, o "piroscafo" prosegue garboso na sua róta pelo "Mare Nostrum". No alto do mastro abre-se ao vento a bandeira tricolor da Italia. É mais um transatlantico de Roma, que volta aos portos patrios, indifferente aos bloqueios.

A ALLEMANHA EM GUERRA – OS TRENS DO EIXO ROMA-BERLIM NO BRENNER – MUNICH LÊ AS NOVIDADES MATINAES – AS ROTAS AEREAS DO REICH ESTÃO LIVRES EM TEMPELHOF

O trem vae freiando lentamente, emquanto a voz somnolenta do guarda corta o silencio, annunciando a chegada ao Brenner. Faz um luar quasi divino e tudo lá fóra é um immenso lençol de néve. Através das vidraças embaciadas pelo frio procuro as sobras do famoso encontro de horas antes, entre o Fuehrer e o Duce. Os trens do eixo Roma-Berlim já se foram, mas ainda tremulam ao vento, na pequena "gare", as bandeiras que enfeitaram o scenario em que teve logar o maior acontecimento politico deste março de 1940. Percebo que, com aquellas bandeiras, uma pergunta ficou no ar, correndo o mundo em todas as direcções: O que teriam ali assentado os dois chefes? A extensão do eixo até Moscou? O destino dos Balkans? É difficil qualquer conjectura. Como de habito, o que se conversa dentro do trem de Mussolini, jamais chega a transpirar, sinão quando as palavras, ali trocadas, se transformam em factos positivos...

O trem prosegue outra vez, mas como o thermometro está muito abaixo de zero, toda gente volta ao leito, sem ver o Tyrol, nem a Baviera, preferindo acordar em Munich, entre os pregões

dos jornaleiros, que annunciam mais uma aventura das azas allemãs nos céus de Scapa Flow.

*
* *

No "hall" do Bayerischer Hof os hospedes bebem com methodo os seus chás matinaes, emquanto vão sorvendo, com attenção, os titulos dos jornaes. Ha um mundo de cousas em negrita na primeira pagina: Brenner — Scapa Flow — Sumner Welles — Crise Ministerial na França — Novo Ministerio Allemão...

Os acontecimentos se precipitam com uma rapidez incrivel. Entre o almoço e o jantar medeiam mezes inteiros. Entretanto, não se sente a guerra, mormente nesta Paschoa, que encheu as vitrinas de todas as confeitarias da Allemanha com milhares de ovos coloridos e coelhinhos de velludo.

A guerra... Ella existe, sim, contra a Inglaterra. Mas a Inglaterra fica no Mar do Norte. Está muito longe. Só os submarinos e os aviões podem vel-a e sentil-a...

*
* *

Todos os trens para Berlim estão lotados. É a Paschoa e ninguem quer deixar de aproveitar as suas "vacances". Ha, porém, o avião e eu me metto dentro de um Junker, que ganha rapido as alturas, cortando ruidoso uma cortina de néve que insiste em tombar, quasi serenamente ainda, neste fim de inverno.

O Reich visto do ar... Por toda parte é a geometria agricola, raspando a zero a terra em todos os sentidos. O quadro não me é estranho. Já o vi no Japão e na Italia com as mesmas minucias de super-aproveitamento das terras araveis. É a tragedia da falta de espaço, com todas as suas tintas.

As aldeias se succedem como se fossem presepios, enfeitando as curvas dos rios e dando nome ás gares. Uma cinta cinzenta, que se estende numa distancia de 4.000 kilometros, serpenteia lá em baixo, riscando as campanhas e os montes. São as famosas auto-estradas allemãs, uma das grandes maravilhas do nosso seculo.

O tri-motor vôa agora mais rente á terra, em busca do campo de pouso de Tempelhof, o maior aerodromo do mundo. Berlim, agazalhando na bruma da tarde os seus parques e as suas avenidas, surge-me afinal ante as retinas. O avião faz silenciar os seus motores. A viagem está terminada.

No vasto salão destinado aos passageiros,

mais de uma centena de viajantes acompanha com attenção as ordens, que successivamente lhe transmitte um alto-falante. "Passageiros para Moscou! Queiram tomar os seus logares! Passageiros para Bucarest! para Roma! para Amsterdam! para Athenas!".

As rótas commerciaes aereas do Reich estão livres em todos os ceus que não cobrem Paris ou Londres. Isto cada um pode ver com os seus olhos, em Tempelhof ou em qualquer outro aerodromo de importancia allemão.

*
* *

A noite cae sobre a grande Berlim e apenas os postes da illuminação publica tomam conhecimento da guerra, conservando apagadas as suas lampadas. Pelos asphaltos da "Unter den Linden", da "Kurfuerstendamm" e de todas as vias celebres da antiga capital da Prussia, os autos e os "bus" correm em todos os sentidos, brilhando discretamente nas trévas os seus pharóes camuflados contra ataques aereos. Atrás das pesadas cortinas negras que cobrem as entradas dos "dancings", dos theatros, dos "music hall", é a vida de sempre que continua com a mesma alegria e

a mesma elegancia de "avant-guerre". Na Opera, Wagner consegue que as cadeiras para o "Crepusculo dos deuses" sejam adquiridas com uma semana de antecedencia. E assim, em quasi todos os theatros e todas as "boites" nocturnas desta Berlim das mulheres bonitas, dos vinhos preciosos e das canções romanticas.

A guerra...

Repito: ella é no Mar do Norte. Porque até agora, emquanto explodem os torpedos e as bombas nas costas inglezas, nas linhas Siegfried e Maginot já dura ha 6 mezes um quasi idyllio entre "poilus" e allemães. Apenas, de parte a parte, grupos de caçadores de cruzes de ferro atiram-se ás aventuras audaciosas, dando assumpto aos communicados dos Estados-Maiores, mas em nada alterando a somnolencia que vae pela "terra de ninguem"...

A LIÇÃO AMARGA DE 1914 – RESERVAS ALIMENTICIAS PARA QUATRO ANNOS – O SENTIDO DISCIPLINADOR DO RACIONAMENTO

A Allemanha aprendeu, com a amarga lição de 1918, que não se vence uma guerra somente com canhões. E assim, quando annunciou-se inevitavel o actual conflicto, ella tratou de armazenar o maximo possivel de reservas alimenticias para a sua população civil e o seu exercito. Todo um vasto plano foi minuciosamente traçado e executado, a tempo e á hora, pelos technicos germanicos em relação ao assumpto.

Durante cinco annos, ininterruptamente, tratrou-se de intensificar as culturas e de comprar no exterior tudo quanto pudesse servir de reservas para o estomago do povo allemão, em caso de uma fatalidade. Milhares de depositos de cereaes e de frigorificos foram construidos em todo o territorio do Reich. Tudo á prova de bombas, de gazes e de incendios. Elles hoje se espalham em todas as cidades, em todos os burgos, em todas as estradas. A architectura exterior desses depositos varia até o infinito. Uns tem a forma de simples habitações, outros de casas de campo, de officinas, etc. Raras são as pessoas que podem localizal-os. Mas o facto é que elles existem, e eu tive ensejo de visitar varias dezenas delles. A

capacidade de cada um varia muito. Ha para 500, mil, duas mil, até 10 mil toneladas. Outros guardam milhões de ovos, milhões de aves, de lebres. As cifras que se ouvem são as mais fantasticas. Mas tudo está feito em amplas proporções, para uma guerra de longa duração.

Em determinado deposito de cereaes, frente a cinco mil toneladas de grãos de trigo, ouvi, por exemplo, o seguinte:

— Mesmo que o bloqueio seja tão completo que não consigamos importar mais meia duzia de ovos ou um kilo de aveia; mesmo que o solo allemão se torne tão esteril, a ponto de não produzir mais uma só batata, mesmo assim poderemos almoçar e jantar, com as reservas que possuimos, durante quatro annos á fio!

Quem, entretanto, viaja pelo leste e ve, com os seus olhos, a fileira interminavel de trens abarrotados de tudo, que a todos os instantes procedem da Russia e dos Balkans, comprehende que difficilmente se poderá admittir um bloqueio total ao Reich. Por sua vez, a agricultura allemã apparelhou-se scientificamente, para attingir, no correr do presente anno, o record da sua producção.

Á esta altura alguem perguntará: então por que o racionamento? Eis ahi outra lição que os allemães aprenderam na guerra de 1914. Naquella época as explorações de toda especie, que, malgrado as medidas officiaes, conseguiram vingar,

acabaram raspando as ultimas reservas do mercado germanico, deixando á população apenas as prateleiras vazias.

Hoje tem-se a estatistica completa das possibilidades da praça e ninguem, graças ao cartão de racionamento, poderá temer pelo dia de amanhã. Todos têm o mesmo, mesmissimo quinhão de pão, de manteiga e de carne á mesa. Supprimiram-se os esperdicios e veiu o "menú-unico" em todos os restaurantes e todos os lares. Graças a isto, pode o allemão comer, em cinco dias da semana, a sua carne de açougue e não de conserva, como muita gente suppõe. E, desde a mesa do Kaiserhof, do Bristol, do Tusculum ou do Traube, onde, "malgré tout", os cardapios continuam escriptos em francez, ás bancas dos restaurantes anonymos, o allemão encontra os mesmos, mesmissimos pedaços de pão, de carne ou de manteiga.

Na Polonia, na Bohemia e na Moravia, porém, segundo pude ver, o racionamento não é levado tão a serio, e qualquer um, com um pouco de geito, poderá conseguir do "garçon" mais um pão, mais manteiga e até comer carne nos dois dias em que ella não figura nos "menús".

A rigor, ninguem poderá se queixar do racionamento, pois elle jámais será accusado de insufficiente ás necessidades humanas. Apesar disso, qualquer pessoa ouvirá reclamações tanto em Berlim, como nas outras cidades allemãs. E isso, em

90% dos casos, porque falta café, e o allemão sem café não é um ser inteiramente feliz.

A sêda é livre em todos os "magazins". Apenas a lã e o couro são racionados, e isto pela mesma orientação de prudencia e de disciplina que norteou a creação dos cartões de racionamento para a comida. Todos se recordam que na guerra de 1914 os ricos açambarcaram, em poucos mezes, todas as lãs e todos os couros do paiz, deixando ao resto da população os succedaneos. Hoje esse perigo está afastado, dentro dos planos da guerra total. Cada allemão tem direito á sua camisa de malha, ao seu capote de lã e ao seu par de sapatos. Não ha, neste sentido, fraude possivel, pois os cartões para isso são nominaes e distribuidos a todos os habitantes do Reich, no mesmo valor acquisitivo para cada um.

O INVERNO MAIS RIGOROSO DO SECULO – HAMELN E A HISTORIA DO SEU "ENCANTADOR DE RATOS" – Á MESA DOS CAMPONIOS DO WESER – HANNOVER E A SUA CURIOSA EXPOSIÇÃO

O carro pára mais uma vez em meio da estrada salpicada de néve.

— 35 gráos abaixo de zero! diz-me o guia, quasi com emoção. Isto não foi brincadeira. Veja como até os grandes blócos de cimento armado da pavimentação sahiram dos seus logares. Tem-se a impressão que a terra tremeu de frio. Imagine o que não sentiu a nossa pelle neste inverno, que foi o mais rigoroso do seculo!...

O automovel prosegue rumo á campanha, ganhando kilometros com uma velocidade incrivel. Estou nas famosas auto-estradas do Reich, onde qualquer um pode correr á vontade dos cylindros do seu carro, porque nellas não ha jámais possibilidade de um accidente de trafego. O velocimetro marca 160 kilometros. As paysagens se succedem como num "trailler" maluco, idealizado para a propaganda de um film de competição automobilistica. Começo a receiar pelos pneus, mas o "chauffeur" garante-me que elles são massiços e feitos de borracha synthetica.

Hameln, no Weser, com a historia pittoresca do seu caçador de ratos e com os seus edificios

tão cheios de reminiscencias da guerra dos trinta annos, surge-me, afinal, pela frente do radiador. Ouço mais uma vez a historia celebre:

Hameln ameaçava despovoar-se por causa das legiões de ratos famintos, que lhe haviam tomado de assalto as casas e os jardins. Todos os recursos já haviam sido tentados, em vão, pelos seus burgomestres. Eis que appareceu na localidade um cidadão, que se dizia capaz de acabar com a terrivel praga. Apreçou com a Municipalidade uma somma qualquer pelo seu serviço e, em dia e hora previamente marcados, poz-se elle a tocar coisas allucinantes, numa flauta. Milhões de roedores sahiram incontinenti das suas tócas, attrahidos pela musica miraculosa. O "encantador de ratos" moveu-se, então, em direcção ao Weser, arrastando atraz de si a estranha e immensa procissão de roedores. E, entrando pelo rio a dentro, entregou á correnteza a tarefa de dar ganho de causa á promessa feita aos maioraes do burgo.

Tão facil, porém, pareceu aos edis de Hameln o serviço prestado á cidade pelo mysterioso cidadão, que accordou-se faltar ao pagamento da somma promettida. O homem ficou desolado, mas jurou uma terrivel vingança. E, num domingo, quando todos estavam nas igrejas, ouvindo missa, elle tomou da sua flauta e attrahiu atraz de si, em direcção ás montanhas, as crianças da localidade. Nunca mais se soube do destino que teve a infeliz garotada, mas diariamente, ás 13 horas, o grande carrilhão da Prefeitura local toca uma musica muito triste, emquanto no alto da torre o caçador de ratos passa lentamente, tocando a sua flauta e conduzindo atraz de si as crianças de Hameln...

*
* *

Perto de Hameln está o burgo de Hess-Oldendorf, tão tranquillo e bucolico como um quadro campestre de qualquer "salon". Estou frente a frente á campanha allemã do Hannover, essa campanha tão cheia de historias bonitas, mas onde a terra nem sempre compensa os esforços do homem.

Ao redor de Hess-Oldendorf são os pequeninos burgos, com os seus castellos e a sua boa gente campesina, trajando ainda os seus trajes typicos. Vejo ao longe, imponente e definitiva, a famosa Porta Westphalica. E, cá e lá, espalhadas pelos valles e pelos montes, as pequenas e bem cuidadas casas dos aldeões.

Entro a esmo em uma dellas. É a hora do almoço. Tudo simples, mas limpissimo. Ao cen-

tro da sala, uma mesa posta, onde nada falta que possa lembrar de longe siquer a propalada miseria do camponio allemão. A um canto crepita uma lareira e pelas paredes se espalham os velhos quadros da familia: o retrato do filho mais velho, morto na Grande Guerra, em Verdun; os retratos, a cores, do velho Bismarck e de Frederico, o Grande; uma aquarella domestica.

O homem convida-me a tomar assento á sua mesa, emquanto a mulher corre de um lado para o outro, em busca de talheres e de guardanapos. Pergunto-lhe pelos cartões de racionamento:

— Aqui no campo esse negocio não chegou, diz-me o velho, rindo satisfeito. Tudo o que temos é daqui da casa mesmo. E o que se plantou e o que se criou, não está sujeito ao racionamento. Comemos o que queremos e o que sobra, vendemos pelas vizinhanças.

Uma hora depois, percorrendo detidamente a região, pude constatar, entrando em varias casas e visitando varias culturas e varios estabulos, que o camponez, á cuja mesa eu me sentára, nesse dia, era um dos mais pobres das redondezas. Entretanto, insiste-se em dizer que tudo marcha muito mal entre o povo allemão, em materia de alimentação. Eu pude, constatar, porem, nesse dia e em outras occasiões, com os meus olhos e o meu estomago, que isso não é verdade.

*
* *

O carro ganha agora, com velocidade de campeonato, a grande recta da auto-estrada que conduz ao Hannover. A velha capital, surge, afinal com a sua architectura typica, em meio da tarde brumosa e fria. É domingo, e pouco ha o que ver pelas amplas avenidas cheias de pedestres.

Dirijo-me á antiga séde do Rotary Club local, onde uma multidão desfila curiosa ante as vitrinas da grande exposição da campanha de imprensa internacional contra a Allemanha. As peiores caricaturas de Hitler, os mais violentos artigos, os mais fantasiosos telegrammas contra o III Reich, publicados em todas as capitaes do Mundo, se enfileiram, aos milhares, pelas montras. Os ultimos numeros dos jornaes francezes e inglezes, com os seus titulos em negrito, annunciando toda sorte de coisas sensacionaes, lá estão ante os olhos do publico.

Vejo um "Paris-Soir" da vespera, pregado num canto e assignalado por uma séta. Procuro a razão de ser dessa preferencia pelo "Paris-Soir". Lá está, sublinhada em vermelho, uma noticia acerca de um "raid" inglez sobre Hannover, durante o qual os pilotos britannicos teriam atirado boletins sobre a cidade. Como, porem, nin-

guem viu esses aviões e muito menos esses boletins, todos passam rindo ante o exemplar do famoso diario francez...

HAMBURGO, O MAIOR PORTO CONTINENTAL EUROPEU – A CRISE E A GUERRA NO "BAS FOND" – A MARINHA DO REICH CRESCE DE HORA EM HORA

Hamburgo, o maior porto continental europeu, recebeu-me com uma tempestade de néve espectacular, em meio da noite. Propositalmente, procurei um hotel de terceira ordem, desses em que as campainhas jamais funccionam e a gente tem que ficar gritando meia hora pelos corredores, na esperança de que appareça um criado. Ahi tambem encontrei o mesmo, mesmissimo "menú-unico". Nenhuma differença dos hoteis e restaurantes de luxo. Começo, então, a comprehender nesse "menú-unico" um significado mais profundo do que o de uma simples medida preventiva, ante as vicissitudes de uma guerra de longa duração. Um significado social amplo. A mesma manteiga, a mesma quantidade de carne, o mesmo numero de pães para cada individuo, quer este se sente á mesa de um hotel de fama, quer á banca de um restaurante anonymo. Bem pouca gente, por certo, poderá comprehender o significado desse "menú-unico". Pelo menos, por ora. Tudo se fez tão suavemente, tão naturalmente...

*
* *

Ao longo dos cáes de Hamburgo alinham-se centenas de navios. Muitos vararam o bloqueio inglez e repousam agora, atados aos cabos, immoveis. Sopra um vento gelado. Os cáes, porém, não estão desertos. Milhares de operarios passam e repassam, entregues aos seus afazeres quotidianos. É que os estaleiros trabalham a bom trabalhar, dia e noite, batendo novas quilhas de couraçados e de submarinos. Nem um só taifeiro ficou sem trabalho com a paralysação da frota merte transatlantica allemã. Ao contrario, teve de se importar gente dos Balkans, da Italia, da Russia, para attender á faina dos estaleiros germanicos.

Vejo ao longe o "Cap. Arcona". Dentro delle movimentam-se centenas de trabalhadores. É hora do almoço, e no grande transatlantico está armado um restaurante para os que trabalham perto, em qualquer obra de vulto, que não posso perceber o que seja, pois á volta vae toda uma magnifica technica de "camouflage". Cá e lá chegam-me aos ouvidos algumas informações. Diz-se, por exemplo, que até o fim deste anno, os estaleiros terão que entregar á Marinha, mil submarinos de 50 a 100 toneladas. Submarinos de

bolso, facilmente transportaveis e com grande capacidade destruidora...

*
* *

Em St. Pauli, o Montmartre de Hamburgo, onde se enfileiram as "boites" nocturnas e onde, nos tempos de paz, vive a alegria bohemia do grande porto, encontro tudo tranquillo como um pateo de seminario. Leio certos letreiros: "Á casa de mãezinha delle"; — isto em allemão fórma um titulo mais curto — "Taberna do Tio Alfredo"; "Á vacca desgarrada", etc. Entro nesta ultima. Uma senhora gorda, ao piano, toca o melhor que póde um velho "fox". Pelas mesas, algumas ex-vedettas de café concerto de cáes fumam com esperdicio. Aqui e ali um marinheiro bebe um genebra ou uma cerveja. São os raros frequentadores de St. Pauli. Marujos lelhões, dinamarquezes, suecos, esthonianos...

— Ah! outrora... — diz-me, desolado, o taverneiro. Havia por estas mesas marinheiros de todos os quadrantes da Terra e isto era uma alegria que não tinha fim. Agora, sobram esses freguezes bisonhos, gente que não sabe divertir-se...

Emfim, encontro a guerra! St. Pauli, com os

seus taverneiros, as suas "cocottes", reclama nostalgicamente, chicoteado pela crise.

Uma mulher conta-me que esta será a sua ultima noite de bohemia:

— Vou acceitar um emprego. Diariamente vêm-nos offerecer serviços. Muitas já acceitaram e se foram.

E accendendo quasi com raiva um cigarro:

— É pena! Em St. Pauli a vida era tão bonita...

Entro noutra tasca. O mesmo ambiente, as mesmas mulheres exigindo "wodcka" e genebra dos freguezes, com a mesma sem-ceremonia com que, nas "boites" elegantes, as "vedettas" reclamam champagne e caviar; as mesmas lamurias...

A guerra, positivamente, provocou um colapso em St. Pauli. Tenho nos ouvidos todas as queixas, todas as saudades que, por aquellas mesas deixaram, aos taverneiros e ás mulheres, os marinheiros de todos os climas.

Perto, bem perto, ouço o martellar incessante, dynamico, que marca o rythmo das actividades dos estaleiros. Lá, a gente não sente a guerra, e dia a dia, exigem-se mais trabalhadores. É a Marinha do Reich que cresce de hora em hora.

*
* *

No Zoo Hagenbeck, o maior do Mundo, alguns soldados de licença desfilam, dentro de seus grossos capotes, ante as jaulas dos ursos e das phócas. Cae a néve e os ursos parecem alegrissimos. Fico a contemplar as physionomias desses guerreiros, que como crianças, riem para os bichos. Não demonstram terem chegado do front. Assemelham-se a collegiaes em férias. Alguns, porém, trazem sobre o peito a cruz de ferro.

Á sahida, cada um compra um "souvenir" local — um postal, um tigre de celluloide, um macaco de madeira... E, contentes, lá se vão, em busca de um omnibus, ensopando na néve os seus capacetes de aço marcialissimos.

Siegfried continua sendo, no fundo, uma creança grande...

BREMEN CONSERVA A SUA FACE DE SEMPRE – AS SURPRESAS DE UMA LIVRARIA – COM O COMMANDANTE DO "BREMEN" – UMA VIAGEM QUE ENTROU PARA A HISTORIA

Bremen é sem duvida uma das cidades mais requintadas do Reich. É no grande porto hanseatico que vive a maior percentagem de gente rica da Allemanha. Sempre foi assim e, por isso, Bremen tem os seus caprichos e os seus habitos algo differentes do resto do paiz.

E é caminhando de vagar, quasi sem rumo, que eu me vou pelas ruas da velha cidade livre, nesta manhã terrivelmente ventosa. Busco em cada physionomia, em cada esquina, nas etiquetas de cada vitrine, o effeito de sete mezes de guerra. Tudo, porém, está tão apparentemente normal que desnorteia qualquer pesquisa.

Entro, afinal, na adega da Rathaus, uma das mais famosas e velhas "caves" da Europa. Lá dentro, a gente, como nos dias de paz, bebe com tranquillidade o apperitivo, emquanto se approxima a hora do almoço. No bar do Hotel Columbus o aspecto é o mesmo. Nos cinemas e nos theatros tudo marcha com o rythmo dos dias normaes. Bremen conserva com "aplomb" de cidade eleita a sua calma de sempre. Pelas suas ruas, a curiosidade do reporter apenas encontra a estatua de Rolando en-

volta numa cinta de saccos de areia, prevenida contra qualquer ataque aereo.

O mais é como nos dias de antes de 1.º de Setembro. Não falta siquer a voz monotona dos *"camelots"*, pregando, para grupos de transeuntes curiosos, as virtudes de uma nova pomada para callos ou as delicias de uma marca de cigarros.

Busco, emfim, os balcões de uma livraria. Dezenas de freguezes folheiam as ultimas novidades. Muita literatura já sobre a guerra. Algumas obras em terceira e quarta edições. Com grande surpresa vejo enfileirados, ante os olhos dos freguezes, livros de varios autores, que, no exterior, se diz serem prohibidos no Reich — Ludwig, Freud, Stephan Zweig etc... As obras de Bernard Shaw, em optimas encadernações, formam todo um canto artistico de uma estante.

*
* *

Nos escriptorios do Lloyd Bremen, um "boy" attende-me gentil e leva-me para uma sala de espera cheia de miniaturas de navios da companhia. Cinco minutos depois, estou frente ao commodoro Ahrens, que, com tanta segurança, trouxe dos Estados Unidos para Murmansk, e dahi ao Reich, o

super-transatlantico "Bremen". É um homem que fala com voz pausada e tranquilla, como se contasse uma historia a uma criança. Em tudo e por tudo elle se revela o typo do "lobo do mar".

Digo-lhe que no Brasil toda gente acompanhou com interesse quasi sportivo a sua fuga através dos mares, perseguido de perto pelos canhões da Home Fleet. Elle sorri um largo sorriso de campeão que tem bem seguro o primeiro logar.

— Isto foi uma aventura que, graças a Deus, chegou a bom termo, mas não sem fazer vibrar até o delirio os nossos nervos.

E enrolando pachorrentamente entre os dedos um cigarro:

— Como sabe, nós tivemos a nossa partida de Nova York retardada de dois dias, por motivos que são do dominio internacional. A nossa ansiedade era de enlouquecer, mas conservamos os nervos nos seus logares. Sahimos afinal com tres outros navios, entre os quaes um inglez. Como nos seus grandes dias, o "Bremen" trazia accesas todas as suas luzes. Fóra da barra, ganhamos rapidamente o Oceano e, uma vez perdidos de vista os outros barcos, mergulhei o transatlantico nas trévas. Juramos, então todos, desde os da ponte de commando até os ultimos tripulantes, não deixar cair a luxuosa nave nas mãos dos inglezes.

Sabiamos bem que tudo estava contra nós e que varios navios de guerra britannicos já anda-

vam ao nosso encalço. Horas depois rebentava a guerra.

A manhã seguinte nos protegeu com uma bruma providencial. Reunida a tripulação, pintamos o navio de prôa á popa, alterando-lhe por completo a silhueta. E, dahi por diante, fomos em zig-zag pelos mares afóra, navegando á toda força das nossas machinas. Á pericia dos nossos radio-telegraphistas pudemos escapar de barcos que nos pareceram suspeitos. No topo do mastro, dia e noite, um marinheiro vigiava, avisando-nos acerca da menor coisa que surgisse nas linhas de horizonte.

O commodoro silencia um pouco e continúa:

— É facil imaginar em que tensão nervosa fizemos essa memoravel travessia. O dia 6 de Setembro marcou o momento critico da nossa viagem. Raiava uma manhã magnifica e, subito, esbarramos com um *destroyer,* que vinha ao nosso encontro. Felizmente tudo não passou de um grande susto, pois o *destroyer* era russo. Emfim, chegamos a Murmansk, na Russia, onde fomos recebidos quasi triumphalmente pela população local.

Pergunto-lhe pela travessia de Murmansk á Allemanha.

— Foram tambem dias memoraveis, pois, como devido ao grande calado do "Bremen" não podiamos navegar nas aguas norueguezes, tivemos que ir até o centro do Mar do Norte. Mas tudo se passou como previramos, e não é verdade que

tenhamos encontrado no caminho um submarino inglez, que, por cavalheirismo não nos torpedeou, como disse o seu commandante. Apesar de termos quasi costeado a Inglaterra, não vimos nem a sombra da Home Fleet... (*)

(*) O submarino inglez era o "SALMON", cujo afundamento o Almirantado communicou em Julho.

A PRIMAVERA CHEGOU A POTSDAM – NO SANS SOUCI EVOCAM-SE VELHAS HISTORIAS DO TEMPO DE FREDERICO, O GRANDE – NOS ESTUDIOS DA UFA, A MAIOR ORGANIZAÇÃO CINEMATOGRAPHICA DO MUNDO

Potsdam, com a sua historia, abre-se em perspectivas cheias de sol ante os meus olhos. Leio na gente uma alegria mórna; a alegria de poder-se, emfim, caminhar sem agazalhos pelos bosques. O inverno partiu. No grande lago, em frente ao castello, os cysnes riscam com volupia as aguas ainda frias. Garotos passam rumo ás escolas, brilhando á claridade da manhã as suas faces coradas como maçãs. A um canto annuncia-se, em grande cartaz, a estréa de um novo film — "A estrella do Rio". Vejo a nossa bahia de Guanabara; no seu melhor flagrante, colorida com todas as nuances dos seus grandes momentos. Em resumo: sinto que a primavera chegou a Potsdam como nos dias de paz, fazendo vibrar em cada canto a alma alegre da sua gente.

*
* *

Sans Souci, com a evocação dos concertos de flauta de Frederico, o Grande, ainda tem um pou-

co de néve pelo seu parque maravilhoso. Como sempre, fala-se ali de Voltaire e do velho molineiro, cujo moinho historico eu vejo marcando um traço forte de originalidade na paysagem.

A guerra nos arredores de Sans Souci é um assumpto longinquo. Pares passeiam sem programma pelas alamedas, indifferentes aos letreiros dos jornaes matutinos. Cá e lá, soldados se distrahem, mirando as arvores e escutando os trinados dos primeiros passaros cantores que voltaram com o sól. Um guia repete para um grupo de turistas italianos, na sala da bibliotheca do castello famoso, velhas historias do "Alte Fritz".

Potsdam está normalzinha como nunca...

*
* *

Na "gare" de Babelsberg, dois amigos me esperam de braços abertos: o Conde Schoenfeldt e o actor Willy Fritsch. E dizem-me que estou "confiscado" para uma visita á Ufa. Não ha automoveis e atravessamos o grande bosque a pé, pisando aqui e ali nas sóbras das nevadas, que ainda insistem em colorir com manchas brancas as margens do caminho e as raizes dos velhos e gigantescos pinheiros.

Willy Fritsch conta-me que deverá embarcar, dentro de poucas horas, para Hamburgo, pilotando um grupo de artistas de cinema. Vão representar varias coisas alegres para os marujos dos submarinos que acabam de regressar dos seus cruzeiros contra a Marinha ingleza. O Conde Schoenfeldt, como bom viennense, cantarola, pelo bosque afóra, um trecho de valsa.

Pergunto-lhe pelo guerra. Elle ri.

— Temos trabalhado mais do que nunca. O Fuehrer fez questão que nenhum artista da Ufa fosse mobilizado. Temos soldados demais no "front" e o cinema é, dentro da guerra total, um "front" como outro qualquer. Aliás, a Ufa nasceu da guerra . É uma creação do general Ludendorff. Foi elle que comprehendeu o grande alcance do cinema como alicerce cultural e civico de um povo. Aquelle tempo existiam na Allemanha varias pequenas empresas de films, que se degladiavam ao sabor das tricas da concorrencia. Separadas como estavam, nada podiam fazer de util, nem á patria, nem a ellas proprias. Ludendorff resolveu agir militarmente no assumpto e fundiu todas ellas sob o letreiro da Ufa. E eis como nasceu a empresa cinematographica, que hoje é a maior organização no genero existente do Mundo. A Ufa, é, actualmente, maior e mais rica do que qualquer empresa de films isolada da America do Norte. E, das amplas proporções a que attingiu a rea-

lização do grande cabo de guerra, ahi temos um flagrante precioso em Babelsberg, outr'ora uma pequena estação quasi anonyma em meio da róta Berlim-Potsdam.

Caminho agora pela avenida que conduz á "Cidade da Ufa". Sopra um vento primaveril e vae uma lufa-lufa á volta de todos os estudios. Vejo um trecho abandonado do Sahara; mais adiante, um pelotão de "hussards" do tempo da Rainha Maria Thereza, esperando alguem, á porta de um castello de papelão, para as continencias do estylo...

A vida dentro dos limites de uma empresa de films é igual em todos os quadrantes. Os seus detalhes e os seus flagrantes obedecem á mesma confusão de themas e de côres. O quadro varia apenas quanto á extensão. Assim, o meu primeiro contacto com a Ufa foi, mais ou menos, a reproducção das scenas que já passaram ante as minhas retinas em Hollywood. Apenas aqui não ha o mundo de castas, que marca o climax da cinelandia americana, separando nitidamente, dentro de circulos sociaes incontaminaveis, os que ali trabalham. Não. Aqui, uma "star" fala naturalmente com um "extra", e o director vae tomar, nos intervallos, o seu "chopp" ou o seu café, com o modesto operador vestido de macacão.

Insisto em perguntar pela guerra.

— Por ora nada, informam-me. Fazemos cinema constructivo, mas longe do ambiente das ba-

talhas e das calumnias. Não temos duvida alguma quanto á victoria da nossa causa. Ella é a causa de uma nova éra para todos os povos. Não descemos, pois, ás intrigas. Deixamos essa maneira de agir á plutocracia internacional e aos seus satellites. Não odiamos ninguem, nem queremos nada dos outros. Queremos viver como os outros, apenas. O nosso cinema continúa, pois, dentro do seu norte constructivo e optimista.

A GUERRA E OS SEUS REFLEXOS NO QUADRO ECONOMICO INTERNACIONAL – FALANDO COM O SR. SCHLOTTERER, DIRECTOR DO MINISTERIO DA ECONOMIA DO REICH – AS RELAÇÕES COMMERCIAES ENTRE O BRASIL E A ALLEMANHA

No Ministerio da Economia do Reich, grande era o movimento naquella manhã, em que as ruas de Berlim surgiram pela ultima vez forradas com tapetes de néve.

Entrego o meu cartão de visita a um continuo qualquer, que desapparece rapido, atraz de um reposteiro.

Minutos depois sou introduzido na sala do Director do Ministerio, o Sr. Schlotterer.

S. s. apresenta-me aos seus collaboradores immediatos e convida-me a tomar assento ao seu lado, num grande sofá em velludo verde.

A conversa dirige-se, depois de alguns instantes, para os meus objectivos. O Sr. Schlotterer vae falando com naturalidade, emquanto um photographo arma a sua machina para um instantaneo.

Vou tomando nota das suas palavras.

Diz elle:

— A Allemanha está travando esta guerra que lhe foi imposta, sob condições essencialmente mais favoraveis, não só politica e militarmente, como tambem no campo economico, do que durante o conflicto mundial de 1914. Não existe mais,

na Allemanha de hoje, uma só fonte de materias primas, que não esteja sendo integralmente explorada. Além do augmento da producção das fontes de materias primas já anteriormente exploradas, abriram-se novas fontes neste ultimos annos, bem como, tornaram a ser exploradas as jazidas antigas, ás quaes o systema do liberalismo havia renunciado, porque não proporcionavam lucros sufficientes. Pelo emprego systematico das materias primas existentes, (antes de tudo, do carvão) as importações do estrangeiro tornaram-se superfluas, em numerosos casos, e em outros puderam ser limitadas. Varios artigos, taes como a "Buna", substituto da borracha, são hoje produzidos aqui por meio de materias primas nacionaes, em grande

escala. Tambem no campo das industrias texteis, a Allemanha de hoje tornou-se amplamente independente das importações estrangeiras. Quanto aos generos alimenticios, as medidas efficientes que foram tomadas, garantem a subsistencia de toda a população do Reich.

S. s. continua:

— Nos casos em que o fornecimento de materias primas não pode ser effectuado de modo sufficiente, dentro das medidas internas, elle é completado por fornecimentos do estrangeiro, dos paizes neutros, que continuaram em contacto com a Allemanha, a despeito do bloqueio inimigo.

Com o auxilio da capacidade integral das industrias allemãs que ainda continua em grande escala satisfazendo a producção normal, apesar da immensa tarefa do armamento, foi possivel não só manter o volume de troca de mercadorias com os paizes neutros, como tambem augmental-o, em numerosos casos. Assim, a Allemanha concluio ultimamente um accordo economico com a Russia, que garante á sua economia materias primas da mais elevada importancia. As industrias texteis recebem, mercê desse accordo, quantidades de algodão iguaes ás das importações anteriores dos paizes sul-americanos. Mantimentos, importantes, como cereaes, oleos, gorduras e carne, além de forragens, a Allemanha obtem hoje na U. R. S. S. O Reich paga todos estes artigos impor-

tados com os productos das suas industrias. Dessa maneira, a troca de productos não é só do interesse da Allemanha, unilateralmente, mas igualmente dos seus contrahentes economicos.

De maneira alguma pode-se, portanto, falar num bloqueio da minha Patria. Verdade é que neste momento, em consequencia das medidas do cerco tomadas pelas potencias adversárias, não temos possibilidade de manter a troca de mercadorias com a America Latina. A Allemanha, porém, já manifestou o seu desejo de conservar o seu commercio com a America Latina, mesmo depois do inicio da guerra. Nós todos lamentamos que esse Continente esteja soffrendo perdas consideraveis em consequencia da exclusão do grande comprador, que era a Allemanha, precisamente nos ultimos tempos precedentes á guerra.

O meu entrevistado faz uma pequena pausa e entra a falar das relações teuto-brasileiras:

— Com o Brasil, a Allemanha sempre manteve as melhores relações, tanto no terreno da amizade e da cultura, como no campo commercial. Quanto a este, as nossas Patrias souberam estreitar mais fortemente os seus élos nos ultimos tempos. E isto porque, de parte a parte, houve a comprehensão exacta quanto á harmonia das nossas respectivas economias. O Brasil offerece, em quantidades quasi illimitadas, productos da sua agricultura, que podem ser absorvidos integralmente

pela Allemanha. Por outro lado, o Reich fabrica nas suas industrias modernas, artefactos que representam um valor incalculavel para o Brasil, na sua evolução economica e industrial cada vez mais dynamica. Igualmente illimitada, como as possibilidades dos fornecimentos brasileiros, é a capacidade de consumo do nosso paiz, com a sua população excedendo os 80 milhões, e o seu padrão de vida notavelmente elevado, o que faz a Allemanha ser o mais importante consumidor europeu. Esse consumidor, perderam-no os paizes da America Latina, sem que existisse um substituto qualquer. A guerra imposta á Allemanha pela Inglaterra, portanto, não proporciona vantagem alguma aos paizes sul-americanos, e sim, representa, para elles, grandes prejuizos.

A America do Norte não póde assumir o papel de comprador de grande maioria dos productos da America Latina. Naquelle paiz, com a excepção do café, do cacáo e da borracha, os productos são os mesmos que os que produz a America Latina. Os productos até agora comprados pela Allemanha, não podem ser remettidos para a America do Norte, sem que a propria producção "yankee" corra perigo. Os paizes inimigos do Reich, por sua vez, não podem compensar os prejuizos por elles causados. A Inglaterra, antes de tudo, não pode adquirir productos latino-americanos, em grande escala, pois é obrigada a com-

prar generos alimenticios e materias primas nos seus Dominios. Para as mercadorias que os paizes inimigos da Allemanha compram na America do Sul, pagam-se agora preços baixos, porque a concorrencia allemã está ali, no momento, excluida.

A guerra está provando que o Brasil agiu criteriosamente quando acolheu bem a presteza allemã em prol da manutenção das boas relações commerciaes. A Allemanha, depois desta guerra, da qual sahirá victoriosa e mais poderosa do que nunca, ha de demonstrar a mesma presteza para uma intensa troca de mercadorias com o Brasil. Os annos precedentes á guerra — e, antes de mais nada, os tempos de guerra, — obrigaram a Allemanha, a produzir cada vez mais, por meio das suas industrias, as mercadorias anteriormente compradas ao Brasil, ou a adquiril-as nos paizes europeus vizinhos. Não obstante, o Reich estará sempre em condições de consumir em grande escala, mercadorias brasileiras, pois a sua capacidade de consumo será, após a guerra, maior ainda do que antes.

A Allemanha tem a absoluta convicção de que o Brasil proseguirá na mesma attitude que canteve até o presente. Dest'arte, auguro que, dentro de uma cooperação harmoniosa, as nossas Patrias poderão levar a balança dos seus negocios reciprocos a niveis jámais attingidos, logo que a paz desça sobre a Europa.

COM O "LEADER" DO RACISMO ALLEMÃO – "RECONHEÇO QUE CERTAS IDÉAS POR MIM PROCLAMADAS, NÃO SÃO ACCEITAVEIS ENTRE OUTROS POVOS E RAÇAS", DIZ O "REICHSLEITER" ALFRED VON ROSENBERG – A NECESSIDADE VITAL DE COLONIAS PARA ATTENDER Á FALTA DE ESPAÇO EM QUE SE DEBATEM OITENTA MILHÕES DE ALMAS.

Um sól glorioso innunda de luz a manhã magnifica. O meu taxi passa rapido sob as columnas gigantescas da Porta de Brandenburg e ganha a direcção do gabinete de trabalho do "Reichsleiter" Alfred von Rosenberg. Em poucos instantes estou frente ao philosopho do Partido Nacional Socialista, o chefe famoso do racismo allemão.

Alfred von Rosenberg é, sem favor, um dos homens mais civilizados e cultos da Europa, e uma entrevista com elle nunca é uma tarefa facil ao reporter. As suas palavras envolvem invariavelmente pensamentos profundos e são ditas num allemão "rafiné", torturado aqui e ali por devaneios grammaticaes pouco accessiveis a um estrangeiro. É uma palestra sempre colorida por requintes de pensamentos e requintes de linguagem.

Elegante, como nenhum outro estadista europeu, o "Reichsleiter" von Rosenberg traz o seu gabinete de trabalho dentro de uma negligencia intencional, onde em tudo e por tudo a gente respira a atmosphera do sentido cultural e esthetico.

Faço-lhe as primeiras perguntas. Elle m'as responde sem esforço, pontilhando-as aqui e ali

com uma ironia cortante e profunda. Chego, afinal, ao que pode interessar aos leitores do Brasil.

Elle diz:

— O sr. vem de um paiz quasi inteiramente catholico. É, pois, comprehensivel que certos acontecimentos registrados na Allemanha, com a tradição religiosa, que predomina nessa terra, se apresentem ali sob aspectos differentes dos que aqui percebemos. Sempre foi nossa maxima que cada povo deve cultivar as suas proprias tradições. Essas tradições differem de paiz para paiz. Foi precisamente a nossa theoria racial, (alvo da maior parte das criticas) que estabeleceu o postulado do respeito aos nacionalismos alheios, ao lado do postulado do culto do proprio nacionalismo. É isto que accusamos o capitalismo do seculo 19: a falta de consideração ás forças creadoras inherentes ás almas e ás civilizações das outras raças. Estamos convencidos que, por exemplo, a guerra do ópio, que envenenou milhões de chinezes, não foi nem um acto de christianismo, nem de civilização, e muito menos ainda uma expressão de respeito a outro povo.

E proseguindo:

— É natural a nossa consternação deante da accusação de querermos dominar o Mundo, feita por estadistas, que, por sua vez, dominam quasi o Mundo inteiro e que, ao que parece, ainda não satisfizeram os seus appetites. Por exemplo: declarou o irmão por parte de pae do ex-primeiro ministro inglez, sr. Chamberlain, ha alguns annos, que "a Inglaterra não havia de mexer um dedo siquer por causa do corredor polonez". O actual governo inglez, porém, defende o ponto de vista de que a demarcação arbitraria das fronteiras allemãs é seu direito exclusivo.

Praticamente, a Inglaterra domina o Mundo, e estou certo que os brasileiros conhecem perfeitamente o papel antipathico ali desempenhado, não pelos allemães, e sim, pelo dominio financeiro britannico. A Allemanha deseja garantir o seu espaço vital; ella quer alimentar-se nesse espaço, e a historia por ella vivida é tão grande, que ninguem poderá persuadil-a de organizar a sua vida como satelite da ilha britannica. Talvez um brasileiro comprehenda melhor do que qualquer outro, o que significa isso: a necessidade de 80 milhões de almas viverem num espaço de 600.000 kilometros quadrados mais ou menos.

Vós, brasileiros, com os vossos 50 milhões de almas e os vossos nove milhões de kilometros quadrados, podeis bem comprehender a nossa tragedia. Em vossa casa não falta jámais trabalho, nem espaço para todos, emquanto que na Allemanha, tudo isso escasseia de tal maneira, que, para a nação allemã, a organização de colonias se tornou uma necessidade vital.

S. Excia. continúa:

— Desejo dizer ainda algumas palavras sobre as suppostas tendencias de propagarmos o paganismo no Mundo. As tradições da Allemanha e as necessidades resultantes da orgazinação da sua propria vida, destinam-se unicamente á propria Allemanha. Admitto que taes tradições e os preceitos que dellas resultam, talvez não correspondam á mentalidade e ás tendencias de outras nações e raças. Por isso mesmo, evitamos sempre que aquillo que nós chamamos de "philosophia nacional-socialista", seja suggerido aos outros grandes povos civilizados. Estou certo que certas idéas por mim proclamadas não são acceitaveis entre outros povos e raças. Reconheço isto em primeiro logar: não o são, e, por isso mesmo, prohibi que a minha obra principal fosse traduzida para o hespanhol e o italiano, e jámais consentiria com uma traducção para o portuguez, pela simples razão que, mesmo se ella interessasse a determinados politicos ou scientistas, não deveria levar os nossos conflictos para um meio em que outras tradições determinam a vida popular. A unica traducção até o presente publicada é a japoneza. Mas o Japão tem uma civilização completamente differente, e não existe ali o perigo de que as tradições japonezas sejam desfavoravelmente influenciadas.

Ao admittir tudo isso, não quero deixar de accentuar que, tambem nos outros povos ha muitas coisas que nos parecem regeitaveis. Mas, segundo

julgamos, não ha razões para um protesto da nossa parte, pois tal phenomeno tem sido observado desde sempre, na vida commum dos povos. É precisamente a nossa concepção de raça que nos permitte apreciar a evolução de outras civilizações individuaes, concedendo aos outros povos o mesmo direito de seguir os seus proprios rumos philosophicos.

Defendemos o ponto de vista de que as raças e os povos poderiam conviver cada um segundo o proprio estylo de vida, sem que a differença natural entre as varias doutrinas, cause forçosamente perturbações das relações existentes entre os povos.

NA "VITRINE DO MUNDO" – LEIPZIG E AS SUAS FEIRAS – MESMO COM A GUERRA, 16 PAIZES COMPARECERAM AO CERTAMEN DE MARÇO – ONDE OS BRASILEIROS SÃO RECEBIDOS COM UM AFFECTO ESPECIAL

A maior estação ferroviaria da Europa, com as suas vinte e seis plataformas gigantescas, engole rapidamente o meu trem. Leipzig, "a vitrine do Mundo", o mais importante centro do commercio de livros da Allemanha, está deante de mim, nessa tarde quasi cinza de fim de Março, em meio da qual um vento constante procura varrer dos asphaltos o cartão de visita das ultimas rajadas de néve.

O meu automovel roda em direcção ao hotel, offerecendo-me, em "trailler", uma visão estupenda da terra natal de Wagner. Aqui é o edificio da Camara Municipal, com a sua torre, alta de 111 metros; ali é a antiga Bolsa, são as velhas igrejas de S. Nicolau e de S. Thomaz, esta tão cheia do nome de Johann Sebastian Bach; mais adeante, na Barfussgasse, é o café famoso, dentro do qual Roberto Schumann passou as suas horas de ocio; a rua Bruhl, em cujo numero 3 veio ao Mundo, como filho de um modesto policia, o genio de Richard Wagner.

Leipzig é a sua Feira, e a sua Feira é, em grande parte, a historia do commercio allemão.

— A primeira Feira teve logar em 1268, diz-

me um amigo, começando um esboço de biographia da cidade. Já no seculo XIII os compradores estrangeiros visitaram Leipzig, para os seus negocios. E o burgo foi crescendo, até passar as velhas muralhas que o cercavam. Hoje, as praças ajardinadas que está vendo, repousam sobre os mesmos logares onde, outrora, se erguiam essas muralhas, que, após a batalha das nações contra o jugo napoleonico, vieram abaixo.

E continuando:

— Leipzig no seculo XVIII era tida com justiça como "a cidade mais instruida da Allemanha". Lessing e Goethe frequentaram a sua Universidade; Bach obteve aqui os seus maiores triumphos; Schumann ensinou musica no nosso Conservatorio e Lortzing aqui compoz as suas melhores operas. Por inspiração de List, o creador do systema ferroviario allemão, de Leipzig partiu, ha mais de seculo, a estrada de ferro para Dresden. Hoje, com os seus novecentos mil habitantes, Leipzig, continuando as suas tradições de cidade eleita, é o mais importante centro de Feiras do Mundo e o maior emporio de livros da Europa Central, a séde da Bibliotheca Allemã, já com mais de um milhão de volumes.

*
* *

A Feira de Março já acabou. Della sobram apenas as estatisticas e a alegria dos seus organisadores pelo successo obtido, malgrado a guerra e o bloqueio inglez.

Entro no Palacio das Nações, onde a directoria da Feira tem installados os seus "bureaux" de informações.

— As nossas cifras são rigorosamente exactas, diz-me o Sr. Fichte, Presidente da Feira, alto funccionario de "SA" e ex-combatente da Grande Guerra, onde em acto de bravura, perdeu a vista direita. E assim tem que ser, porque ellas são o thermometro da nossa vida economica. A Feira, como sabe, dura apenas cinco dias e attrahe a Leipzig milhares de compradores. Não digo visitantes e curiosos, porque a Feira, com o seu "bruhaha" intenso, não forma clima para turismo, apenas para interessados commerciaes nos seus mostruarios.

E explica-me porque a Feira dura tão curto prazo:

— Prorrogar esse tempo é impossivel, pois exigimos que os nossos expositores tragam as amostras de todas as suas producções. Tratando-se de um certamen de magna importancia, os expositores trazem comsigo todos os seus technicos e directores. Ora, assim sendo, qualquer prorrogação viria affectar a vida dessas fabricas. Imagine-se o corpo technico da organização Krupp,

por exemplo, longe dos seus "bureaux" mais de uma semana...

Deixo o gabinete de trabalho do Sr. Fichte para uma visita á grande organização, em companhia do Sr. Hirschmann, chefe dos Escriptorios Estrangeiros.

Visitamos agora a Feira Technica, com os seus 21 pavilhões gigantescos que este anno não se abriram devido a guerra. No "hall" n.° 9, o Sr. Hirschmann diz-me:

— Foi aqui que Hitler reunio os seus adeptos de Leipzig, nos dias memoraveis da sua campanha pela redempção da Allemanha.

Dirigimo-nos, a seguir, para o escriptorio central, installado em um velho predio, com as escadas gastas pelos seculos. Ahi avisto-me com o Chefe da Secção de Estatisticas. Elle extende-me ante os olhos varios graphicos minuciosos.

— A inscripção de expositores augmenta de anno para anno, informa-me. O Brasil figura aqui na escala ascendente, numa posição magnifica e isto nos enche de alegria, dados os multiplos laços de estima que nos unem á grande Patria sul-americana.

E passando ás cifras:

— Em Março de 1939, vendeu a Feira 840 milhões de marcos para o mercado allemão e 160 milhões para o exterior. Este anno vendeu ella internamente 152 milhões de marcos e 30 milhões

para o estrangeiro. É preciso não se esquecer que isto se registrou em plena guerra, com milhares de compradores e vendedores impedidos de chegar até nós, devido ao bloqueio.

O meu entrevistado fala sobre o futuro:

— Já nos preparamos para a Feira de Agosto, mesmo que até lá o paiz ainda esteja em guerra. Estamos certos, porem, que a Allemanha vencerá essa grande e decisiva batalha, a que foi levada pela plutocracia ingleza. E, dest'arte, a "vitrine do Mundo" começa a se preparar para a sua Feira de após guerra, na qual não faltará seguramente, o Brasil.

A Feira, que ora vem de ser encerrada, provou que a projecção de Leipzig, como entreposto mundial de compras e vendas, não soffreu o menor colapso. Nada menos de 16 paizes aqui se fizeram representar, attingindo o vulto dos negocios nesses cinco dias a mais de um milhão de contos de reis. Isso em plena guerra, meu caro!...

*
* *

Cae a noite sobre Leipzig e o "black out" faz mais fria essa noite. Tenho nos olhos o "trailler" mais bonito e expressivo do dymnamismo germa-

nico. O meu carro róda agora nas trevas, rumo á gare. Commigo vae a impressão de que os brasileiros são recebidos em Leipzig com um affecto todo especial.

"A SITUAÇÃO DO OPERARIO ALLEMÃO NÃO PÓDE SER TOLERADA PELA PLUTOCRACIA INTERNACIONAL" – NA FRENTE ALLEMÃ DE TRABALHO – UMA OBRA QUE MARCOU UMA ETAPA NA HISTORIA DAS CONQUISTAS SOCIAES – COM A PALAVRA O SR. BUSCH, UM DOS MAIORAES DA ORGANIZAÇÃO.

A Frente Allemã de Trabalho não é apenas a maior organização trabalhista do Mundo, mas — e principalmente — a maior e a mais profunda revolução social já realizada entre os homens.

Ao subir ao poder, em 1933, o Partido Nacional-Socialista tinha deante de si, como um dos mais difficeis "tests", o quadro nada edificante de uma Allemanha dividida até o absurdo por todas as divergencias de classes. Varios milhões de communistas, divorciados a vinculo de todas as mésinhas juridicas e de todos os Departamentos do Estado, completavam o quadro, riscando nelle uma sombra ameaçadora. Transferindo-se do seu apartamento do Kaiserhof para a Chancellaria, Hitler levou no seu programma de acção o repudio aos syndicatos, e isto sob a allegação de que estes, nascidos como medidas de reacções aos patrões, constituiam-se, como consequencia, em orgãos de luta de classes.

O Nacional-Socialismo trazia, porém, algo novo: a communhão de todos os interesses, através da Frente Allemã de Trabalho, afastando do sólo patrio quaesquer choques entre empregados e empregadores.

Á essa occasião, em varios manifestos, explicou-se amplamente o objectivo basico da nova organização. Dizia-se que os syndicatos haviam nascido dos grupos profissionaes creados contra as medidas exploradoras dos patrões, e que os varios partidos politicos então existentes no Reich, estribavam-se nelles para, em trazendo accesas as lutas de classe, moverem os cordeis dos seus interesses.

O Nacional-Socialismo repudiando a these de que as organizações profissionaes tinham que apoiar por um lado os patrões e, por outro, os empregados, lançando-os numa luta sem quartel, creou a Frente Allemã de Trabalho, dentro da qual arregimentou os dois grupos. Formou-se, então, a seguinte linha: povo-partido-Estado-partido-povo.

Dest'arte, temos o Partido como filtro politico responsavel perante o povo. Partindo-se do principio de que a vida nacional é formada pelo povo, no seu conjunto, tratou-se de fazer uma selecção de homens politicos, tirados de todas as camadas sociaes do paiz, para formar-se o que tomou o nome de "soldados politicos". Assim, é facil comprehender-se que a F. A. T. é como que uma liga annexa ao Partido Nacional-Socialista.

Os syndicatos peccavam pela sua impotencia, diz a doutrina allemã. Dependiam de favores do governo, e apenas representavam classes isoladas de trabalhadores. A F. A. T. reuniu dentro do

seu quadro, todos os trabalhadores do Reich, empregados e empregadores, e formou um bloco de 25 milhões de homens e mulheres.

Outras organizações, como a dos escriptores, jornalistas, esculptores, pintores, artistas de theatro e de cinema — Camara de Cultura do Reich — a Liga dos Funccionarios Publicos da Allemanha, a Liga dos Jurisconsultos, a Liga dos Medicos, etc., estão corporativamente ligadas á F. A. T. Desta maneira, temos que a F. A. T. é a organização maxima de todos os allemães que trabalham.

Unidos assim, todos, dentro do grande bloco, temos que a F. A. T. é a propria nação, englobados que estão sob a sua cupola, dentro dos mesmos ideaes e dos mesmos deveres e direitos, todos quantos, como patrões ou como empregados, cooperam no rythmo da vida e do progresso do Reich.

Tal força ganhou esse movimento que, não fosse a F. A. T., como se disse acima, uma liga annexa ao Partido Nacional-Socialista, qualquer um poderia consideral-a como que um Estado dentro do Estado. Isso, porém, não pode ser possivel, pois, a sua acção se faz em nome do Partido, ou seja, em nome do Estado.

Todo um livro seria necessario para resumir tudo quando já fez, no Reich, a F. A, T. Mas nesta

chronica, apenas recordarei a visita que fiz, naquella tarde de fim de março, ao "bureau" de trabalho do sr. Busch, um dos chefes da organização.

— A nossa jornada não foi facil — disse-me elle. Era uma doutrina nova a ser implantada numa nação, que se dividia á voragem de todas as doutrinas. O fracasso do passado tornára, além do mais, o allemão um sceptico. Dest'arte, os primeiros tempos foram empregados no sentido de devolver a confiança ao povo. E isto se fez, demonstrando, através de factos insophismaveis, a sinceridade do movimento. Hoje, esta etapa foi vencida e á volta da F. A. T. reunem-se, com enthusiasmo e com confiança, todos os obreiros da nação. A obra da F. A. T. chegou mesmo a impôr-se fóra das fronteiras da patria, servindo de modelo ás organizações trabalhistas dos outros paizes. As nossas directrizes foram sempre norteadas no sentido da cooperação e da harmonia entre patrões e empregados, e neste rumo começámos por traçar deveres e direitos para cada um dos grupos.

O Sr. Busch continua:

— O sentido humano do movimento é hoje um ponto pacifico na critica internacional. Creou elle legiões de trabalhadores efficientes e conscientes, sem se esquecer de ter como these basica que um operario é, antes de tudo, um ser humano

e não um méro instrumento a serviço dos interesses de uma usina ou de um escriptorio. Os movimentos da F. A. T. ahi estão por toda a Allemanha, á vista de qualquer observador.

Entre elles, eu citarei inicialmente o da "Força pela Alegria", que trouxe aos operarios allemães um pouco daquellas coisas boas da vida, que antes eram apenas accessiveis aos ricos. Possue, hoje, a F. A. T. uma grande fróta de navios para transportar, durante todo o anno, em cruzeiro de férias ao exterior, levas enormes de obreiros germanicos. Em terra, centenas de comboios rodam diariamente para todos os cantos da Europa, levando milhares de operarios em excursões. As fabricas foram fiscalizadas directamente pela F. A. T., para que se transformassem em logares dignos do homem. Mais luz, mais ventilação, installações sanitarias decentes, etc. tudo foi minuciosamente estudado pela F. A. T. Houve reações, é claro, mas hoje tudo está em ordem, á altura de sêres humanos, e os proprios patrões chegaram á conclusão de que o dinheiro gasto em melhorias, lhes resultou em beneficios immensos.

E proseguindo:

— O movimento em pról do desenvolvimento do bom gosto do operario tambem foi iniciado nas fabricas, onde os pratos deixaram de ser de folha de Flandres, para serem de porcellana artistica; as mesas passaram a ter toalhas limpas e guar-

danapos, e os refeitorios tiveram que ser pintados decentemente. Bom theatro, boa musica, boa literatura, sports, tudo, emfim, quanto antes era privilegio dos ricos, passou a ser accessivel ao proletariado. Hoje, elle assiste operas de Wagner, pelas mesmas orchestras e os mesmos artistas que fazem as delicias dos previlegiados da fortuna; hoje, elle ouve, como os demais, o seu trecho de Beethoven, de Liszt, dos classicos italianos e francezes; hoje, elle tem "courts" de tennis e campos de golf, como qualquer outro sêr mais bafejado pelo dinheiro; hoje, elle tem a sua casa decente e hygienica; assegurada a educação dos filhos; a maternidade para a esposa; o hospital para a familia; a aposentadoria garantida e os seus direitos inviolaveis.

O Sr. Busch conclue:

— Veja agora, com a guerra. A lei de mobilização para a "guerra total" veiu, em determinado artigo, cancellar, em parte, embora provisoriamente, certas conquistas ganhas pelo operariado pela mão da F. A. T. Esta vetou esses dispositivos e elles foram incontinenti abandonados pelo Estado Maior do Reich. Eis ahi um exemplo da nossa força. Poderiamos obter isto se tivessemos ficado nos velhos moldes dos syndicatos? Não creio. Um syndicato, para obter maiores vantagens, ficaria contra o outro e jamais se conseguiria um movimento unanime.

Veja o caso da França: o companheiro francez perdeu, incontinenti, com a guerra, todos os direitos que havia conseguido, sabe Deus com que esforços, em meio da balburdia das mystificações sociaes que lá existem. Não só elle ficou com o mesmo salario e sapateando na mesma displicencia com que para elle olha o Estado, como viu as suas horas de trabalho augmentadas. E todos os ensaios de reacção foram abafados com mão de ferro. É por isso, ante a realidade social do Reich, que a situação do operario allemão não póde ser tolerada pela plutocracia internacional. E é justamente por isso que hoje somos todos soldados neste "front" contra a continuação de um Mundo, que insiste em barrar os passos da nova éra.

HISTORIAS DO FRONT DISCUTIDAS EM SESSÕES SECRETAS – O REGIMEN DO STATU QUO... – UMA VISÃO ESPECTACULAR DO PODERIO MILITAR DO REICH

"Il y a des histoires á la Ligne Maginot..."

Tanto se repetiu esse *refrain*, que no Parlamento francez começou-se a interpellar directamente o governo sobre as verdadeiras possibilidades que a França teria para levar seriamente avante uma guerra contra a Allemanha. Das interpellações passou-se ás sessões secretas, mas as historias do *front* continuaram a chegar a Paris e, tanto se quiz saber, que Daladier teve que deixar o poder. Veiu outro *Premier*, "mais cette drôle de guerre" continuou custando muitos milhões de dollares diarios ao erario publico francez e na Maginot o *poilu* continuou fazendo força para não morrer por 70 centimos por dia, emquanto o seu collega inglez ganha trinta francos cada vinte e quatro horas, e tem oito qualidades de marmelada para acompanhar o seu café matinal.

Nestas condições, as historias do *front* não soffreram solução de continuidade, tal como os textos dos boletins de guerra do Estado Maior, durante os longos mezes do inverno. Meia duzia de soldados, porém, de parte a parte, insiste em quebrar a monotonia das primeiras linhas, buscando, em aventuras loucas, a gloria de um cruz

de ferro, da Legião de Honra ou de uma citação em ordem do dia.

*
* *

Somos quatro correspondentes de guerra estrangeiros em qualquer parte da Linha Siegfried. Por sobre barricas improvizadas em mesas, soldados jogam tranquillamente partidas de pocker. Outros "batem papo"; outros não fazem nada. Um rio corta pachorrentamente a paisagem com o curso quasi azul das suas aguas.

— O que é isto aqui? pergunta um reporter.

A resposta vem rapida:

— Aqui é o posto avançado das patrulhas.

Um *frisson* passa pelas nossas espinhas dorsaes. O collega insiste:

— E os francezes?

— Estão ali, diz o official, apontando para a barranca contraria do rio.

A scena pode ser vista a olho nú. É identica á do lado de cá. Soldados — uns cincoenta — espalhados aqui e ali, matando o tempo em afazeres nada guerreiros.

— E não ha perigo? indaga mais uma vez o collega.

—Não. Aqui não, pois por ora, neste sector, vigora o regimen do *statu quo*...

*
* *

Os letreiros, com o classico "Camarada Francez" e "Camarada Allemão", enfeitam toda a extensão de uma frente, que eu vejo em meio da tarde romantica. Pergunto a um sargento, que nos acompanha, o significado de toda essa literatura quasi idyllica.

— Coisas de soldados... responde-me elle displicentemente.

Comprehendo tudo. Tambem neste sector vigora o *statu quo*...

Mais adiante, as peças de artilharia pesada troam de instante a instante. Já agora estamos na retaguarda, a salvo de qualquer surpreza.

Alguem nos informa:

— Ha tres dias, isto aqui estava calmo. Agora chegaram os inglezes e é este barulho que estão ouvindo.

— E, como sabem que agora são os inglezes?

— As nossas patrulhas foram informadas pelos seus collegas francezes. E, dahi, ha tres dias estarem os boletins do commando de ambas as par-

tes annunciando "ligeiras actividades de artilharia" neste sector...

*
* *

Nos altos fórnos do Ruhr, ha sete mezes que se engrandece o poderio militar do Reich. O mais puro aço, modelando engenhos de guerra modernissimos, colloca de hora em hora novos trumphos nas mãos do Estado Maior germanico, para a grande offensiva que não pode tardar. Vejo fileiras interminaveis de canhões de longo alcance, de tanks gigantescos, de metralhadoras, de toda sorte, emfim, de machinas de destruição.

Milhares de operarios — uma grande maioria formada por italianos — trabalham em rythmo perfeito, cercados por todos os cuidados da technica contra ataques aereos. Mais adeante, "em qualquer logar", esbarro com verdadeiras paradas de aviões de bombardeio e de caça, alguns de typo desconhecido. Em cisternas monstros, á prova de bombas, milhões de toneladas de petroleo aguardam a vez de escorrer pelos "pipe lines" para as refinarias. Frente a esses authenticos poços de petroleo, creados pela engenharia de guerra allemã, reccordo, com um collega mexicano, as scenas

dos treinos aereos, que ambos vimos em varios logares do Reich. Eram milhares de paraquedistas, atirando-se, em formações perfeitas, sobre villas e estradas, ante os olhos curiosos da garotada e dos aldeões.

— Estes sabem aproveitar bem a tregua do inverno, diz o meu companheiro.

E accrescenta:

— Emquanto aqui não se perde um minuto siquer, lá — e aponta para as bandas da linha Maginot — só se cuida de politica e se espera que os Estados Unidos entrem no conflicto...

*
* *

Não quero ser propheta, mas tenho a impressão de que quando os allemães desencadearem a offensiva, algo de muito surprehendente acontecerá. Esse potencial bellico assombroso que dispõe o Reich e principalmente essa confiança quasi divina na victoria, que eu vejo estampada em todas os allemães, não podem ser "bluff". Tenho bem nitidamente nas retinas a visão de um tank amassando uma floresta como se a mesma fosse de manteiga, para não acreditar em mystificações. (*)

(*) Em Junho ultimo constatou-se que os meus prognosticos não andaram longe da verdade...

9 DE ABRIL DE 1940 – EMFIM, COMEÇOU!... – RIBBENTROP FALA Á IMPRENSA INTERNACIONAL – EM COPENHAGUE, COM O DINAMARQUEZ, QUE NÃO CHEGOU A VER A GUERRA – DEZ HORAS ANTES DOS INGLEZES!

Amanhece o dia 9 de Abril de 1940, em Berlim. As primeiras claridades, porém, ainda não venceram o "black out" da Unter den Linden e já o meu "valet de chambre" do Bristol Hotel desperta-me prussianamente, com uma noticia sensacional:

— As forças do Reich acabam de entrar na Dinamarca e na Noruega, diz-me solemne. Ao meio dia haverá um reunião no gabinete do Ministro Von Ribbentrop, durante a qual S. Excia. exporá aos jornalistas estrangeiros as razões que levaram a Allemanha a tomar tal medida. O Senhor está convocado, telephonicamente, para essa reunião.

E, impeccavel e sereno como um creado palaciano, foi depositando sobre a mesa a grande bandeija com o "breakfast".

Levanto-me ás pressas, e meia hora depois estou na rua, onde milhares de pessoas, mais matinaes do que eu, arrancam das mãos dos jornaleiros as "extras". Procuro lêr nas physionomias a reação que por ventura nellas provocam os lettreiros em negrito, annunciando a grande nova. Nada! Só vejo caras tranquillas, aceitando os aconteci-

mentos, que, de resto, já eram esperados com os primeiros sóes da primavera. Por toda parte ouço a mesma phrase:

— Emfim, começou!...

Nas esquinas e nos restaurantes os alto-falantes parecem irradiar com mais enthusiasmo a marcha famosa — "Marchamos contra a Inglaterra".

*
* *

Em Wilhelmstrasse, no amplo salão de recepção do primeiro andar, cerca de trezentos jornalistas estrangeiros aguardam com impaciencia a chegada do Ministro do Exterior do Reich. São precisamente onze horas e cincoenta minutos. Von Ribbentrop entra na sala, trajando o seu uniforme pardo do Partido. Todos se levantam e ficam silenciosos. O chanceller allemão saúda collectivamente o vasto auditorio, onde se vêem homens de todos os paizes da terra.

Com voz tranquilla, mas energica, S. Excia. lê para os presentes as razões que levaram o Reich a entrar na Dinamarca e na Noruega. Finda a leitura do precioso documento, levanta-se, desejando a todos um bom dia.

Von Ribbentrop ainda não desapparecera

atraz, do pesado reposteiro, e o silencio é quebrado por uma avalanche de commentarios. Os correspondentes de guerra estrangeiros procuram extravasar as suas emoções e os seus prognosticos, enchendo a sala de vozes e de palavras. Procura-se falar allemão em todas as linguas. Tudo isso, porem, dura apenas alguns minutos, pois a ampla porta do salão é aberta, e todos se precipitam pelos elevadores e as escadas, em busca do guichet telegraphico mais proximo. Dentro de poucos instantes, o documento allemão estará sendo lido em todos os cantos do mundo onde exista um jornal.

Á sahida, alguem segura-me pelo braço para esta pergunta:

— Queres ir á Dinamarca? Ha um avião dentro de alguns minutos...

Adhiro a idéia, mesmo sem almoço.

*
* *

Copenhague está tranquilla como qualquer Nictheroy. Os seus habitantes nem siquer ainda perceberam a extensão dos acontecimentos, e deixaxam-se ficar pelas esquinas, á espera de noticias ou mirando os soldados allemães que passam com destino ignorado. Fazem poucas horas que os fa-

ctos se consumaram e tudo já parece tão normal como uma velha partida de box. Elogia-se a attitude do Rei Christiano, poupando ao paiz um sacrificio inutil. Não ha vozes discordantes quanto a isto, e até a mulher que me vendeu algumas photographias da capital e que arranhava regularmente o francez, mostrou-se de accordo com o Palacio Real.

— A Dinamarca, diz-me um collega norte-americano, é um vasto gallinheiro. Daqui seguiam para a Gran Bretanha milhões de ovos, para o "break-fast" do inglez. Agora...

*
* *

São quatro horas da tarde. Os jornalistas estrangeiros estão novamente dentro de um trimotor, de regresso a Berlim. Toda gente tem nos olhos o espectaculo da operação de guerra mais rapida da Historia. Copenhague não chegou siquer a vibrar. Tudo correu tão direitinho como uma aula de arithmetica. Este, mais este, mais aquelle, dá isto!

— A cousa não deu nem para um filme, reclama, no fundo de uma poltrona, um collega. Quando muito será um "short" para encher pro-

grammas vazios. Esses allemães estão positivamente liquidando com o sensacionalismo da guerra. Nem casas destruidas, nem orphãos, nem appellos dramaticos...

O avião decolla, afinal. Dentro delle, duas dezenas de jornalistas estrangeiros gozam o "pic-nic" á Dinamarca.

Adeantando-se dez horas apenas aos inglezes, os allemães jogaram no mar o "Plano Stratforce"...

A BATALHA NAVAL DA NORUEGA E AS PERDAS ALLEMÃS – O CORONEL TEM UMA SURPREZA PARA OS JORNALISTAS ESTRANGEIROS – SCENA DE CARRO-RESTAURANTE – CADA UM DENTRO DO SEU AMBIENTE E UM PAIZ SEM CASTAS PREVILEGIADAS

Somos dezenas de correspondentes de guerra estrangeiros em um campo de manobras do Reich, nas cercanias de Dresden. Dentro de uma magnifica barraca de campanha um Coronel de aviação e varias outras patentes collocam-se á disposição das perguntas da imprensa mundial. Os successos da Noruega estão em fóco, e é em torno delles que gira a indiscreção jornalistica.

Subito alguem pergunta pela perdas navaes allemãs annunciadas pela B. B. C.

O coronel sorri e responde:

— Meu caro, eu não confirmo, nem desminto o que diz a "broadcasting" de Londres, que insiste em proclamar o afundamento de varias bellonaves germanicas pelos canhões da Home Fleet, mas inclino-me pela acceitação da versão ingleza. Que importancia, porem, tem isto? O que importava é que o nosso golpe de mão attingisse o seu objectivo, que era evitar que os inglezes occupassem a Noruega. Quanto ás nossas perdas navaes, cabe-me dizer que os navios de guerra da Allemanha foram construidos para isso mesmo, para irem a pique em luta contra o inimigo e não para deslizarem nas paradas de Kiel. Essas bellonaves não

foram para as costas da Noruega para ali fazerem convescotte e sim para darem ganho de causa aos planos do Estado Maior allemão. E isso ellas conseguiram brilhantemente!

E concluindo:

— Porque nesta guerra os inglezes não mais porão os pés na Escandinavia...

A conversa dirige-se para outros rumos, emquanto um anspeçada serve sem fadiga varias rodadas de "cocktail".

Á volta da barraca onde estamos, um sól matinal magnifico esperdiça á vontade a sua luz sobre o immenso campo, onde, ao lado de soldados em exercicios de metralhadoras, tranquillos camponios fazem circular as suas charrúas.

Um surpreza nos espera, porem, antes do almoço. O Coronel, pedindo um pouco de attenção, diz-nos em certo momento:

— "Em qualquer logar", distante daqui uns oitenta e tantos kilometros, estão agora em manobras varios batalhões. Eu vou dar aos Senhores os nomes desses batalhões, para que um de vós escolha uma companhia de um delles. Em seguida, solicitarei ao Commando que envie a companhia escolhida para aqui o mais rapidamente possivel. Terão então ensejo de verificar que nós não perdemos os nossos dias no inverno, mas que aproveitamol-os em todos os sentidos, para treinar os nossos homens.

O Coronel cita, então, os numeros e os nomes de quinze batalhões de varias armas. Um collega hespanhol escolhe a segunda companhia de um batalhão alpino austriaco, cujo numero não me reccordo mais. Immediatamente um sargento faz funccionar a radio-telegraphia de campanha.

Sahimos todos para fóra da barraca e esperamos. Não havia decorrido ainda meia hora quando uma formação aerea surgio no horizonte, roncando forte os seus motores possantes. Os apparelhos descrevem uma curva espectacular sobre nós e, em seguida, mudando de formação, baixam o vôo.

Como num "ballet" apparecem subitamente no ar, munidos dos seus paraquedas, os componentes da companhia escolhida. Não falta um homem siquer. Um minuto depois eil-a formada, no meio do campo, com os seus fuzis, os seus estandartes, a sua marcialidade...

O Coronel leva-nos até perto dos soldados para verificarmos, atravez do numero que todos trazem á golla do uniforme e atravez dos estandartes, que se trata exactamente da unidade militar escolhida pelo jornalista hespanhol. A seguir, diz-nos satisfeito:

— Agora vamos almoçar...

*
* *

No carro restaurante da Mitropa, que róda em direcção a Berlim, os garçons annunciam aos passageiros que vae ser servido o primeiro turno do almoço. Occupo um logar em frente a uma mesa, onde tres soldados razos preparam-se para comer uma sopa de legumes fumegante. Um Major de artilharia procura, por todos os lados, uma cadeira para si. Dirige-se á mesa onde estão os tres soldados e, fazendo cortezmente continencia, pergunta-lhes se a quarta cadeira está vaga. Os praças levantam-se, batem os calcanhares e respondem que sim. O Major senta-se. Observo a scena. Elle apresenta-se aos soldados. Estes, um de cada vez, levantam-se novamente e dizem os seus nomes e o do batalhão onde servem. O almoço continua. Dentro de minutos já não ha mais barreiras para a camaradagem que se estabeleceu entre os praças e o Major. Os quatro conversam como se fossem velhos amigos e riem sem preoccupações.

Ao meu lado, um amigo que conhece bem a Allemanha de hoje, explica-me:

— Essa scena, que estamos vendo, é bem um flagrante do III Reich, que, dando a cada um a consciencia exacta da sua esphera de acção, quebrou de vez com as castas que outrora dividiam o povo allemão. Sem passar um millimetro siquer do seu ambiente, o cidadão não sente, entretanto, como nos velhos tempo da Allemanha imperial e

da Allemanha democrata, a pressão das differenças de classes, pois, no fundo, dentro da concepção que norteia o Reich de Hitler, todos se sentem irmãos ante o ideal commum da Patria. A posse desse espirito constitue, a meu ver, a maior força do povo germanico, mormente neste instante dramatico da sua Historia. Ha uma camaradagem unindo todos os allemães, mas, como terá visto, dentro dessa camaradagem jamais cada um deixou de ser o que é. O soldado razo, conscio da sua situação de soldado razo, não se julga, entretanto, inferior, como homem, a um General. Este, por sua vez, não se julgará jamais superior aos seus commandados, como homem, pelo facto de ser General. Dentro das suas espheras respectivas e da mais rigida disciplina, ambos se sentem unidos por essa camaradagem de solidariedade ante os destinos patrios, e dahi observarmos, fóra das casernas, scenas como esta: um Major comendo o seu almoço ao lado de soldados razos e com elles matando o tempo em conversas varias. Nem o Major se sente diminuido pelo facto de conversar com inferiores do seu batalhão, nem estes se sentem constrangidos ante a sua presença. Já verá, porem, que essa camaradagem em nada affecta o clima de disciplina que norteia o exercito allemão.

Momentos depois vejo que os soldados terminaram de almoçar. Não se levantam, porem. Esperam que o Major tambem acabe a sua refeição.

Este cruza afinal os talheres. Levanta-se. Os soldados fazem o mesmo. Bate uma continencia que é respondida ruidosamente pelo barulho de botas que se juntam em posição de "sentido". Roda nos calcanhares e se vae. Os soldados esperam um pouco e se vão tambem. Acabado o almoço, cada um voltou á sua posição hierarchica militar...

A GENTE DA IMPRENSA TAMBEM SABE IMPROVISAR UM PIC-NIC – COM A PALAVRA UM VETERANO DA GRANDE GUERRA – A INGLATERRA E A CAMPANHA SUBMARINA ALLEMÃ – OS CASOS "BARALONG" E "KING STEPHEN" RECAPITULADOS NUMA TARDE DE DOMINGO.

Em Frohnau, nos arredores de Berlim, a tarde é um delirio de luz e de sól, neste domingo de primavera. Pelas cercanias os bosques estão cheios de gente que caminha com prazer pela relva já livre das néves.

Um grande grupo, ao redor de uma mesa improvisada, come com appettite sandwiches e conversa com enthusiasmo. É um pic-nic inesperado, surgido em meio de uma excursão de rapazes da imprensa.

Frederico Eck, do "B. Z. am Mittag" fica com a palavra muito tempo, contando cousas da Africa, que elle vem de visitar como membro da comitiva de jornalistas internacionaes que acompanhou o Presidente Carmona.

Depois a conversa toma outros rumos e commenta-se a critica acerba que a Inglaterra faz á campanha submarina allemã, pretendendo passal-a como um acto de barbaria ante os povos neutros. Alguem lembra que mais deshumano é a guerra de bloqueio que a Albion leva avante, pretendendo matar á fome mulheres e creanças da Allemanha. Discute-se, afinal, a moral britannica ante a guerra. Surgem historias, comprovando conceitos.

Quem fala agora é um veterano da Grande Guerra. Diz elle:

— Ha vinte e tres annos, no dia 6 de Outubro de 1916, quatro cidadães americanos foram sendo ouvidos por uma commissão americana de inquerito. Chamavam-se elles Curran, Clark, Hightower e Grosby, e haviam acompanhado, como arrieiros um transporte de New Orleans para Avonmouth, que carregára 350 animaes para o exercito inglez. O respectivo navio, o cargueiro britannico "Nicosian", no dia 19 de Agosto de 1915, a setenta milhas ao sul de Queenstown, na costa irlandeza, foi detido pelo sumbarino allemão "U-27", e submettido a controle. Uma vez verificada a natureza do transporte, foi a tripulação intimada a occupar os escaléres, porque o "Nicosian", de accordo com o direito de guerra, ia ser afundado. Ainda durante os preparativos para levar a effeito esse afundamento — emquanto se apromptava o canhão do submarino e eram lançados aos escaleres do "Nicosian" os cabos de reboque — appareceu no horizonte a fumaça de um navio que vinha se approximando velozmente, e que, por meio de gigantescas bandeiras pintadas nos costados, se apresentava como sendo de nacionalidade norte-americana. O commandante do submarino, capitão-tenente Wegener, satisfeito ao verificar tratar-se de um navio neutro, que puderia acolher os naufragos do "Nicosian", deixou que o mesmo se

approximasse. Subito, o nome "Baralong" tornou-se distinctamente legivel, e de bordo foi arrancada a bandeira americana, içada a britannica e retirada a camouflagem de madeira que escondia os canhões. Logo em seguida foi o submarino attingido por varias granadas que o fizeram afundar em poucos minutos. O navio "americano" outra cousa não era que uma armadilha para submarinos.

Agora, porem, é que se dá o facto monstruoso: Abre-se um fogo furioso contra os marinheiros allemães que nadavam. Mesmo assim, seis delles conseguem salvar-se attingindo os escaléres do "Nicosian". São elles levados a bordo do cruzador auxiliar britannico e, de ordem do commandane Mc. Bride, obrigados a formar no convez. Apparece, então, um pelotão de marinheiros inglezes, que friamente fuzila-os. Um outro grupo, com o commandante do "U-27", Wegener, consegue alcançar o "Nicosian", a cujo bordo sobre.

Sabem o que aconteceu? Por ordem de Mc. Bride o "Baralong" encosta no "Nicosian", marinheiros britannicos passam de um bordo para outro e, de pistolas em punho, perseguem por todos os convezes os allemães, fuzilando um após outro. Apenas Wegener, mais uma vez, consegue escapar. Salta ao mar, mergulha e mal chega novamente á superficie, é perseguido pela fuzilaria. Ferido primeiro no queixo, depois na nuca, enco-

lhe-se todo, boia um pouco e desapparece.

Uma camisa ensanguentada, balas e pedaços de granadas foram apresentadas pelas testemunhas americanos em reforço da sua descripção.

O narrador continua, depois de um breve silencio:

— Historias como esta, existem dezenas em todos os mares, nestes mares em que domina de velha data a Home Fleet. O caso do "Olive Branch", por exemplo, é typicamente inglez. Mas, eu prefiro recapitular a tragedia do "King Stephen", tão conhecida do mundo inteiro. E passando a mão pelos cabellos encaracolados:

— Numa manhã de fevereiro de 1916, o navio de pesca inglez "King Stephen", registrado no porto de Crimsby, avista boiando no mar os destroços de um dirigivel allemão. Ostenta elle o numero "L-19" e foi, em seguida a um ataque a portos inglezes, forçado a baixar no mar do Norte, quando se partiu em dois. Encarando a morte, e agarrados aos destroços, estão 23 aviadores allemães, entre os quaes, o commandante, Capitão-Tenente Loewe. Lentamente escapa o gaz ainda existente, e mais e mais vão afundando os destroços. Cercando o seu commandante, os allemães rezam a Deus para que os salve. E Deus manda soccorro. Pelo menos é o que elles suppõem, quando apparece o navio de pesca inglez citado. Mas nenhum escaler é lançado ao mar, e passa o tempo

emquanto o patrão do barco, um tal William Martins, discute com a sua tripulação. Depois pega no megaphone e grita lastimar não ser possivel salvar os allemães. Allega serem elles em numero demasiado grande e a bordo do "King Stephen" estarem apenas nove homens. Tinha certeza, diz, de que uma vez a bordo do seu barco, os allemães tratariam de subjugal-os e não queria arriscar-se a tanto.

O Capitão-tenente Loewe, pensa nos camaradas de infortunio, no machinista mestre Baumann, que deixou em casa mulher e 5 filhos, e recobrando o animo trata de negociar.

Num inglez impeccavel, explica elle aos pescadores, quanto eram absurdos os motivos allegados, empenha a sua palavra de honra de official de que os allemães sómente teriam expressões de gratidão para com os seus salvadores, lembra o dever de humanidade, e finalmente offerece dinheiro. Tudo em vão. William Martins apenas segura melhor o cachimbo no canto da bocca e exclama: "Não pretendo dar-lhes opportunidade para ganhar mais outra condecoração".

Depois muda de curso, afastando-se. E o "L-19", ferido de morte, fica abandonado no Mar do Norte, cujas aguas o sepultarão para sempre. Uma mensagem dentro de uma garrafa, como ultima noticia, militarmente concisa, fala de homens

allemães, abandonados no mar, que se preparam para morrer pela sua patria...

Um grito sacode o Mundo: a mensagem, contida na garrafa, é tão commovedora, que consegue paralysar por um momento o odio, para dar logar á vergonha e á admiração. O proprio William Martins, talvez arrependido, procura o Almirantado e relata o seu encontro. Fazem zarpar um *destroyer*. Este volta e allega nada ter encontrado.

Posteriormente surge a explicação que realmente nada podia ter encontrado o *destroyer*, pois Martins indicára com dados falsos a posição dos destroços, com medo de que o Almirantado descobrisse ter cruzado o "King Stephen" aguas fechadas aos pescadores, devido ao perigo das minas.

Mezes depois, Martins enlouqueceu e morreu, martyrizado pela mania de perseguição. Isto não impedio, entretanto, que o Bispo de Londres viesse a publico para fazer a defeza de Martins. Um cidadão londrino chegou mesmo a enviar um donativo em dinheiro á tripulação do "King Stephen" e o "Times" escreveu textualmente que "espetar allemães, proporciona maior satisfação do que o jogo de pólo"...

E concluindo:

— Estes ataques á nossa guerra submarina nada mais são do que um detalhe da intolerancia britannica. Creio que para um povo chamar outro

de barbaro por empregar o submersivel, seria preciso, antes de mais nada, que esse povo não possuisse submarinos. Ora, a Inglaterra os possue e em grande quantidade. O que é lamentavel, o que é barbaro, na minha maneira de ver as cousas, é proceder da maneira que venho de narrar. Casos como o "Baralong" e o "King Stephan" não envaidecem ninguem. Ao contrario...

O JUDEU NO III REICH – A REALIDADE E A LITERATURA – CONFIDENCIAS AMARGAS NUM CAFÉ DE LUXO – NA POLONIA E NO PROTECTORADO

Tanto se tem escripto e tanto se tem falado acerca da situação dos judeus na Allemanha, que, qualquer um que salta em terras germanicas já vae disposto a ver "o peior" acerca deste assumpto. Quando, porém, a gente, em viagem para o Reich, recorda que esses "infelizes espancados e espoliados nos seus haveres e nos seus direitos" pelos nazitas, costumam saltar no Rio, tomando a róta directa de Copacabana e dos seus apartamentos de luxo, por certo que toda essa literatura sentimental perde bastante do seu colorido.

Agora, que vi em todos os cantos do Reich a verdadeira situação do judeu, tenho a impressão de que o israelita, passados os primeiros instantes da reacção, foi ali apenas forçado a occupar, dentro do povo allemão, o logar que, em realidade, lhe cabe. É um estrangeiro, e nada mais. Um estrangeiro indesejavel, se quizerem. Mas, se levarmos em conta as tragedias immensas que elle creou para a gente allemã, (que o havia recebido de braços abertos) durante os longos annos em que ella esteve escravizada ao seu jugo, veremos que tudo hoje marcha dentro de um climax de tolerancia tal, que, por certo, não seria possivel entre outros povos,

que, como o allemão, tivessem passado por tão duras provas nas mãos dos judeus.

Não quero desenterrar mortos e, muito menos, sepultar vivos. O que passou, passou e não vale a pena recapitulal-o. Mesmo porque o "assumpto judeu" tombou para um segundo plano na Allemanha de 1940. Ainda existem, é verdade, em certos restaurantes, hoteis e casas de negocios, letreiros laconicos barrando os passos dos israelitas, mas, dentro do grande rythmo da nação, os judeus passam agora quasi despercebidos, parasitando, em geral, á sombra de rendas de predios e de titulos. Traçados que foram os limites das actividades da collectividade hebraica dentro do paiz, os allemães deixaram-na em paz. E, pelo que pude ouvir e ver com os meus olhos, ninguem mais se preoccupa com este assumpto.

Os "campos de concentração, onde milhares de judeus soffrem o captiveiro nazista", segundo pude apurar em rodas israelitas e não israelitas, é uma pura "blague" para effeitos de propaganda no exterior contra o Terceiro Reich. Existem judeus presos, é facto. Mas não pelo facto de serem judeus, e sim por estarem ligados á penalidades do Codigo Penal. Entretanto, fóra do Reich, é muito facil transformar-se um criminoso vulgar em martyr do nazismo. Principalmente quando a maior parte das agencias de informações jornalisticas está nas mãos dos israelistas...

*
* *

A Allemanha, reunidas as terras da antiga Austria, do Protectorado e da antiga Polonia, deve ter hoje, dentro dos seus limites, varios milhões de judeus. Uns trezentos mil emigraram nestes ultimos annos. Vieram para a America, de preferencia para Nova York, Buenos Ayres, Rio de Janeiro e São Paulo.

— Emigrou o peior, a gente que era, afinal de contas, a unica responsavel por tudo isso que aconteceu — diz-me, num café da "Unter den Linden", o Sr. Joseph Mendel, judeu berlinense. Por causa dessa elite verdadeiramente nociva, que tambem nos explorava, pagamos nós todos. Berlim tem mais de duzentos mil israelitas e Vienna mais ainda. Bastas vezes os nossos bons elementos chamaram a attenção dessa gente, que ora flana longe daqui, em outras terras, semeando talvez futuras reacções anti-semiticas. Tudo foi em vão e veiu o inevitavel...

E, com uma voz cheia de magua:

— Somos um raça marcada. Vivemos sob perseguições porque, infelizmente, nos falta o senso de auto-critica. Ao contrario não nos deixariamos levar tão facilmente pelas miragens dos louros dos nossos successos. Veja o que occorre na Ame-

rica do Norte: os que lá estão, pensam hoje da mesma maneira como pensaram, dentro da Allemanha, os judeus, ao tempo em que haviam conseguido um logar verdadeiramente previlegiado. Julgam-se facilmente victoriosos em definitivo e se esquecem que existem no paiz milhões de criaturas que sabem pensar, e que tem bem nitida a consciencia da nacionalidade. Eis porque varios clubs e restaurantes nos Estados Unidos já começam a exhibir letreiros anti-semitas. Somos conhecidos demais, para podermos alimentar certas pretensões. A reacção é fatal.

Faço-lhe uma pergunta indiscreta para o ambiente de um café berlinense, que tem bem visivel o retrato de Hitler. Pergunto-lhe como recebe a collectividade judaica da Allemanha o movimento que lá fóra se faz em seu favor. Elle accende um cigarro e responde:

— Não nascemos hontem, meu amigo. Conhecemos bem o significado dessa campanha. Ella pecca, inicialmente, pela sua nenhuma sinceridade. Não é o judeu allemão, polaco ou tcheco que ella visa defender. A nossa sorte não lhes interessa em nada, e a prova ahi temos que quasi todos os portos do planeta estão fechados para nós. Os poucos que hoje conseguem emigrar, é a custa de muito dinheiro, dinheiro nosso, saido daqui, pelos "guichets" dos bancos nazistas. Não devemos o menor favor a quem quer que seja no exterior.

Entendemo-no com os allemães, só com os allemães e, sómente elles é que nos fornecem divisas. Lá fóra é apenas literatura. Literatura contra o Terceiro Reich, literatura para effeitos politicos internos e externos. Nós apenas interessamos a essa gente como cartaz. Veja o caso da Palestina: uma comedia! Era mil vezes preferivel que essa gente tivesse ficado dentro da Allemanha. Não estaria hoje sendo caçada, nas ruas, pelas balas dos arabes...

E, com mau humor:

— É melhor que nos deixem em paz!

O judeu vae falando, mas eu não o escuto mais. Os meus pensamento caminham longe, buscando reccordar varios documentos recem-publicados na Europa, atravez dos quaes constata-se que o meu informante não caminha longe da verdade nas suas queixas. Estes trechos do Relatorio do Embaixador polonez nos Estados Unidos, Conde Jerzy Potocki, ao Ministro das Relações Exteriores da Polonia, datado de Washington, em 12 de janeiro de 1939, por exemplo, valem ouro:

> "O ambiente actualmente reinante nos Estados Unidos caracteriza-se por um odio crescente contra o Nazismo, muito especialmente concentrado na pessôa do chanceller Hitler, bem como em geral contra tudo que tenha algo que ver com o nacional-socialismo. A propaganda acha-se sobre-

tudo em mãos dos judeus, aos quaes pertencem quasi 100% do radio, do film, da imprensa e das revistas. Não obstante fazer-se esta propaganda muito grosseiramente, pondo-se a Allemanha tão baixa quanto possivel, — aproveitam-se das perseguições religiosas e dos campos de concentração, — ella tem effeitos muito profundos, já que o publico daqui não possue os menores conhecimentos, nem a menor idéia sobre a situação na Europa. Actualmente, a maioria dos americanos considera o chanceller Hitler e o nacional-socialismo como o peior açoite e o maior perigo que ameaça o mundo.

A situação aqui constitue um fôro excellente para toda classe de oradores e para os emigrados da Allemanha e da Tchecoslovaquia, que não economizam palavras para excitar esse publico com as calumnias mais variadas. Exaltam a liberdade americana, oppondo-a aos Estados totalitarios."

.....

.....

"Além dessa propaganda, cria-se tambem uma psychose artificial de guerra: pretende-se convencer o povo americano de que a paz na Europa pende apenas de um fio, sendo a guerra inevitavel. A este respeito fez-se ver ao povo americano e de um modo contundente que a America, em caso de uma guerra mundial, teria de

entrar na luta para defender no mundo o conceito da liberdade e da democracia. O presidente Roosevelt foi o primeiro que deu expansão ao seu odio anti-facista. Com isso visa elle um duplo objectivo: primeiro, desviar a attenção do povo norte-americano dos problemas difficeis e intrincados da politica interna, muito especialmente do problema da luta do capital contra o trabalho; segundo, criar um ambiente de guerra e, com rumores de um perigo que ameaça a Europa, convencer o povo americano a acceitar o enorme programma armamentista que excede em muito ás necessidades da defesa dos Estados Unidos.

Quanto ao primeiro ponto, cabe dizer que a situação no mercado do trabalho é cada vez peior, chegando o numero dos sem trabalho já hoje a doze milhões. Os dispendios da administração no paiz e dos territorios tomam, cada dia, maior vulto, e, unicamente as enormes sommas de biliões de dollares que o Thesouro investe nas obras para dar occupação a esses sem-trabalho, mantém uma certa tranquillidade interna. Até a gora occorreram apenas gréves e disturbios locaes, que não saem do commum. Até quando será possivel suportar essa classe de subsidios do Estado, é difficil vaticinar. A excitação e a indignação da opinião publica, bem como os graves conflictos entre empresas particulares e "trusts"

poderosos, de um lado, e operarios do outro, crearam muitas inimizades ao sr. Roosevelt, tirando-lhe o somno numerosas noites.

Sobre o segundo ponto, só se pode ver que o presidente Roosevelt, com um habil jogo politico, como bom conhecedor da phychologia americana que é, poude desviar logo a attenção do publico do seu paiz da situação interna, interessando-o pela politica internacional. O methodo para attingir essa finalidade não era muito difficil. Bastava pôr em scena, por um lado, e de modo adequado, um perigo de guerra que ameaçava o mundo pela actuação do chanceller Hitler, e, por outro lado, um phantasma falando de um ataque aos Estados Unidos, por parte dos Estados totalitarios. O pacto de Munich foi para o presidente Roosevelt uma occasião muito opportuna. Elle o apresentou como uma capitulação da França e da Inglaterra diante do plano bellicoso do militarismo allemão. Como se costuma dizer aqui, "Hitler collocou a pistola no peito de Chamberlain." A França e a Inglaterra, portanto, não tinham outra coisa a escolher, senão assignar essa paz deshonrosa.

Tambem o propalado tratamento brutal aos judeus na Allemanha e o problema dos emigrantes, deram novos alentos ao odio contra tudo que se relaciona com o nacional-socialismo allemão. Desta acção participaram alguns intellectuaes judeus, como Bernard Baruch; o governador do Estado de Nova York, Sr. Lehmann; o recem-nomeado juiz da Corte Suprema, Felix Frankfurter; o secretario do Departamento do Thesouro, sr. Morgenthau, e outras personalidades da amizade do presidente Roosevelt, interessados em que este se converta em dirigente da luta pelos direitos dos homens e pela liberdade da religião e da palavra, e que se castigue futuramente os que criam intranquillidades ao mundo.

Estas pessoas, investidas nos mais altos cargos do governo norte-americano, e que pretendem apresentar-se como "representantes do verdadeiro americanismo" e como "defensores da democracia", no fundo, apenas estão ligadas com laços indestructiveis, ao judaismo internacional. Para essa internacional judaica, que defende antes de mais nada os interesses da sua raça, a collocação do presidente do Estados Unidos nesse posto "mais ideal" de defensor dos direitos da humanidade, foi uma cartada verdadeiramente genial. Com isso criaram neste hemispherio um fóco muito perigoso de odio e de inimizade, além de terem dividido o mundo em dois campos oppostos.

Todo o problema está sendo tratado de modo mysterioso: nas mãos de Roosevelt estão as bases da proxima politica externa dos Estados Unidos e a creação simultanea de collossaes stocks

militares para a guerra futura, que os judeus pensam desencandear deliberadamente.

Do ponto de vista da politica interna, é muito commodo desviar a attenção do publico d'um anti-semitismo cada vez mais intenso na America do Norte, falando da necessidade de defender a religião e as liberdades contra os ataques do fascismo."

*
* *

A Polonia era o paiz da Europa que maior percentagem de judeus possuia dentro de casa. Toda essa gente está hoje sob o dominio allemão, junto a cujo Governador possue ella um representante consultivo.

Para melhor localizar o israelita, elle anda provisoriamente marcado com uma braçadeira branca, dentro da qual apparece a rosa dos ventos, em linhas azues. No mais, elle continuou como estava, entregue ás suas actividades normaes. Nenhuma resricção lhe foi feita. E a prova disso, eu a tive quando visitei Cracovia, em companhia de dezenas de correspondentes de guerra estrangeiros. Um grande almoço foi-nos, então, offerecido pelas autoridades allemãs no Grande Hotel. Para

esse almoço foram convidados os representantes dos jornaes locaes, inclusive os israelitas.

*
* *

No Protectorado, onde é grande a população judaica, esta não usa braçadeira, nem soffreu, tão pouco, a menor restricção nas suas actividades. As casas de commercio israelitas funccionam como as demais. Nos kiosques de jornaes e revistas vendem-se tanto as folhas judaicas, como as nazistas e tchecas.

VIENNA É TÃO VIENNA COMO NUNCA – DESFILA A MODA NO GRANDE MAGAZIN – A VIDA DE SEMPRE CONTINÚA PELA NOITE AFÓRA.

Vae amanhecendo em Vienna. Os seus parques, as suas avenidas famosas e os seus palacios soberbos vão emergindo das brumas da madrugada, colorindo-se com as primeiras luzes do dia. Vienna desperta, e já rodam os omnibus e os taxis em todas as direcções. Os meus passos erram sem destino ás margens do Danubio, cujo curso desce tranquillo, reflectindo nas suas aguas a sombra das pontes e da vida que por ellas passa.

Dentro da cathedral, cujos *vitraux* preciosos eu vejo guardados por cintas de saccos de areia, centenas de fiéis cantam um côro sacro, emquanto no altar-mór se reza o officio divino. Ao meu lado, um soldado paga uma promessa á Virgem, orando em voz alta os seus agradecimentos pela obtenção de uma graça.

Perto da cathedral está a residencia do Cardeal da Austria. Procuro os effeitos das propaladas depredações levadas a cabo pelos nazistas contra a morada do illustre Principe da Igreja. Nada. Tudo intacto. Pergunto a alguem por esta pagina que tanto assumpto deu, ha mezes, á Havas.

— Não se atirou um palito de phosphoro si-

quer contra a casa do Cardeal, diz-me o meu informante. Tudo não passou de propaganda, visando transformar o catholicismo em cartaz contra a Allemanha. Dois ou tres gritos, partidos de uma esquina qualquer, de exaltados anonymos, transformaram-se, no Exterior, em verdadeira scena de amphitheatro romano. Mas tudo isso não evitou que o nosso Cardeal continuasse a fazer diariamente, o seu tradicional passeio a pé, pelas redondezas do seu palacio.

*
* *

Dentro do grande magazin toda a elite viennense está reunida para o primeiro desfile de "modèles de la saison". Vienna não fica atraz de Paris, na arte de saber dizer a ultima palavra na moda feminina. De velha data que os figurinos e as vitrines viennenses têm á sua volta os olhares de todas as mulheres do Mundo.

A custo consigo uma poltrona. Uma orchestra toca uma sonata sentimental, que se espalha como uma caricia pelo amplo "salon", onde faiscam as arandelas. Ha uma tonalidade verde azulada no ambiente.

— É a côr do momento; o grande fundo que marcará o colorido da "saison", informam-me.

Começa o desfile. Os modelos são devorados voluptuosamente pela assistencia, em meio da qual estão nomes de inconfundivel projecção social. O ambiente enche-se de commentarios. As creações passam pela sua prova final ante "lorgnons" implacaveis, que esmiuçam até os minimos detalhes. Vienna saúda a primavera, mudando a sua roupa e ditando a moda. No dia seguinte, a chronica mundana assignala a reunião, como "um successo sem precedente" na historia elegante da cidade.

E estamos em guerra!...

*
* *

Vienna não tem "black out" e, á noite, quando as suas luzes se reflectem pelo Danubio afóra, a gente sente que nada mudou na capital da valsa.

No "bar" do Imperial Hotel, tão cheio dos desfechos sangrentos dos casos politicos balkanicos, homens e mulheres bebem os ultimos "cocktails" e fumam os ultimos cigarros. A Opera fica a dois passos e, como todas as noites, a sua lotação está esgotada. É intenso o movimento de ta-

xis e de carros particulares á porta do monumental theatro.

Reverencia-se nessa noite, mais uma vez, a memoria de Strauss, levando á scena, pelo maravilhoso corpo de "ballet", as melhores valsas do genial compositor.

Emquanto isso, no outro lado da metropole, no Prater, milhares de populares cantam e bailam ao ar livre, saudando o inicio da primavera.

Vienna é a mesma Vienna de sempre, neste abril de 1940 — alegre, displicente, "rafinée".

E Vienna ainda não é o que Hitler quer fazer della — "a joia mais bella do Imperio Germanico." Nesse dia "a namorada do Danubio" será, sem contestação, "la ville la plus charmante" da Europa.

*
* *

É meia-noite e a vida continúa. Na Urbani Keller, velha de seiscentos annos, as garrafas de vinho se esvasiam e a freguesia canta os "lieders" de sempre. Um violinista zingaro toca uma aria em surdina para uma "blonde", que parece commovida. Baixinho, elle segreda-lhe os versos de uma deliciosa canção de amor.

No "Femina" e no "Achmed" "le monde s'amuse" entre nuvens de fumo, taças de champagne e valsas romanticas.

Lá fóra, no "Grinzing", a massa popular bebe despreoccupada pelos "Wein Keller" o bom vinho do Danubio e enche a noite com o rythmo alegre dos seus cantos.

"Voilá! Vienne de chaque jour et de chaque nuit..."

São quatro horas da manhã. O meu taxi roda em direcção ao Imperial Hotel. Tenho nos ouvidos os écos de todas as canções, de todas as valsas, de todos os risos...

SÓ O FUEHRER PODE FALAR – OUVINDO UM GENERAL DO REICH – "UMA INFAMIA VEHICULADA PELO JUDAISMO" – O QUE PENSAM OS ALLEMÃES DA CAMPANHA ANTI-GERMANICA DOS ESTADOS UNIDOS

— Para onde vae a Allemanha, que ora se bate contra a França e a Inglaterra?

Esta pergunta, dirigida, sem maiores preambulos, a um General do Reich, dentro da sua barraca de campanha, deixou-o alguns instantes attonito. Mas, retornando a si, elle contestou:

— Responder-lhe-ei o que quizer, com tanto que não cite o meu nome. Promette-me?

Digo-lhe que sim e elle accrescenta:

— Dentro da Grande Allemanha em guerra só uma bocca pode falar — a do Fuehrer. Os democratas chamam a isso falta de liberdade e nós de disciplina. Mas, já verá que é porisso que ganharemos a guerra.

Insisto na minha pergunta inicial. O General limpa o monoculo e diz-me com convicção:

— No momento sei que o Reich vae levar a sua bandeira victoriosa a Paris e a Londres.

— Via Belgica? indago.

— Para lhe ser rigorosamente honesto: não sei! Sei apenas que iremos a Paris e a Londres.

E, impeccavel dentro do seu uniforme, elle olha-me de frente, como querendo sentir o effeito que em mim produziriam as suas palavras.

Faço-lhe outras perguntas mais ou menos indiscretas. Elle as recebe já sem surpreza e entra a analysar a posição do Reich em face do conflicto com os Alliados.

— Tudo quanto está acontecendo, diz, corre por contra exclusiva do grupo anglo-francez que teimou em continuar a ver no Reich, vinte annos depois de Compiegne, uma potencia vencida e sem outros direitos que o de ter que modelar o seu destino como satellite dos vencedores de 1918. Nós, porém, não temos vocação alguma para martyres. Durante longos mezes o Fuehrer falou a Londres e a Paris uma linguagem de cooperação, de bom senso, de justiça. As suas palavras foram ouvidas com desprezo no outro lado do Rheno. Foi então que nós, que haviamos proposto o desarmamento integral da Europa, começamos a nos armar, já que os outros não faziam outra cousa.

Por meios pacificos, procuramos reparar as injustiças de Versalhes. A nossa attitude, porem, jamais foi comprehendida e o Reich passou a ser apontado ao Mundo, pela mão de uma campanha como nunca se teve noticia, como um implacavel inimigo da Humanidade. E isso tudo porque nós queriamos um logar ao sol para viver, como os demais. Com quarenta milhões de habitantes e dois terços do planeta nas mãos, os inglezes nunca puderam conceber que uma Allemanha sem espaço e com oitenta milhões de almas quizesse rehaver o seu chão, que lhe fôra extorquido pelo Dictado de Versalhes.

Um dia a nossa paciencia acabou. Ou nos devolveriam o que sempre foi nosso, ou fariamos justiça com as nossas proprias mãos. Ninguem, porem, quiz acreditar na ressurreição da Allemanha nacional-socialista e, quando chegou o mez de Agosto e, com elle, a crise definitiva do caso polonez, a plutocracia londrina julgou que estavamos "bluffando". Londres e Paris declararam jubilosos a guerra á Allemanha, certos de que tudo não passava de "bluff". Breve, entretanto, Hitler mostrará, a esses senhores que fez o "bluff" com um "royal street flesh" nas mãos. O inverno está findando e os nossos adversarios não perderão por esperar...

A conversa se generaliza e eu faço chegar ao meu entrevistado os rumores acerca de uma Allemanha victoriosa, com aspirações no Continente americano.

Elle franze a testa e exclama:

— Isto é uma infamia, espalhada pelo judaismo internacional. A Allemanha quer rehaver o que é seu, tão somente o que é seu e jamais alimentou qualquer pretensão economica, politica ou territorial nas Americas. Os povos americanos, em 400 annos de Historia, nunca encontraram a menor prova de suspeita quanto ao proce-

dimento allemão em relação a elles: No Novo Mundo tremulam as bandeiras coloniaes da Inglaterra, da França e da Hollanda. Nunca lá foi ter uma bandeira colonial germanica. Se ha povo no Mundo que não pode ser apontado como passivel de suspeita nas suas relações com os paizes americanos, este povo é o allemão. Ás Americas elle só foi como cooperador da sua grandeza, jamais como usurpador.

O General parece indignar-se e diz com voz forte:

— Vós, brasileiros, já tivestes dentro de casa o invasor francez e o invasor hollandez. O vosso civismo jogou a ambos no mar. Dentro do vosso paiz vivem uma vida de trabalho e de ordem, ha mais de um seculo, milhares de allemães. Elles se sentem bem na vossa companhia e proclamam vaidosos a gloria de poderem cooperar com os brasileiros. Raros, rarissimos são os que retornaram á Mãe Patria. Nunca esses emigrantes mostraram-se indignos do vossa hospitalidade e os seus descendentes sempre foram brasileiros, tão somente brasileiros. Dou-lhe um exemplo da acclimatação total do colono germanico no Brasil: lá existem milhares de allemães em condicções financeiras magnificas. Procure entretanto nas Universidades do Reich quantos brasileiros de sangue allemão frequentam os seus cursos. Verá que a somma não attingirá talvez uma

duzia!... Outros povos não procedem da mesma maneira. E, quanto ao inglez que emigra — sempre apenas para fazer render juros elevados ás suas libras — elle só não manda lavar as camisas em Londres, porque a distancia é muito grande...

Abordo outro assumpto. Indago ao meu entrevistado o que pensa de uma Allemanha victoriosa.

— Ella não repetirá o erro de Versalhes, responde-me, cravando melhor no olho o seu monoculo. Uma nova éra de justiça social surgirá para a Europa com o Reich victorioso, é o que eu posso lhe dizer. Uma nova éra, dentro da qual não haverá mais clima para a plutocracia e as suas camarilhas, mas apenas milhões de trabalhadores cooperando sem artificialismos, nem intrigas, nem castas previlegiadas, para a construção de um Mundo melhor, mais cheio de justiça, mais equilibrado, mais humano. Um outro Versalhes não mais se reproduzirá. Versalhes era uma creação plutocratica e na nova Europa que vae surgir, não existirá mais essa cousa...

Pergunto ainda ao General a sua opinião sobre a campanha anti-germanica, que no momento se leva avante na America do Norte.

Elle fica uns segundos sem dizer nada, depois responde:

— Essa campanha é artificial e corre por conta do judaismo e dos seus satellites. Não sou

eu quem affirma. É o proprio Embaixador Bullit, figura das mais destacadas entre os intimos do Presidente Roosevelt, conforme se pode ler no Relatorio confidencial, que, em fevereiro de 1939, enviou ao Ministro do Exterior da Polonia, o Embaixador polonez em Paris, Sr. Jules Lukasiewicz. Lá está escrito com todas as lettras isto:

(E o General tira da sua secretaria de emergencia um grosso volume para ler certa pagina.)

— "Ha uma semana regressou a Paris, depois de tres mezes de ferias na America, o embaixador dos Estados Unidos, sr. W. Bullitt. Desde seu regresso tive com elle duas entrevistas que me permittem, senhor Ministro, informal-o da sua opinião sobre a situação européa, assim como dar-lhe uma orientação sobre a politica de Washington.

N.º 1: — A politica dos Estados Unidos, no sentido de intervir directamente nas questões européas, não existe. Uma tal politica não seria possivel, pois não encontraria a approvação da opinião publica americana, que não abandonou sua posição de isolamento a respeito de taes problemas."

. . . . . .

. . . . . .

"O embaixador Bullitt expressou-se sobre esse ponto com as seguintes palavras: "Se estalar uma guerra, certamente, não participaremos na mesma desde o principio, mas é certo que a terminaremos". Segundo a opinião do embaixador Bullitt, esta attitude dos circulos competentes de Washington *não é devida a uma razão de ordem ideologica* e sim á necessidade de defender os interesses dos Estados Unidos, que, no caso de uma derrota franco-britannica, ver-se-iam seriamente ameaçados, tanto do lado do Pacificio, como do Atlantico."

Ahi temos a cousa a nú. Essa campanha anti-allemã é apenas uma manobra da plutocracia e, como tal, ella arrefecerá logo que os Alliados capitulem e que cessem, consequentemente, as perspectivas de bons negocios com os exercitos francez e inglez. Mas, mesmo que essa campanha fosse espontanea, nós não a criticariamos. Porque sympathia não se impõe. Cada povo é livre de manifestar-se pró ou contra esta ou aquella nação. Respeitamos a opinião alheia, da mesma maneira como respeitamos tudo quanto diz respeito á vida interna dos povos livres.

E fazendo-me uma pergunta:

— Lê os jornaes da Allemanha?

Digo-lhe que sim.

— Então terá constatado que jamais critica-

mos o rearmamento americano; que jamais atacamos as sympathias da Casa Branca pelos Alliados; que jamais analysamos a venda de armamentos americanos aos adversarios do Reich; que jamais escrevemos na nossa imprensa uma linha siquer contra os discursos anti-allemães, que se pronunciam no Senado e na Camara dos Deputados de Washington. Tudo isso são cousas que só dizem respeito ao grande povo e, embora lamentemos essas attitudes, nunca levamos as nossas queixas á arena das revides.

E concluindo:

— Assim como estamos convencidos de que a Europa é para os europeus, curvamo-nos respeitosos ante a grande verdade, segundo a qual as Americas devem ser para os americanos!

EM CRACOVIA – "FANS" DO JORNALISMO INTERNACIONAL Á PORTA DO GRAND HOTEL – COM O SR. SEYSS-INQUART – NO PALACIO DOS ANTIGOS REIS DA POLONIA – O MUNDO ESTÁ FICANDO IGUAL

Cracovia, com o seu casario escuro e enfumaçado, com os seus carroções typicos, com a sua gente encapotada e friorenta, e tambem com a sua sujeira secular, está ante os meus olhos cansados da longa travessia ferroviaria.

Á ponta do Grand Hotel vejo grupos de populares que nos esperam. Somos dezenas de jornalistas estrangeiros. A nossa chegada consegue ser um acontecimento nessa manhã tranquilla da velha capital dos antigos reis da Polonia. Alguns batem palmas, outros pedem autographos. Vejo gente com uma braçadeira branca. São os judeus.

O pessoal da imprensa — nomes de todos os climas — entra no seu primeiro contacto com a massa. Tiram-se as primeiras photos. O grupo augmenta, interrompe o transito e ri satisfeito.

Um cidadão approxima-se de mim e olha fixo para a pequena bandeira brasileira que tenho á lapela.

— Do Brasil? pergunta em portuguez. Vivi muitos annos em Ponta Grossa, no Paraná. Tenho ainda lá o meu irmão.

E o homem passa a me fazer uma verdadeira entrevista, no meio da rua, sobre o Brasil. Outros

fazem circulo á minha volta. Elle vae traduzindo as minhas respostas, que são ouvidas com quasi respeito.

Chega, afinal, a minha vez de perguntar.

— Aqui vae-se indo, responde-me. Os allemães no seu canto, e nós no nosso. Passados os primeiros momentos naturaes da confusão e das surpresas da guerra, tudo voltou ao que era antes. Ha muito trabalho agora em toda parte e a vida, dia a dia, se torna menos difficil.

— Choques com os allemães? indago em surdina.

— Não! A principio talvez, mas hoje não. Como verá, os allemães retiraram quasi todos os seus soldados daqui. O policiamento é o normal de sempre. O governador tem estreito contacto com os diversos representantes da collectividade poloneza e com os dos demais povos que vivem no paiz. As deliberações são tomadas de accordo com todos, inclusive os judeus, que tambem possuem o seu "leader" junto ao governador.

A principio penso que a scena é preparada, que a coincidencia desse encontro com um polaco que já viveu em Ponta Grossa, não passa de uma "mise-en-scéne". Durante o dia, porém, caminhando por todos os cantos da cidade e falando com gente de todos os matizes sociaes, tenho opportunidade de ouvir as mesmas affirmações colhidas á porta do Grand Hotel.

*
* *

O Ministro Seyss-Inquart recebe-nos sem protocollos na sua ampla sala de trabalho. Manca ligeiramente de uma das pernas. Recordação da sua ultima queda de "sky"... O pioneiro do "Anschluss" da Austria é hoje a segunda autoridade allemã nos vastos dominios da antiga Polonia. É um homem reservado, quasi laconico. Á primeira vista parece tão frio como os ventos do norte. Em se conversando com elle alguns minutos, porém, fica-se preso á sua simplicidade encantadora. É o typo do homem padrão do novo Reich — astucioso, ousado e com os nervos á prova da sensação.

Seyss-Inquart pergunta pelas minhas impressões acerca da Polonia e diz-me que dispensa-se de falar sobre o assumpto.

— Prefiro que conte aos leitores do Brasil o que os seus olhos viram. A palavra official é sempre suspeita, mesmo quando ella não ultrapassa um millimetro da realidade.

— Muito serviço? indago.

— Oh! Muito, responde-me elle promptamente. Temos traçado um immenso programma para a reconstrucção da Polonia. A sua brava gente bem que merece todos os nossos cuidados, todos os recursos da nossa technica. Avaliamos exactamen-

te a responsabilidade que pesa sobre os nossos hombros. Mas estamos seguros que poderemos levar avante a nossa tarefa constructora. Confiamos em nós e em nós confia o povo polonez, que, livre do pesadelo das manobras politicas dos seus antigos governantes, hoje pode seguir com confiança o seu destino, unindo os seus esforços aos nossos esforços, inaugurando assim uma nova éra de cooperação teuto-poloneza.

*
* *

O antigo Palacio dos reis da Polonia é, sem duvida, um dos traços marcantes de Cracovia. No alto da montanha, elle domina o panorama de toda a cidade, riscada ao meio pelo curso tranquillo do Vistula. Ao longe, como num cartão postal colorido, as primeiras silhuetas dos Carpathos fazem a moldura da grande paysagem.

Um official allemão abre-me as portas do velho castello e entra commigo no pateo ainda cheio dos restos das ultimas neves. Ouço trechos da historia do Palacio e visito, no sub-sólo, até um pequeno museu em que se conservam varias peças guerreiras do passado. O Palacio dos reis da Polonia é toda uma sequencia de salas e de salões magnificos, cheios de télas celebres, de tropheus da batalha de Vienna, de armaduras, de moveis famosos. Os tectos são preciosos, talhados em madeiras caras. Vejo "frescos" admiraveis de Hans Duehrer, o irmão do immortal Albrecht.

No Palacio moram hoje o governador e o vice-governador do Reich na Polonia — os srs. Frank e Seyss-Inquart. Visito os aposentos particulares deste ultimo. É uma peça de raro bom gosto, com amplas janellas abertas ao sol, que por ellas faz passar aos jorros a sua luz matinal. Ao longe os Karpathos, a róta do petroleo...

Desço á igreja do castello, em cujo pateo lateral repousam os restos mortaes de Pilsudsky, mas sem o seu coração. (O coração do Marechal está em Vilna.) Dentro do templo estão varios tumulos famosos. Esbarro com a sepultura de um dos Podocki. Por cima, a estatua do mesmo, em gladiador romano, com um lacinho de fita nos cabellos encaracolados...

Volto ao centro da cidade. As ruas regorgitam de gente. Dentro da soberba Cathedral da Virgem, fiéis ajoelhados pelos lagedos frios, fazem as suas préces. O templo gigantesco, que até o seculo XVI foi privativo da collectividade allemã, conserva ainda bem nitidamente os traços do gosto artistico germanico.

Fóra, em meio da tarde que se vae, *granfinas*

desfilam pelas calçadas cheias de *mirones*. Lembro-me das tardes de sabbado na nossa Cinelandia. O Mundo está ficando muito igual...

AS PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS NAZISTAS NA POLONIA – NO SANTUARIO DA VIRGEM NEGRA DE CZESTOCHOWA – OUVINDO UM PADRE CATHOLICO POLONEZ SOBRE UMA CAMPANHA DA HAVAS – A INTRIGA CONTINÚA...

"PARIS, 24 (H. — Agencia franceza) — A agencia poloneza "Pat" enviou á imprensa o seguinte communicado:

"As perseguições contra o clero polonez e ás ordens religiosas continuam. Numerosos monges foram presos e deportados. Por exemplo, todos os frades franciscanos de Nichokalanov, perto de Varsovia, acabam de ser expulsos. Foram tambem presos, pela segunda vez, todos os padres jesuitas de Cracovia. Os dominicanos e os bernardinos de Iaroslaw, depois de presos e maltratados, foram expulsos durante a noite sem as suas bagagens.

Na igreja dos dominicanos de Lublin a porta do tabernaculo foi arrombada á bayoneta e os monges, sob ameaças de morte, obrigados a indicar os logares onde estavam os thesouros da igreja, assim como, preciosos documentos historicos. Todos os objectos foram destruidos.

A ordem dos palatinos foi igualmente deportada. Os jesuitas de Pornan foram presos e os dominicanos internados. Foram expulsos todos os jesuitas de Ciesrzyn, com excepção de um allemão.

As freiras e as irmãs de caridade enviadas para Kattowice foram substituidas, por outras que acendem velas junto á photographias do Fuehrer, diante das quaes se realizam verdadeiros actos religiosos.

Com estas perseguições, os sentimentos religiosos e a affeição do povo polonez á igreja augmentam de dia para dia."

Este telegramma foi publicado, com outros no mesmo sentido, na imprensa sul-americana, em fins de Dezembro do anno passado. Estava eu de malas promptas para a Europa e collei-o no meu caderno de notas para fazer as minhas averiguações "in loco".

*
* *

Agora eu o releio com attenção frente ao famoso santuario de Czestochowa, onde tudo parece tão tranquillo como nos dias de antes da guerra. O templo está cheio e a imagem da Virgem resplandece em meio de um mar de velas, no alto do seu altar.

Busco na sacristia um padre. Attendem-me gentilmente e, dentro em pouco, tenho á minha frente um religioso polaco. Elle fala correntemente o francez e eu lhe traduzo o telegramma. O padre mostra-se irritado e diz:

— Não podemos comprehender por que se insiste em fazer uma propaganda desse jaez lá fóra. Isso só resultará em nosso prejuizo, pois a continuação de uma tal campanha acabará despertando, no seio dos allemães, a suspeita de que somos nós que divulgamos essas mentiras. É incrivel que para fins politicos não se trepide em envolver a religião em toda sorte de intrigas.

Outros padres se juntam á minha volta. O reverendo lhes traduz o telegramma que eu trouxe do Brasil. Trocam impressões entre si e abanam as cabeças, em signal de reprovação. Afinal o papre vira-se para mim e continua:

— Veja o caso do nosso santuario. Espalhou-se com escandalo que tudo havia sido impiedosamente destruido, inclusive a imagem da Santa Virgem. Isso, entretanto, foi incontinenti desmentido por nós mesmos. Como está vendo: tudo está como estava, inclusive a liberdade de praticar a religião. Nenhum fiel foi coagido pelos allemães no exercicio das suas devoções.

Digo-lhe então que em Kattowitz, em Varsovia e em Cracovia vira, com os meus olhos, os templos abertos e repletos de crentes.

O padre interrompe-me:

— Pois nada houve contra a religião, homem

de Deus! Durante a campanha, sim, registraram-se alguns choques, mas por motivos exclusivamente politicos. Alguns padres foram envolvidos nos acontecimentos e soffreram as consequencias dos azares das batalhas. Terminada a guerra, porém, nada mais occorreu a nenhum religioso polonez, a não ser áquelles que estavam intimamente ligados á politica. Continuamos com as nossas igrejas, com as nossas escolas, com as nossas irmandades e instituições pias em pleno funccionamento. Pregamos os nossos sermões livremente e em nossa lingua, e nada, absolutamente nada, até agora aconteceu, nos dominos da religião, que possa justificar essa campanha "deveras irritante" (sic) que se faz lá fóra, procurando attrahir contra os allemães as antipathias do Mundo christão. Repito: isso só poderá resultar prejudicial para nós e para os milhões de catholicos allemães. Uma intriga puxa outra intriga, e poderá bem acontecer que, amanhã ou depois, alguem se lembre de affirmar que somos nós mesmos que vehiculamos essas calumnias.

Stenographo palavra por palavra do que me vae dizendo o Reverendo.

A scena passa-se no logar mais sagrado da Polonia catholica — no santuario de Czestochowa. E quem fala é um padre catholico polaco...

Momentos depois, na estrada, o meu auto cruza com varios caminhões. Vão cheios de meninas e

de freiras. É um collegio feminino, que se dirige em romaria ao santuario da milagrosa Virgem Negra.

*
* *

Ainda não faz um mez que eu estive no santuario de Czestochowa; ainda não faz um mez que eu visitei dezenas de templos catholicos em varias cidades da Polonia e que entrei em contacto com as figuras mais destacadas do catholicismo local. Eis porque me surprehendeu bastante, em aqui chegando — no Rio — encontrar um novo despacho da Havas, repetindo as mesmas mentiras por ella espalhadas, em Dezembro ultimo, sobre "as perseguições religiosas nazistas" na velha patria de Kosciusko...

AS PERSEGUIÇÕES RELIGIOSAS NAZISTAS NA TCHECOSLOVAQUIA – PRAGA NAS FESTAS DO 285.° ANNIVERSARIO DA IMAGEM DO MENINO JESUS – NO FAMOSO SANTUARIO DE LORETO

Praga, a mystica, envolta na cortina fria de uma chuva quasi liturgica, é toda ella um repicar de sinos nessa manhã do meu roteiro pela Europa Central. Dentro da igreja de St. Guy, fundada pela Bemaventurada Agnes, filha dos reis da Bohemia, centenas de crianças entoam com fé os seus hymnos sacros. Os meus passos caminham com cuidado pela nave tradicional, onde tudo parece estar de joelhos. Pelos altares vae um mundo de luz e de flores. Os cantos infantis proseguem ingenuos, descompassados por vezes, mas cheios de encantadora sinceridade. Tenho a impressão que a vida lá fóra parou e que só existe aquella nave repleta de crianças, onde tudo é fé e pureza, Um orgão toca uma melodia ingenua, deliciosa, cujas notas vão ecoando como uma caricia por todos os cantos do templo...

*
* *

Estamos a 30 de Março de 1940. A igreja de

Nossa Senhora da Victoria, no coração de Praga, está repleta de fieis. A multidão, de joelhos, rende o seu tributo de fé á grande data que assignala o 285° anniversario da coroação da santa imagem do Menino Jesus, tão venerada na Bohemia e na Moravia. Raios de sol filtram-se pelo magestoso "vitrau" do grande templo, onde Monsenhor Wunsch, assistido pelos padres da Ordem dos Cavalleiros de Malta, officia uma missa solemne. A orchestra do Theatro Nacional, executa, no côro, a famosa Missa de Mozart. Toda a alta sociedade de Praga está presente. Vejo os nomes mais famosos da nobreza bohemia, de joelhos, acompanhando com fé o officio religioso. Lá estão os Schwarzenburg, os Lobkowicz, os Kinsky, os condes de Kerstenbrock, os membros mais destacados do Governo.

No alto do seu altar, a estatua do Menino Jesus resplandece em meio de uma "feerie" de luzes. Hoje, como sempre, elle recebe o tributo de veneração dos seus fieis.

Um amigo conta-me trechos da sua historia: A imagem foi doada aos Carmelitas Descalços, por Polyxenia de Lobkowicz, esposa do chanceller do Reino da Bohemia, em 1628. Durante a guerra dos 30 annos, Gustavo Adolpho, Rei da Suecia, embora protestante, veiu se inclinar ante a imagem miraculosa. Em 1743, a rainha Maria Thereza tambem esteve de joelhos ante a imagem, presenteando-a com um vestido de velludo verde, bordado a ouro. Actualmente a estatua possue nada menos de vinte vestidos preciosos, entre os quaes um, que lhe foi offerecido pelas religiosas chinezas.

Acabou a ceremonia. Os fieis abandonam o templo. Muitos trajam os seus trajes typicos. Pela immensa nave continuam a ecoar os acordes finaes de um hymno sacro. Vejo sahirem as representações religiosas. Ha gente de todos os cantos da Europa. Vejo delegações de Irmandades allemãs, com os seus estandartes vistosos.

* * *

O meu automovel roda em direcção á famosa igreja de Loreto, um dos mais ricos santuarios — sinão o mais rico — da Europa Central. Tenho na memoria a noticia sensacional, que acerca desse templo, as agencias de informações jornalisticas, ligadas a Londres, divulgaram pelo Mundo, á occasião dos acontecimentos que resultaram no Protectorado da Bohemia e da Moravia pelo governo de Berlim. Segundo essa noticia, os allemães não só haviam fechado o templo, como saqueado os seus thesouros.

Um padre tcheco attende-me á entrada do

santuario. Declino-lhe a minha qualidade de jornalista. Elle parece satisfeito de poder guiar-me pelas vastas dependencias do famoso convento.

Á certa altura pergunto-lhe pelas violencias allemãs contra Loreto.

— Oh! isso foi uma infamia, responde-me elle com vigor. Sabemos que lá fóra se divulgaram coisas tremendamente fantasticas a respeito de Loreto, e no mesmo dia fomos espontaneamente á séde da administração allemã, que fica aqui em frente, para darmos o nosso testemunho contra essa campanha. Aqui estiveram, nos dias da occupação, centenas de officiaes e soldados allemães. Mas não nessa qualidade, e sim como catholicos. Vieram render as suas homenagens á Santa Virgem e aqui deixaram, como todos os fieis que visitam o santuario, os seus obulos.

O padre convida-me a passar á galeria dos thesouros do templo. As joias mais preciosas e bellas começam a desfilar ante as minhas retinas. Vejo trabalhos de ourivesaria famosos, quadros celebres, brocados raros, diademas de alto valor.

— Como vê, diz-me o bom padre, tudo está nos seus logares, e nada, absolutamente nada, foi tirado pelos allemães ou por quem quer que seja...

EM PRAGA, UM ANNO APÓS A INSTALLAÇÃO DO GOVERNO DO PROTECTORADO — NA "BOITE" ENCANTADA DA RUA PRIKOPY — COM O SECRETARIO DE ESTADO DO PROTECTORADO, SR. K. FRANK

Praga, decorrido um anno de installação do Governo do Protectorado da Bohemia e da Moravia, apenas conserva um ponto de resistencia anti-allemã: o Hotel Alcron. É para lá que eu me vou, para o mesmo quarto que, durante muito tempo, foi o posto de observação de Lord Runciman, á volta do picadeiro das intrigas internacionaes sobre o destino da Tchecoslovaquia.

Ignoro até hoje porque razões esse hotel, sempre cheio de personalidades allemãs de destaque, insiste em ficar parado no tempo, mantendo no cartaz o mesmo espirito de intolerancia anti-germanico dos dias do Sr. Benes. A proposito, indaguei, em pleno "hall" do Alcron, um figurão da Gestapo, que tomava tranquillamente o seu chá com torradas. Elle deu de hombros.

— É um prazer particular da Gerencia, respondeu-me. Como isto não pode causar o menor mal ás relações teuto-tchecas, pois o povo hoje está inteiramente solidario comnosco, esta attitude curiosa do Alcron até diverte...

Pude constatar, momentos depois, trocando pernas pelas amplas e alegres avenidas da linda capital, que o meu informante tinha razão. Em

parte alguma encontrei o menor indicio de antigermanismo, nada emfim, que pudesse vir em confirmação da atmosphera de sabotagem e de intriga contra os allemães, que se respira no Alcron e que é sentida por todos os estrangeiros que lá chegam com as suas malas.

*
* *

Na firma Moser, onde se exhibem os mais famosos crystaes da Bohemia, e talvez do Mundo, o Sr. F. Chocholaty recebe-me falando correntemente o castelhano e mostra-me ser, não apenas um commerciante celebre, como tambem um dos mais requintados "gentleman" da Europa. No seu "bureau" privado, a gente é, invariavelmente, saudado com palavras cordialissimas, antes de passar aos "salons", onde se alinham os mais bellos e raros exemplares da industria do crystal bohemio. A visita ás montras da fabrica Moser vale por si só um programma turistico á Praga. O que ali se exhibe é toda uma "feérie" de maravilhas, que passa ante os nossos olhos como um conto encantado das "Mil e Uma Noites".

Visito, a seguir, o "museu" da casa, onde estão os exemplares das encommendas celebres —

para os Reis do Egypto, para o Quai d'Orsay, para a Chancellaria do Reich, para os diversos Maharajahs, etc. A obra prima da lapidação em crystal lá está, faiscando nas vitrinas, á luz dos reflectores.

O Sr. F. Chocholaty diz-me:

— A America do Sul, inclusive o Brasil, figura entre os grandes freguezes da nossa firma. Temos recebido, do Rio e de São Paulo, encommendas particulares, que bem traduzem o bom gosto e o requinte das elites brasileiras.

E cita-me, entre diversos freguezes brasileiros, o nome do nosso gordo Sebastião Sampaio.

E assim, num succeder de desfiles de maravilhas, os minutos vão passando suavemente dentro da grande firma da rua Prikopy.

*
* *

Á entrada da séde do Governo do Protectorado, frente á Basilica de Loreto, um velho relogio marca as horas de um tempo, que, ali dentro, se escôa em meio de uma actividade verdadeiramente febricitante.

Sua Excellencia, o Secretario do Estado, Sr. K. H. Frank, recebe-me com um aperto de mão,

encostado á sua secretaria de carvalho negro, emquanto o photographo, que me acompanha, prepara-se para um flagrante. O substituto immediato do Barão von Neurath é um homem alto, typicamente allemão, que fala sem esforço e sem preoccupações de rhetorica. As suas palavras ecoam de uma maneira positiva, mas sem o colorido do dogmatismo.

Cerco-o com uma porção de perguntas.

Tranquillamente, elle m'as responde, uma por uma:

— Se considerarmos que neste primeiro anniversario do Protectorado, conseguimos, entre outras coisas, dar por terra com o fantasma do "chomage" e quebrar a inanição de uma economia, que ameaçava afundar lamentavelmente o paiz, temos que já fizemos algo de util á Bohemia e á Moravia. Isto que eu ora lhe affirmo não é apenas um rotulo official, cobrindo a resposta de um correspondente estrangeiro.

Qualquer um, na rua, lhe poderá dizer, talvez melhor do que eu, a mesma coisa. Um periodo de desenvolvimento da economia da nação tcheca está inaugurado sobre as bases mais solidas. A Allemanha tornou-se o escoadouro natural e illimitado da producção do Protectorado. Como consequencia desta nova politica de cooperação teuto-tcheca, não só abriram-se novos e amplos horizontes á producção e ao trabalhador tchecos, como

desappareceu da nação o "chomage". Em todos os sectores, o Governo do Protectorado procura abrir novos caminhos ao productor tcheco e, dest'arte, temos razões de sobra para olhar com confiança absoluta, o destino deste grande povo.

O Sr. Frank continua:

— Livre das aventuras internacionaes, ás quaes o jogavam a cupidez e a falta de escrupulos de meia duzia de politicos alliados ao bloco antigermanico, o povo tcheco vê-se, hoje, integrado no seu curso natural, cooperando, cultural e economicamente, com o povo allemão para a paz e a prosperidade desta parte da Europa Central.

Hoje, a Bohemia e a Moravia formam um jovem povo socialista, combatendo com a Allemanha contra a plutocracia internacional despudorada, que comprehendendo o signal inevitavel dos tempos, reage em desespero de causa, lavando novamente a terra européa com o sangue generoso da juventude de varias patrias.

E, mudando de tom:

— Pergunte por ahi a qualquer tcheco o que elle pensa da situação actual, comparada com a do passado. Elle lhe responderá que augmentaram os vultos dos negocios, que cessaram as intrigas, as greves, as perseguições de toda a especie, que formavam o cortejo das manobras internacionaes contra o Reich, á custa da nação tcheca. Caminhe a esmo pelas ruas de Praga, e veja se nellas

encontrará algum soldado allemão. Hoje, tudo está tranquillo e por toda a parte só se vê trabalho, progresso e paz.

*
* *

Praga, como todas as cidades do Protectorado, da antiga Austria e da antiga Polonia, está livre do "black out". Dirijo-me para os grandes portões que dão accesso á Exposição Internacional da cidade. Toda a ampla area, com os seus pavilhões gigantescos, é um delirio de luz, rompendo gloriosamente a noite. Colho uma cifra á entrada: pelas "borboletas" já haviam passado, do meio-dia ás 21 horas, nada menos de 108 mil pessoas! Impossivel um flagrante melhor do Protectorado...

A DELIRANTE FANTASIA DA PROPAGANDA ALLIADA – OS JORNALISTAS DESPEDEM-SE NO AERODROMO DE MUNICH – DESFILAM OS CARTAZES ANTI-ALLIADOS EM VENEZA

Na "gare" monumental do aerodromo de Munich, varios correspondentes de guerra estrangeiros trocam entre si as ultimas impressões. O grupo vae-se dissolver dentro de breves minutos. Uns voltam a Berlim, outros seguem para os Balkans, outros para a Italia. Ouço mais uma vez a historia já famosa do collega norte-americano que chegou á fronteira allemã, trazendo onze caixas de carne em conserva, varios saccos de trigo e outros pacotes de comestiveis, para enfrentar a fome na Allemanha bloqueada pelos inglezes. Encabulado por ter-se deixado levar pela propaganda da Reuter e da Havas, elle vem de dar essa preciosa bagagem ás obras do Soccorro de Inverno. Jornalistas de varias nacionalidades, inclusive norte-americanos, gozam, mais uma vez, essa historia, enchendo o salão do aerodromo com as suas gargalhadas.

A proposito, lembra-se outro facto, occorrido, em fevereiro ultimo, com um collega mexicano, em Vienna. Mal elle desceu na capital da valsa, poz-se em direcção aos "ghettos" com a sua machina photographia, afim de apanhar flagrantes sensacionaes de judeus morrendo de fome pelas cal-

çadas. Ao fim de uma hora de pesquisas, elle teria indagado a um austriaco qualquer "onde agonizavam os israelitas." Este, tomando-o por louco, entregou-o ao primeiro policial que encontrou, e tudo se esclareceu ante o commissario mais proximo: o collega mexicano lêra, em Nova York, tantas reportagens sobre o assumpto, que resolvera photographar essas scenas tragicas para os seus leitores...

O "garçon" do aerodromo enche mais uma rodada de "wodcka". Lá fóra, na pista, já roncam os motores de um tri-motor. É hora de dissolver o grupo. Os cópos se levantam para um derradeiro "prosit" e iniciam-se as despedidas e as trocas de cartões de visita.

— Passageiros para Veneza! queiram tomar os seus logares! — grita, afinal, o alto-falante.

É a minha vez de deixar o Reich. Ouço os ultimos votos de boa viagem e aceno os ultimos adeuses aos conhecidos.

Minutos depois, o grande avião da Lufthansa passa rente aos telhados do centro da capital bavara, ganhando altura em direcção ao Tyrol e ao Adriatico.

*
* *

De Munich a Veneza são tres horas a cinco mil metros. Alguns passageiros lançam mão da mascara de oxygenio; outros não sentem nada e dormem traquillamente no fundo das poltronas. Não se vê nada. As nuvens cobrem toda a paisagem. E quando não são as nuvens, é o nevoeiro tampando qualquer perspectiva para esses minutos que se esticam monotonos pela tarde afóra.

Afinal, Veneza! O avião baixa suavemente e descreve um circulo sobre a Praça de São Marcos. Veneza, vista do alto, é um quadro definitivo, em meio da moldura verde-azulada das suas aguas serenas.

Momentos depois estamos no campo de pouso de S. Nicola, no Lido. Brilha um sol glorioso, que polvilha de ouro as cupolas dos velhos palacios, que eu vejo ao longe, marcando os detalhes da cidade encantada.

Esbarro com os primeiros cartazes anti-alliados. É a Italia que sente saturada a sua paciencia e que protesta contra a sem-ceremonia ingleza no Suez e em Gibraltar. Por toda parte o ambiente é pre-bellico. Lanchas velocissimas cortam o mar em todos os sentidos, em missões evidentemente militares; soldados enchem os cafés, as gondolas, as "gares"; aviões de guerra — esses maravilhosos aviões italianos — riscam o céu vertiginosamente, roncando forte os seus motores possantes.

Pergunto a um official uma explicação sobre tudo quanto os meus olhos estão vendo.

— É a nova Italia! diz-me elle com emphase. A nova Italia que não ficará de braços cruzados ante os acontecimentos que se precipitam. É a nova Italia que, logicamente, terá que fazer pesar a sua opinião nessa contenda de vida e de morte, que ora separa os povos europeus!

*
* *

O brasileiro goza na Italia de uma posição previlegiada. Os italianos não se esquecem que, durante os dias tragicos das sancções promovidas pelo bloco franco-britannico, o nosso Brasil não se deixou contaminar pelo egoismo de Londres, quando Roma quiz, por suas proprias mãos, reparar parte das injustiças de que foi victima em 1918. E por isso o cavalheiro da aduana de S. Nicola, quando eu voltei ao aerodromo, para abrir a minha bagagem, attendeu-me com o melhor sorriso e, devolvendo-me as chaves, disse-me:

— Ora tinha graça eu abrir a bagagem de um brasileiro... Gente amiga, é gente amiga!

E voltando-se para os demais:

— Este é um jornalista brasileiro!

Todos promptamente vieram me estender a mão, depois, é claro, do classico "saluto" á romana.

NA ROMA ETERNA E GLORIOSA – O ITALIANO NÃO ESCONDE A SUA ANTIPATHIA PELOS ALLIADOS – CRITICAS Á ATTITUDE DO "OSSERVATORE ROMANO" – A ITALIA CAHIRÁ COMO UMA AVALANCHE DE AÇO CONTRA OS QUE TENTAREM BARRAR OS PASSOS DO SEU DESTINO

O avião da Ala Littoria vae pousando lentamente sobre a pista do aerodromo romano. Cae a tarde sobre a Cidade Eterna e eu tenho na memoria toda a grande paisagem dessa róta sobre a costa do Adriatico ao Latium. Ao longe repicam os sinos, enchendo o ar com os seus appellos christãos, emquanto tudo se vae vestindo com as primeiras tonalidades cinzas do crespusculo. Do campo do Littorio ao Hotel Eden desfilam, outra vez, ante os meus olhos os cartazes anti-alliados. Sente-se que a Italia está ferida no seu amor proprio e que espalha, pelos muros e pelas paredes da sua capital, a magua que lhe vae ao intimo.

Por toda parte vejo uniformes e physionomias severas. Roma, como de resto todo o Imperio, da-se bem conta da gravidade do momento e está prompta para tudo. Não ha o menor indicio de panico ou de nervosismo. Os italianos acceitam com uma serenidade contagiante os acontecimentos e cerram fileiras, mais do que nunca, ao lado do Duce. Apenas, nas cercanias do Vaticano, o "Osservatore Romano" insiste em provocar o povo, abandonando a sua linha de conducta natural para se immiscuir em politica, fazendo derrotismo e in-

triga contra as potencias do eixo. Com esse jornal na mão, o fascista pergunta a si mesmo, attonito, se o seu catholicismo vale menos do que o catholicismo francez, e se a Inglaterra protestante póde pesar mais na balança papalina do que o fiel rebanho de Christo da Italia. E indignado, elle deixa escapar em todos os cantos e em todas as rodas a sua reprovação energica á politica terrena do orgão do Vaticano.

*
* *

Na Cathedral de São Pedro tudo está como sempre, menos o tumulo em marmore branco de Pio X, que, dia a dia, hora a hora, apparece mais coberto de flores. Vejo centenas de fieis ajoelhados á volta do sepulchro e implorando mercês ao Santo Papa que morreu de dôr ante a tragedia da guerra européa. Conta-se o seu ultimo milagre — a cura de uma criança, filha de um modesto funccionario do Vaticano.

Deixo a Santa Sé ao cahir da noite, depois de todo um longo dia, que não representou senão um minuto para uma visita aos immensos thesouros artisticos da Igreja. Atravesso mais uma vez a velha Roma do castello de Santo Angelo, das ruinas imperiaes e busco a Via Appia e as suas catacumbas, tão cheias das historias tragicas das perseguições christãs.

Visito o bairro creado por Mussolini para as familias numerosas. É mais um flagrante da nova Italia que passa, com marcante nitidez, ante as minhas retinas, assignalando a victoria definitiva de uma nova éra cheia de realizações fecundas. Pelas calçadas e pelas praças, magotes de crianças, aproveitando os ultimos raios do sol que já se põe, brincam despreoccupadas e enchem as ruas com os seus gritos alegres. É a argilla fecunda com a qual será modelada a Italia de amanhã, essa Italia que eu vejo passar garbosa e altaneira no desfile dos seus "ballilas".

*
* *

Na Ulpia, ao lado das ruinas do Fôro Trajano, "le monde s'amuse", ouvindo as mais bellas arias romanas que lhe canta o seu cantor preferido. Antigamente, na Italia democratica, o Fôro Trajano era um mero deposito de gatos imprestaveis e de outras irreverencias. Hoje as ruinas do velho Fôro imperial é o que lhe cabe ser dentro da Italia fascista — um glorioso monumento do passado romano.

Ao meu ouvido, com voz confidencial, um "attaché" militar de uma grande nação sul-americana e velho conhecedor da Italia, vae-me dizendo:

— A Italia de Nitti entrou na Grande Guerra trajando a mesma roupa tradicional da displicencia que caracteriza as democracias — sem preparo, sem unidade, sem outros ideaes que os que norteiam as plutocracias. Assim mesmo, ella foi um grande sustentaculo para os alliados. Terminada a guerra, esses alliados vendo a Italia exhausta e impotente, não só a alijaram do taboleiro onde se distribuiram os premios da victoria, como ridicularizaram-na, sob todos os aspectos, visando o seu anniquilamento total. Nada foi perdoado. Nem siquer a bravura do soldado italiano, que durante mezes, havia tombado aos milhares na frente, sem se preoccupar na analyse do conflicto, que só interessava á plutocracia internacional, mas apenas empenhado em apoiar com o seu sangue a palavra dada por Roma aos alliados. Essa Italia de 1918, porém, não existe mais e se os futuros adversarios dos soldados italianos julgam encontrar diante das suas bayonettas "um inimigo de discurso" como costuma dizer a propaganda de Londres, enganam-se redondamente. A Italia é hoje um bloco só, e um bloço de aço, que rolará como um rôlo compressor contra qualquer adversario, á primeira palavra de ordem do Duce. Dispondo de uma frota de guerra modernissima e de uma es-

quadra aerea verdadeiramente espectacular, a Italia, animada pelo sopro renovador que lhe aquece as cellulas da sua vitalidade pujante, tem deante de si, bem seguros, os horizontes da victoria. O Mundo verá se isto é verdade ou não. É uma questão de semanas ou de horas.

E concluindo:

— Todos têm o seu cyclo. E Roma volta a ascender na sua trajectoria historica, emquanto outros já começam a demonstrar signaes evidentes de decadencia.

GENOVA, A SOBERBA – CONTINÚA O DESFILE DE CARTAZES ANTI-ALLIADOS – O CEMITERIO DO SECULO XIX – A ESQUADRA ITALIANA E A ATTITUDE ENERGICA DO DUCE NOS DIAS DA CAMPANHA DA ABYSSINIA

De Roma a Genova é uma sequencia de paisagens coloridas á margem dos mares do Tyrrheno e da Liguria. As cidades se succedem ás aldeias, e estas aos campos, ás montanhas, ás praias. Por toda parte sente-se o pulso da Italia de hoje; por toda parte está o traço marcante do progresso, muldurando o grande quadro.

O trem corre veloz, passando pelas "gares" quasi sem se deter, como se estivesse representando um *trailer*. Vejo em duas estações, impeccaveis dentro dos seus unifomes e physionomias confiantes, centenas de soldados que aguardam transporte. E em todos os cantos, como em Veneza, Milão e Roma, o clima da reprovação italiana ás intromissões inglezas no Mare Nostrum.

*
* *

Genova é bem uma cidade de mercadores. Cidade rica. Mussolini transformou a physionomia da velha Genova, dotando-a de melhoramentos es-

pectaculares. O novo bairro residencial do Lido, por exemplo, é um flagrante glorioso dessa mutação nos scenarios da antiga metropole commercial do golfo da Savona.

Um endereço obrigatorio na terra natal de Christovão Colombo é o seu cemiterio. Elle tem fama universal e, á volta dos seus "poemas em marmore", ha por ahi afóra toda uma vasta literatura. É pelas suas alamedas asphaltadas que eu caminho nessa manhã magnifica. O cemiterio genovez é uma creação do seculo XIX e, como tal, traz bem vincada a marca dessa éra. O seculo XIX não foi fertil em grandes idéias. Nelle, estas ficaram anesthesiadas pela mediocridade ambiente. Em compensação, Genova creou o seu cemiterio com as suas grandes estatuas, chamando a attenção da posteridade para sepulturas anonymas. Com toda franqueza: o campo-santo famoso me decepcionou. Ha marmores demais pelas suas alamedas e em cada canto a gente entra em choque com o "mauvais gout" dessa burguezia que, mesmo depois de morta, fez questão de focar a sua mania exhibicionista. Dizem que á custa desse cemiterio enriqueceram muitos esculptores mediocres. Eu acredito...

*
* *

Na parte mais alta da cidade, encostado á amurada de um delicioso jardim que se projecta em perspectivas para todos os cantos da bahia magnifica, eu fico admirando, em companhia de um amigo, as manobras das lanchas-torpedos da marinha de guerra italiana.

Com uma velocidade incrivel ellas riscam as aguas em varias direcções, obedecendo as ordens que aos seus dirigentes transmitte um couraçado imponente.

— Oh! a marinha de guerra da Italia de hoje! — diz-me o meu amigo. É uma maravilha. Tudo novo em folha; tudo dentro da ultima palavra da technica.

E conta-me o seguinte:

— Quando foi da campanha da Abyssinia, como é sabido, Londres mandou a sua "Home Fleet" para o Mediterraneo, afim de amedrontar o Duce. A esquadra ingleza, quando passava a todo vapor, numa tarde, pelo Mar da Sicilia, viu com surpresa que á sua prôa e á sua retaguarda, emergiam, ao mesmo tempo, das aguas, nada menos de cento e vinte submarinos modernissimos. Essa frota submarina veiu á superficie e, com a sua maruja formada nos tombadilhos, saudou a frota britannica. A seguir, afundou outra vez. Londres comprehendeu claramente que era temeraria uma aventura nesses mares e dahi ter a "Home Fleet"

ficado immovel no Egypto durante todos os mezes da campanha da Abyssinia...

O meu amigo continua:

— A essa epoca, o embaixador inglez em Roma, procurou, fóra de horas, o Duce para lhe dizer que Sua Majestade britannica lamentava profundamente ter que enviar a sua frota de guerra ao Mediterraneo, como uma demonstração da sua não approvação á expedição fascista contra os dominios do Negus. Dizem as testemunhas desta scena que Mussolini ouviu tranquillamente a declaração do embaixador britannico e, a seguir, respondeu calmamente, olhando fixo para o diplomata de Londres: "Peço a vossa excellencia que transmitta á City que eu recebi a advertencia de Sua Majestade, e que lhe disse, em resposta, que creio que Sua Majestade lamentará muito mais ainda se a sua gloriosa esquadra não voltar ás costas da Inglaterra."

E concluindo:

— Durante a campanha da Abyssinia, a esquadra italiana, principalmente os seus submarinos, espalhou-se por todos os cantos do Mediterraneo. E cada cair da noite o Almirantado chamava ás falas, pelo sem-fio, todos os seus barcos. Por certo que essa chamada era captada ás mil

maravilhas pelas antennas do barco-capitanea do Almirante inglez. E isto devia fazer um mal horrivel aos nervos, nem sempre calmos, dos nosso amigos inglezes...

A INGLATERRA COLHE OS VENTOS MAUS QUE OS SEUS POLITICOS SEMEARAM – EM MARSELHA, COM O CONTRÔLE FRANCEZ – "VOLUNTARIOS" TCHECOS PARA O "FRONT" – OS JUDEUS BATEM PALMAS

A porta do Albergho Colombia vae intenso o movimento de viajantes, de bagagens e de taxis. É que approxima-se a hora da partida, para a America do Sul, do *Oceania*. Por toda parte diz-se que este será o ultimo transatlantico italiano a deixar a Peninsula para uma viagem ao estrangeiro, porque dentro de poucos dias a Italia "irá buscar o que de direito lhe pertence no concerto das nações, apoiada na bocca dos seus canhões".

Afundado numa poltrona do bar do luxuoso hotel do Piazza Acquaverde, eu deixo que os minutos se escoem entre o mundo de boatos que me cerca. Lá fóra, a juventude passa mais uma vez, enchendo a rua com os seus cantos guerreiros e levantanto bem alto os cartazes anti-alliados. Sinto nitidamente que a Inglaterra começa a colher a tempestade que os seus politicos semearam pelo Mediterraneo.

Perto de mim, officiaes de aviação discutem acaloradamente e levantam um brinde ao Duce. O ambiente é de intensa vibração civica por todos os cantos.

Dentro do meu taxi, eu passo agora mais uma vez pelas ruas de Genova, em direcção ao cáes.

Mais de mil passageiros começam a subir as escadas do *Oceania*. Oitenta por cento são judeus de todas as procedencias da Europa e todos elles preparados para contar mil e um horrores acerca das "perseguições nazistas" que foram victimas, inclusive o confisco dos seus bens. Isto, entretanto, não impede que elles se aboletem na 1.ª classe, com bilhetes pagos em dollares e as carteiras cheias de mais dollares ainda.

Um tripulante de bordo, meu velho conhecido, diz-me á amurada:

— Infelizmente conhecemos de sobra essa gente. Agora, emquanto o navio ainda está parado, elles se mostram como cordeiros e tudo lhes parece maravilhoso. Verá como mudarão radicalmente quando o "piroscafo" largar. Hitler e Mussolini serão alvo das mais violentas criticas por estes *decks* afóra. E, como complemento, exhibirão a mais perfeita má educação por todos os recantos do navio, para mostrarem assim que pagaram as suas passagens. Para essa gente tudo se resume na força do dinheiro. O pagar qualquer coisa é, para o judeu, um argumento de arrogancia, de exhibicionismo chocante.

E com um sorriso:

— Quasi todos esses israelitas que aqui viajam vão camouflados em catholicos. Verá dentro de poucas horas, porém, que nenhum dar-se-á ao incommodo de comparecer ao salão de festas, quando pela manhã ali for rezada a santa missa pelo capellão de bordo.

Momentos depois, Genova não é sinão um ponto de referencia nos horizontes e tudo quanto me dissera o bom tripulante começa a se realizar entre a collectividade judaica. Iniciam-se as reclamações, as criticas, etc.

Descobrindo-me jornalista e unico passageiro brasileiro a bordo, elles entram a me cercar com as suas historias. Corto o mal pela raiz, dizendo-lhes que vira o caso judaico "in-loco" e que dispensava-me de ouvir maiores detalhes. E quando lhes affirmei que nós, no Brasil, já vamos nos cansando dos judeus, que não olhamos com bons olhos que elles estejam transformando a nossa Copacabana em "ghetto", elles se foram decepcionados para longe de mim, mastigando intrigas...

*
* *

Navegamos em frente a Côte d'Azur. Um cruzador francez faz signal para que o *Oceania* entre em Marseille, afim de se submetter ao controle.

Horas depois estamos atracados e entregues á policia militar franceza. Os judeus, solicitos, cer-

cam a gente do controle com as suas denuncias. A historia da 5ª columna, legitima creação do Intelligence Service para as suas intrigas, entra em scena pela bocca dos prestimosos israelitas. Os francezes porém, não se mostram dispostos a ouvir "trancinhas" e afastam laconicamente os informantes.

Varios representantes dos "governos" da Polonia e da Tchecoslovaquia, installados pelos botequins de Paris, sobem a bordo, devidamente fardados e condecorados, á caça de *voluntarios* para os exercitos da Liberdade. Reparo que as "autoridades" polacas dirigem-se de preferencia para o *bar* do *Oceania*, em busca de *sandwiches* e cerveja, emquanto que os tchecos, mais batidos pelo calor da causa, descobrem 24 compatriotas em idade militar, que viajam para o Brasil. Vinte e tres são immediatamente desembarcados com as suas tralhas. O 24.° porém, desappareceu.

E começa então um jogo de esconde-esconde pelos quatro cantos do transatlantico, á cata do *voluntario* fujão. Os judeus se esforçam com as autoridades tchecas na procura do pobre diabo. Os francezes riem e deixam-se ficar onde estão, entregues aos seus affazeres do controle da carga.

Afinal, um israelita consegue localizar o infeliz dentro de um bote.

E o coitado é arrancado dali aos soccos e aos ponta-pés, para o cáes. Os judeus batem palmas e

entram a investigar quem ajudou esse tcheco a se esconder. Soltam palpites.

Os representantes do *governo* de Praga, porém, dão de hombros e se vão, após uma paradinha no *bar*, para um apperitivo.

No caes, dentro dos carros-fortes, os *voluntarios* tchecos fazem um barulho infernal, emquanto que, em varios omnibus, as suas esposas e os seus *babies* accommodam-se o melhor que podem com as suas pobres bagagens.

Os judeus continuam batendo palmas e soltando vivas á Franca e aos inglezes. Um official francez, porém chega até elles e ordena silencio...

A REVOLUÇÃO DEIXOU SIGNAES EM BARCELONA – UM ACHADO SINISTRO E UMA HISTORIA OPPORTUNA – EM GIBRALTAR, COM O CONTRÔLE POSTAL INGLEZ

Amanhece em Barcelona. Os passageiros do "Oceania" tomam de assalto as ruas e as avenidas da linda capital da Catalunha, buscando "s'amuser".

Turistas buscam emoções fortes nas "tchecas", onde, durante os dias da revolução, milhares de creaturas foram suppliciadas pelos "rojos". Ha supplicios que deixam longe a imaginação de Mirbeau e dos contos asiaticos. Diz-se que seis mil pessoas não supportaram as torturas e morreram antes de qualquer declaração. Isso foi hontem, mas os acontecimentos na Europa tornaram todas essas historias tão distantes que a gente tem a impressão que tudo occorreu na Idade Media...

Encostados ao cáes estão os dois navios-presidios da revolução — o "Uruguay" e o "Argentina".

As suas carcassas, devoradas pelos incendios, são hoje apenas dois espectros de ferro, lembrando uma das paginas mais tragicas da guerra civil hespanhola.

Ao longo do cáes as paredes dos armazens, esburacadas pela metralha e pelas granadas de

mão, attestam a violencia da luta pela posse de Barcelona.

No alto das montanhas, porém, a primavera enche a matta com o verde das folhagens, como que convidando o turista a esquecer o que passou.

Aliás, Barcelona, como o resto da Hespanha, esforça-se para cicatrisar as feridas que lhe ficaram dessa luta de tres annos. Esta a impressão que cada turista traz para bordo, depois de algumas horas na capital catalã.

*
* *

O "Oceania" approxima-se de Gibraltar.

No "uper-deck" um pequeno grupo commenta as noticias do dia, captadas no radio de bordo. Faz uma tarde soberba e todos nós temos os cerebros cheios das palavras sonoras de um discurso recem-pronunciado em Londres.

Uma alta patente da Armada italiana, que faz parte da roda, oppõe reticencias aos hymnos á Liberdade e ao bem estar da Humanidade, que nos vem de chegar da City.

E, a proposito, conta a seguinte historia:

— Após a Grande Guerra alguns armadores

tiveram as suas vistas voltadas para o fracasso naval inglez frente aos Dardanellos.

Dizia-se que pelas cercanias jaziam abandonados varios navios ainda em condições de serem reparados. De facto assim era e um armador italiano — Sr. *Cosulich* — *adquiriu* para a sua frota um pequeno cargueiro, que lá estava atirado a uma praia com um rombo na prôa. Posto novamente a fluctuar, fui designado para commandar esse navio. A vistoria não havia sido rigorosa e elle necessitava por certo de mais concertos, mas, de um modo geral, estava em condições de navegar com segurança.

Entre outras senões a bordo, constatei, por exemplo, que perto das caldeiras havia como que *um tapume* de cimento. Este detalhe, porém, ficou para ser analysado após a primeira viagem, pois tinhamos bastante pressa.

Durante alguns dias tudo correu sem novidade, mas uma bella tarde o chefe de machinas avisou-me que o tal tapume de cimento, com o calor, estava rachando e tombando aos pedaços. No primeiro porto de escala, como a parada era longa, mandei que os meus homens puzessem abaixo o tapume, para substituil-o por outro, na crença que aquillo ali estava para cobrir algum rombo. Imaginem os senhores o nosso espanto quando verificamos que aquelle bloco de cimento ali estava apenas para esconder oito es-

queletos humanos, possivelmente marujos indianos emparedados vivos em consequencia de qualquer tentativa de rebellião a bordo!

E depois de um breve silencio:

— Este facto eu o vi com os meus olhos, meus amigos. E é por isso que sempre acho graça quando ouço Londres falar em bem estar da Humanidade...

*
* *

O rochedo de Gibraltar está á prôa do "Oceania".

Uma lancha com a bandeira de guerra de S. M., tremulando ao vento, dirige-se para o costado.

Sobem os officiaes do controle britannico. No portaló está muita gente para ver a cara dos marujos inglezes.

Entre essa muita gente estão varios judeus. Os homens sobem com "aplomb" as escadas. Antes mesmo delles saudarem os officiaes do "Oceania", já um judeu delles se acerca e diz:

— Viaja uma senhora allemã com duas crianças, na primeira classe e tem um frade allemão na terceira...

Os marujos britannicos, porém, não lhe dão

attenção e saudam superiormente a gente que os cerca.

Um padre hespanhol, que testemunhára a scena, não se contem e, avançando para o israelita, dizlhe com certa indignação:

— É por isso que vocês são despresados em todas as partes!

O hebreu sorri, sorri, mas não "encabula". Sente-se á vontade...

*
* *

Trinta e oito navios, de varias nações, estão immobilizados nas suas ancoras, frente ao rochedo. John Bull conta a carga alheia e espia os saccos de correspondencia á sombra dos canhões que elle cravou na garganta do Mediterraneo, em nome da lei do mais forte. Os italianos a custo sopitam as suas indignações quando, dos porões do "Oceania", a maruja ingleza arranca, em nome da guerra que Londres declarou ao Reich, as malas postaes italianas, polacas, hespanholas, etc.

Debruçados á amurada, os passageiros olham como se vae enchendo de saccos de correspondencia neutra a grande lancha do controle postal inglez. Subito, um italiano grita:

— Isto vae acabar!

Os marujos de Gibraltar, porém, não se dão por achados e lá se vão com centenas de malas postaes, sob os applausos dos judeus.

Até hoje não atino porque essa gente acclamou a retirada de tantas malas dos correios de paizes neutros, a outros paizes neutros. Justamente destinadas aos paizes que em breve a receberiam de braços abertos...

Documentação photographica

ROČNÍK II. Čís. 14 — Erscheint jeden Freitag — Vychází každý pátek — PRAG, FREITAG, DEN 5. APRIL 1940. — PRAHA, PÁTEK DNE 5. DUBNA 1940.

Jüdisches Nachrichtenblatt
Židovské listy

ORGAN DER JÜDISCHEN KULTUSGEMEINDE IN PRAG UND DER ZIONISTISCHEN ORGANISATION IN PRAG
ORGAN ŽIDOVSKÉ NÁBOŽENSKÉ OBCE V PRAZE A SIONISTICKÉ ORGANISACE V PRAZE
PREIS CENA K 2·-

Unwägbarkeiten im Gepäcknetz

STE. Prag, 1. April.

Seien wir höheren Zeiten, die noch im Zeichen [illegible] Fremdenrecht standen, von dem die Juden doch nicht ausgenommen wurden, sagte man: [illegible] Kosel [illegible] Gepäck blieb unbeaufsichtigt. Trotzdem wegzeit sich der Gepäckträger, das durchzusehen. Die Reisenden lag in einer begreiflichen, die den [illegible] wegzeit zu seinen Koffern noch [illegible] Gepäckträger [illegible] Wertsachen, vor der sich [illegible] Land verschloß.

Es möchte sich überall um Einzelerscheinungen handeln, aber die man sich [illegible] bewegende Spätere [illegible] die sich an den Grenzschranken drängten, [illegible] wuchs daraus ein [illegible] Hindernis hervor, das der jüdischen Wanderung viele [illegible] Erschwerungen bereitet hat. Denn neben dem Schutz heimischer Arbeitskräfte, die dem [illegible] einen [illegible] Aufsicht [illegible] Einwanderungsverbot, gestützt die Juden der jüdischen Einwanderung das Argument auf, man dürfe überhaupt keine Fremde hereinlassen, weil sie die Irgendwo [illegible] Ruhe gestatten.

Der Vorwurf ist nicht neu. Die alten Hellenen, die in Rom eine Heimat suchten, wurden dort [illegible] Augen angesehen, obwohl kein Zweifel darüber bestehen konnte, daß sie dem Staat durch ihre hervorragenden Kenntnisse und kulturellen Leistungen unschätzbare Dienste erweisen haben. Sie waren und blieben [illegible] unbeliebt. Weil man [illegible] Verteidiger [illegible] Weltanschauung [illegible] vielleicht im Platze war, den Kaisern [illegible] sollte.

Das Beispiel der Hugenotten wiederum zeigt, daß sich Menschen, die eine neue Heimat suchen, eines anderen Gedankens und Gesinnungsgutes nicht entäußern müssen, ihres Glaubens. Dann bestehe der wesentliche Unterschied zwischen Weltanschauung und Glauben, daß der letztere im Gemütsleben des in die Welt [illegible] den Hemmungen bleiben darf. Wir haben diese zwar geschichtlichen Beispiele angeführt, weil sie uns sehr lehrreiche Aufschlüsse geben. Die Gemüter, die in Rom abgelehnt werden, obwohl ihre Religion sich von der einheimischen fast gar nicht unterscheidet, deren Weltanschauung ohne Widerstände duldet, denen die Hugenotten, die in die Fremde zogen, um ihre Weltanschauung ihres Glaubens zu sichern, nicht ausgesetzt waren.

Wir Juden erhalten darüber auch aus unseren jüngsten Erlebnissen eine eindringliche Belehrung. Wir haben noch nicht vergessen können, welche Schwierigkeiten dem jüdischen Aufbauwerk in Erez Israel daraus entstanden waren, daß man [illegible] Gefahr [illegible] Heimat Weltanschauungen mitzubringen, sogar solche, die sie sich in einer ihnen wenig gewogenen Umgebung erworben haben und die ihnen schon dort wahrlich wenig zuträglich waren, die sie ja sonst nicht ausgewiesen wären.

Wenn sich auch dieser Teil der jüdischen Einwanderer nach Erez Israel damit zufriedengegeben hätte, an einfachen und geringen Gütern auf das [illegible] Glaube mit auf den Weg gab, so wären uns viele [illegible] Klimate und den Aufbau hemmende Zerwürfnisse erspart geblieben. Es gibt eben kein Land, das eine Ausnahme von dieser historisch erprobten Regel sollte. Nicht einmal das eigene! Das Maß des inneren oder äußerlich bekundeten Anhängerschaft des Menschen zu seinem Glauben ist eine Frage, die im Gefüge des modernen Lebens jeder mit sich selbst auszumachen muß. Grundsätzlich aber darf nicht übersehen werden, daß man auch von den unwägbaren geistigen und ähnlichen Gütern auf das mitnehmen darf, was einem und der Ihr zu einem gehört, die Religion. Im breiten Spielraum, den sie den Gedanken und Gefühlen erschließt, kann eine weltanschauliche Klärung gefunden werden, statt der weltanschaulichen Trübung, die immer dann eintritt, wenn sich Menschen in Nebel fremder Ideen verlieren.

Die Umwandelbarkeit des Glaubens ist ein verlässlicher Stützpunkt in bewegten Tagen. Für Menschen, die von vorn beginnen müssen, die erst frische Grundlagen zu einem künftigen Leben legen, können sich weltanschauliche Erkenntnisse, Erfahrungen und Überzeugungen nie noch [illegible] Frucht von Mühsal und Dasein [illegible] und dann in einer völlig anders geordneten Gesamtheit ergeben.

Die Pflichten des heutigen Juden liegen nicht im Weltanschaulichen. Sein suchendes Auge forscht nicht nach mehr oder minder gültigen sozialpolitischen Wahrheiten, sondern noch Brot. Das Ansprüchen dennoch findet er nicht in weltanschaulichen Programmen anderer begründet, sondern in den Gesetzen seiner eigenen Religion, in einem Bestehen also, daß das heute Irrende Dasein [illegible] verangen wird. Denn Religion ist kein Mittel zum Zweck, sondern Zweck in sich und somit über alle Bedrohungen, Unterfangungen und über jeden Angriffen erhoben.

Der San Domingo-Siedlungsplan

Nach der Unterzeichnung

Garantierte Bürgerrechte — Abänderung des Einwanderungsgesetzes — Keine Einreise- u. Zollgebühren

"Der Präsident der Dominica Settlement Association James N. Rosenberg ist aus Ciudad Trujillo in San Domingo, wo er einen Vertrag mit der Dominikanischen Regierung betreffend die Ansiedlung von vorläufig 500 Flüchtlingsfamilien unterzeichnet hatte, nach New York zurückgekehrt. Nach der Unterzeichnung des Vertrages begaben sich Rosenberg und Harold F. Linder, Mitglied der Exekutive der Coordinating Foundation des Interstaatlichen Komitees für die Flüchtlinge zur Besichtigung des für die Siedler reservierten Bodens, den sie als sehr geeignet gefunden haben. Sie beurteilen die Aussichten der Siedlungsarbeiten als sehr gut. Gemäß dem Vertrage werden die Siedler die volle Möglichkeit haben, ein freies Leben zu führen. Der Vertrag garantiert ihnen die Bürgerrechte gemäß der Verfassung der Dominikanischen Republik. Die Dominikanische Regierung bereitet eine Abänderung des bestehenden Einwanderungsgesetzes in der Weise vor, daß die Siedler von allen Einreise- und Zollgebühren befreit sein werden, und ihre gesamten Einrichtungen, wie Werkzeuge, Maschinen usw., frei in das Land werden bringen können.

Man sieht, daß die amerikanischen Juden die Möglichkeit tun, um dem San Domingo Plan nun rasch zu verwirklichen. Wenn auch die Zahl der Siedler aus dem Protektorat nicht unerheblich ist, kann man doch hoffen, daß die Bedrohte des Zuzuges weiterer Auswanderer aus Böhmen und Mähren ermöglichen werden. (Dr. Kohlschütter.)

HEUTE

BILDERBEILAGE:

„Andere Zeiten — andere Aufgaben". Ein Bilderbericht aus dem Tätigkeitsbereich der Prager Kultusgemeinde.

Ein neuer Landkauf-Plan

Antibritische Demonstrationen in Erez Israel

Bekanntlich haben kürzlich in Palästina antibritische Demonstrationen stattgefunden, besonders in Tel Aviv, zu Zusammenstößen der jüdischen Menge mit britischen Truppen führten. Als Ursache wurde ein Landkauf Verbot für Juden gemeldet.

Nunmehr erfahren wir, daß die Erregung der Juden in Palästina durch einen neuen Plan verursacht wurde, der den Landkauf durch Juden regeln soll. Dieser Plan — allem Anscheine nach ein provisorischer Ersatz für den Teilungsplan — sieht auf beiden Seiten erhöhter bekanntlich wurde — sieht drei Zonen vor. Erste Zone — Landkauf verboten, zweite Zone — Landkauf beschränkt, dritte Zone — Landkauf frei.

In der Hauptsache entsprechen diese Gebiete den bestehenden Siedlungszonen. Der Widerstand der Juden gegen jede Einschränkung des Bodenerwerbs ist angesichts der standig wachsenden Einwanderungsziffern [illegible] Die jüdische Zuversicht die Juden der in Palästina ist für die Juden kein [illegible] mögliches Argument. Die Juden verlangen freie Entfaltungsmöglichkeit im Lande ihrer Väter. Unsere Karte veranschaulicht die geplante „Regelung".

Levante-Messe Tel-Aviv (Pavillon der Landesprodukte)

In der Zeit der Frühjahrsmesse erinnern wir uns der letzten Levante-Messe in Tel-Aviv im Jahre 1934.

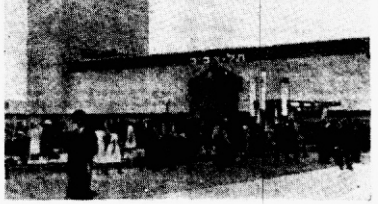
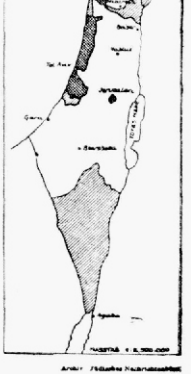


Foto: TOCH. Archiv: Jüdisches Nachrichtenblatt

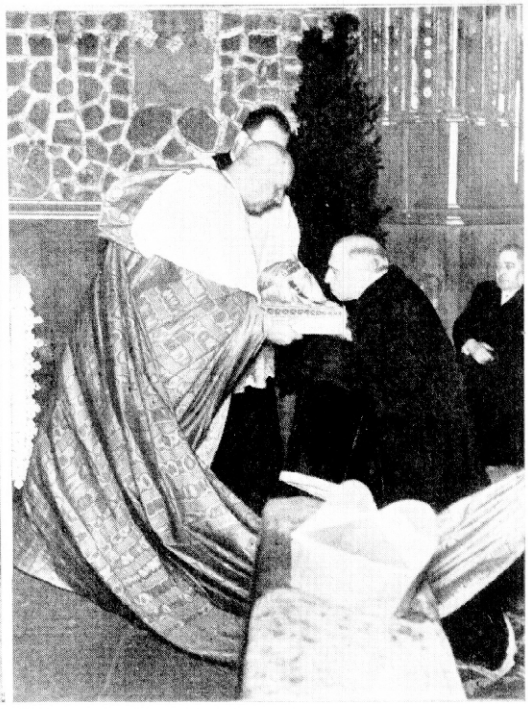
Im Jahre 1934 wurde die erste Tel-Aviver Ausstellung eröffnet. 1935 und 1936 fanden Wunderbologen der Ausstellung statt. Die Zahl der ausstellenden Firmen wuchs von 127 auf 372. 1939 stieg bereits 209 Firmen aus. Im Jahre 1934 bekam die LEVANTE-MESSE ein neues Gesicht. In einem außerordentlichen Aufwand an Arbeitskraft und Gestaltungswillen wurden nach neun Fikrae 30 Tausendstraße und 15 Pavillons errichtet. Die Zahl der ausstellenden Firmen betrug jetzt 2801. 79 ausländische Staaten waren beteiligt. Der Umsatz betrug etwa eine halbe Million Pfund. 19.000 Besucher kamen täglich, um die großartigen Anlagen zu sehen. Im Mittelpunkt der Anlage stand das nördliche Gebäude, indem 1934 wir hier sehen, und das das einzelnen Produkten (Tosaeth Haarez) dient.



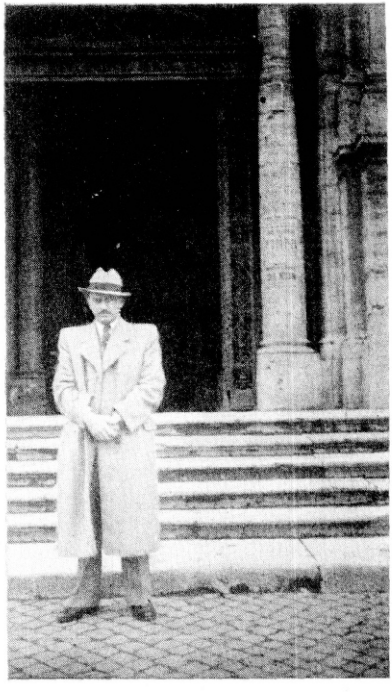
Archiv: Jüdisches Nachrichtenblatt

Reprodução da primeira pagina do diario sionista de Praga.
(Edição de 5 de Abril de 1940).

Deixando a Basilica da Virgem de Chestochowa, em companhia de dois amigos.



Em Praga, frente a estatua de São Wensceslau. O Presidente Hácha beijando o craneo de São Wenceslau, durante uma cerimonia religiosa na Cathedral tcheca.

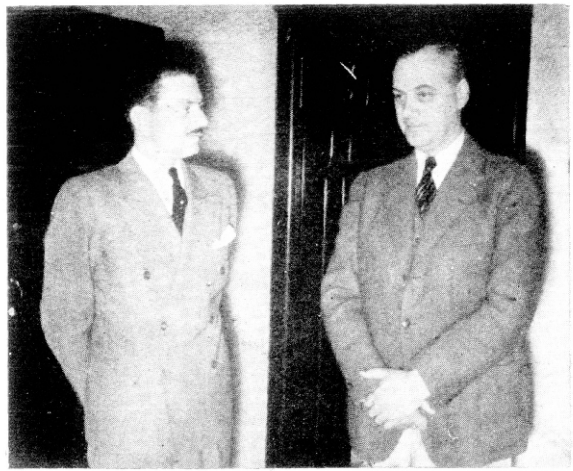


Em Roma e frente a Cathedral de São Pedro, no Vaticano

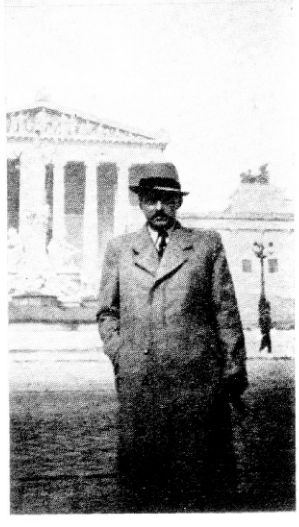
Religiosos mostram ao Autor, em Praga, o nicho onde repousa a urna funebre de Santa Magdala. Em baixo: procurando melhor informar-se sobre as realidades do Reich, o Autor ouve os Srs. Harald Zühlsdorff, do Ministerio da Propaganda, e Frederico A. Eck, redator do "B. Z. am Mittag, de Berlim.

Frente ao Mosteiro de Loreto, o mais rico da Europa Cental

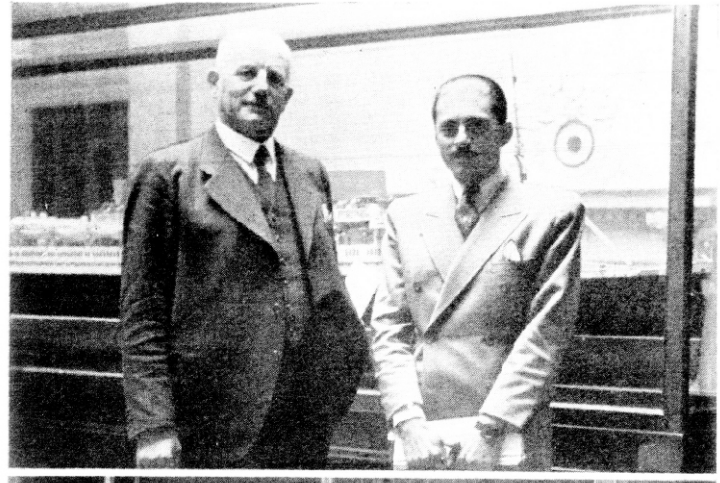
Flagrante colhido pelo Autor dentro da Cathedral de Praga, no dia do 285° anniversario da Imagem do Menino Jesus. Em baixo: quando entrevistava o Ministro K. Frank, no Palacio do Governo do Protectorado.



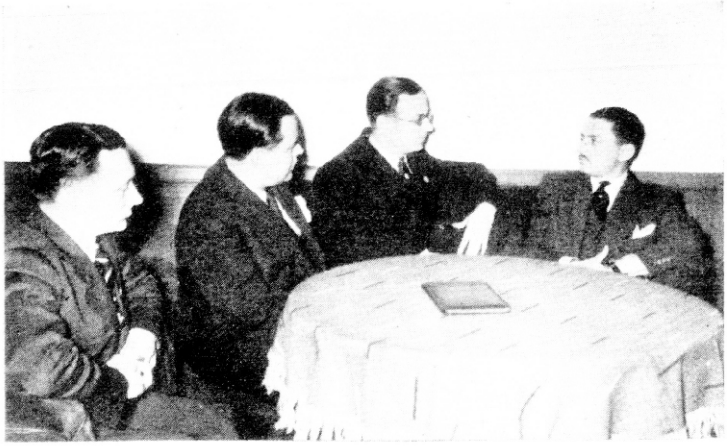
Em Berlim, com o Dr. Alfred von Rosenberg e em Cracovia, com o Ministro Seyss-Inquart.

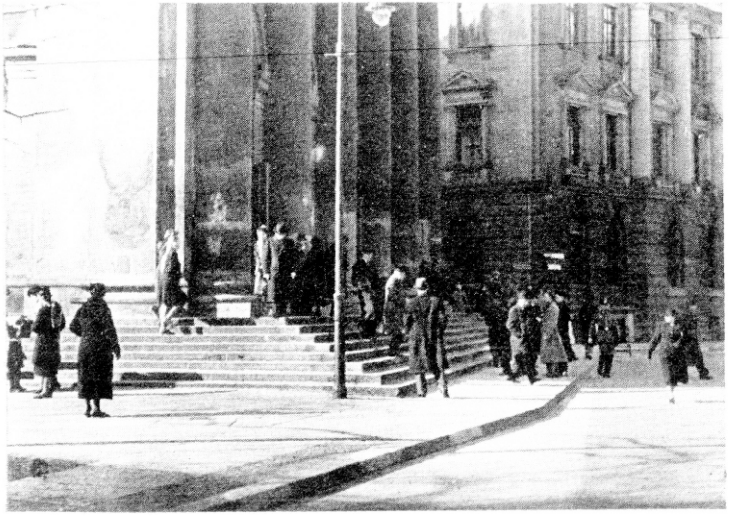


Em Vienna: ante a lapide commemorativa da estada de Richard Wagner no Hotel Imperial e em dois recantos famosos da linda capital



Em Bremen, com o Commodoro Ahrens, Commandante do "Bremen". Em baixo: o Autor em companhia do religioso catholico allemão Padre Mittnacht e alguns amigos. O Padre Mittnacht é o correspondente da imprentsa nazista em Praga.





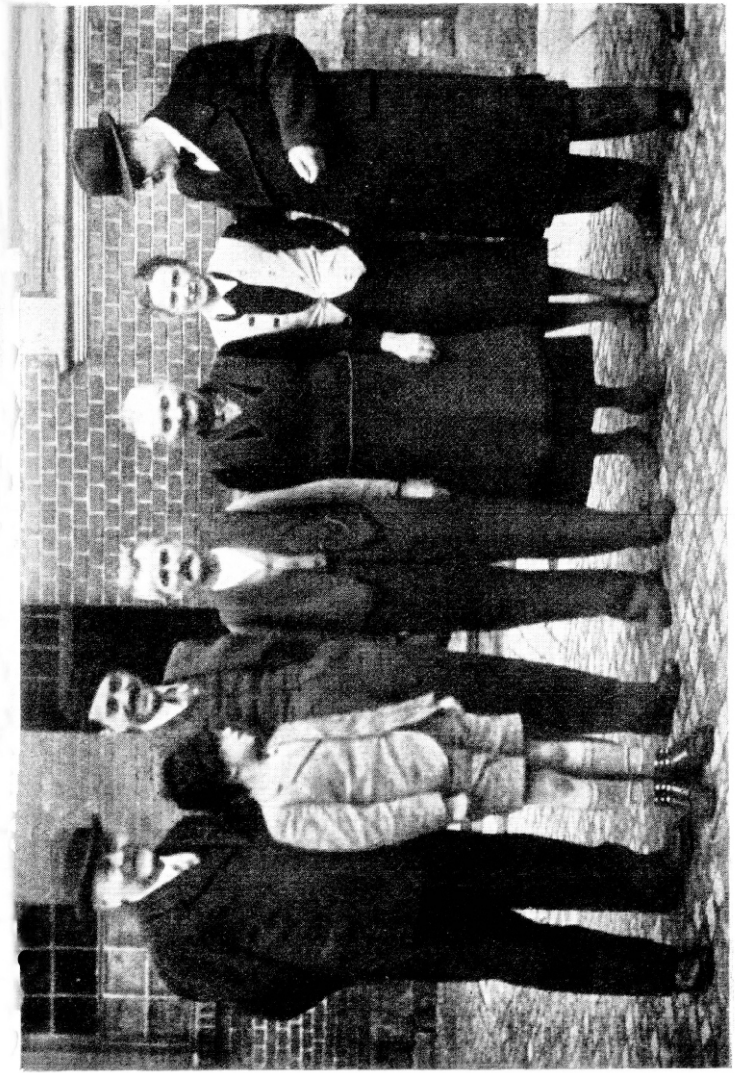
Com o Dr. Schlotterer, no Ministerio da Economia e um flagrante apanhado á porta da Cathedral de Berlim, no Domingo de Paschoa deste anno.

Com o Sr. Siepmann, membro da "S.S.", frente a um pequeno quartel de observação da Linha Siegfried. Em baixo: o Autor nos estudios da Ufa, entre o Conde Carlos Schonfeldt e os figurantes de uma grande cinta que então se rodava.

Uma vista aerea do local onde se realisa a Feira Technica de Leipzig.

Com o Dr. Busch, na Frente Allemã do Trabalho

Pouco antes da missa das oito hora, na Cathedral de Berlim. Flagrante colhido pelo autor, no 1° domingo de Abril ultimo.



Com alguns amigos, entre os camponios do Weser.

INDICE

Ao leitor 5

Pelo Atlantico em férias — Madeira, uma ilha em crise — Emfim, sós... com o inglez, em Gibraltar — O enigma da nova Hespanha — Genova, afinal! .. 7

A Allemanha em guerra — Os trens do eixo Roma-Berlim no Brenner — Munich lê as novidades matinaes — As rotas aereas do Reich estão livres em Tempelhof 15

A lição amarga de 1914 — Reservas alimenticias para quatro annos. — O sentido disciplinador do racionamento 23

O inverno mais rigoroso do seculo — Hameln e a historia do seu "encantador de ratos" — Á mesa dos camponios do Weser-Hannover e a sua curiosa exposição 29

Hamburgo, o maior porto continental europeu — A crise e a guerra no "bas-fond" — A marinha do Reich cresce de hora em hora 37

Bremen conserva a sua face de sempre — As surprezas de uma livraria — Com o comandante do "Bremen" — Uma viagem que entrou para a Historia .. 45

A primavera chegou a Potsdam — No Sans Souci evocam-se velhas historias do tempo de Frederico, O Grande — Nos "studios" da UFA, a maior organização cinematographica do mundo 53

A guerra e os seus reflexos no quadro economico internacional — Falando com o sr. Schloitterer, Director do Ministerio da Economia do Reich — As relações commerciaes entre o Brasil e a Allemanha .. 61

Com o "leader" do Racismo allemão — "Reconheço que certas ideias por mim proclamadas não são acceitaveis entre outros povos e raças", diz o "Reichsleiter" Alfred von Rosenberg — A necessidade vital de colonias para attender á falta de espaço em que se debatem 80 milhões de almas 69

Na "vitrine do mundo" — Leipzig e as suas feiras — Mesmo com a guerra, 16 paizes compareceram ao certamen de Março — Onde os brasileiros são recebidos com affecto especial 85

"A situação do operario allemão não pode ser tolerada pela plutocracia internacional" — Na Frente Allemã de Trabalho — Uma obra que marcou uma etapa na historia das conquistas sociaes — Com a palavra o sr. Busch, um dos maioraes da organização 95

Historias do front discutidas em sessões secretas — O regimen do statu quo... — Uma visão espectacular do poderio militar do Reich 103

9 de Abril de 1940 — Emfim, começou!... — Ribbentrop fala á imprensa internacional — Em Compenhague, com o dinamarquez, que não chegou a vêr a guerra — Dez horas antes dos inglezes! 111

A batalha naval da Noruega e as perdas allemãs — O coronel tem uma surpreza para os jornalistas estrangeiros — Scena de carro-restaurante — Cada um dentro do seu ambiente é um paiz sem castas previlegiadas 119

O judeu no III Reiche — A realidade e a literatura — Confidencias amargas num café de luxo — Na Polonia e no Protectorado 143

Só o Fuherer pode falar — Ouvindo um general do Reich — "Uma infamia vehiculada pelo judaismo" — O que pensam os allemães da campanha anti-germanica dos Estados Unidos 151

Em Cracovia — "Fans" do jornalismo internacional á porta do GRAND HOTEL — Com o sr. Seyss-Inquart — No palacio dos antigos reis da Polonia — O mundo está ficando igual 161

As perseguições religiosas nazistas na Polonia — No santuario da Virgem Negra de Czestochowa — Ouvindo um padre catholico polonez sobre uma campanha da Havas — A intriga continua 169

As perseguições religiosas nazistas na Tcheco-slovaquia — Praga nas festas do 285º anniversario da imagem do menino Jesus — No famoso santuario de Loreto 177

Em Praga, um anno após a installação do governo do Protectorado — Na "boite" encantada da rua Prikopy — Com o Secretario de Estado do Protectorado, sr. K. Frank 183

A delirante fantasia da propaganda alliada — Os jornalistas despedem-se no aerodromo de Munich — Desfilam os cartazes anti-alliados em Veneza 191

Na Roma eterna e gloriosa — O italiano não esconde a sua antipathia pelos alliados — Criticas á attitude do "Osservatore Romano" — A Italia cahirá como uma avalanche de aço contra os que tentarem barrar os passos do seu destino 199

Genova, a soberba — Continua o desfile de cartazes anti-alliados — O centenario do seculo XIX — A esquadra italiana e a attitude energica do Duce, nos dias da campanha da Abyssinia 207

A Inglaterra colhe os ventos maus que os seus politicos semearam — Em Marselha com o controle francez — "Voluntarios" Tchecos para o "front" — Os judeus batem palmas 215

A revolução deixou signaes em Barcelona — Um achado sinistro e uma historia opportuna — Em Gibraltar com o controle postal inglez 223

Documentação photographica 231

DO MESMO AUTOR:

"Do outro lado da Terra"

"Alexandre Konder, depois da sua volta ao Mundo, dá-nos um livro sensacional de viagens, modernissimo, 1940, focalisando de uma maneira seductora, homens, costumes e paysagens de terras distantes. "Do outro lado da Terra" é mais um filme do que um livro de viagens. Um filme que a gente vê com prazer, duas, tres, quatro vêzes".

Da "Gazeta de Noticias", do Rio.

*

"Do outro lado da Terra" é um dos mais suggestivos intinerarios de viagem que tenho lido".

Carlos Maul, no "Correio da Manhã".

*

"Do outro lado da terra" é uma successão deliciosa de chronicas escriptas por um grande reporter".

Jorge Maia, na "A Noite".

*

Uma edição magnifica, fartamente documentada com dezenas de photographias ineditas, recentemente lançada pela

EDITORA VICTOR — Rio de Janeiro

ALEXANDRE KONDER - VIDA E OBRA

ALEXANDRE MARCOS KONDER nasceu em Itajaí, SC, no ano de 1904, filho de Marcos Konder e Maria Corina Régis Konder [Dona Sinhá].

"Alexandre nasceu no velho casarão aportuguesado, de muitas janelas, com vidros triangulares e de muitas cores, que pertencera ao velho Pedro Mueller e, mais tarde, ao velho Marcos Konder Senior, meu avô paterno. Atualmente (1972), este casarão histórico não existe mais". Assim Gustavo Konder, um ano mais novo, principia a biografia do irmão Alexandre.

Foi batizado na antiga Igreja Matriz, localizada na Praça Vidal Ramos, onde tomou o nome de Alexandre Marcos em homenagem aos seus dois avós: Alexandre Justino Régis, do lado materno, e Marcos Konder Senior, do lado paterno.

Aos sete anos, Alexandre aprendeu as primeiras letras, em aulas particulares com a professora Alzira Palumbo, prima de Lauro Severiano Mueller. Às tardes, freqüentava a Escola Alemã de Itajaí, da comunidade evangélica.

"Em virtude da falta de escolas oficiais, meu pai resolveu levá-lo a Florianópolis, para ser internado no Ginásio Catarinense que, naquele tempo, era administrado por

padres e professores alemães. Tinha apenas a risonha idade de oito anos. E me lembro com nostalgia, do seu embarque juntamente com papai, no simpático vapor 'Max', atracado no trapiche Malburg....", deixou escrito o irmão Gustavo, dizendo também que:

"Em Florianópolis, Alexandre contou com a amizade e admiração dos austeros padres do Ginásio, entre eles o sábio Padre Schuler, diretor do estabelecimento, e do Padre Schrader, eminente professor de diversas matérias".

Em 1917, Alexandre concluiu o seu curso ginasial. Logo se matriculou na Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco. Ali, já haviam se formado os tios Adolfo e Victor Konder.

Nas aulas da Academia, encontrou colegas que eram da imprensa, e se uniu a eles, passando a publicar os primeiros trabalhos jornalísticos. Nos últimos anos de estudo, presidiu o célebre "Centro 12 de Agosto", daquela faculdade, e escreveu diversas crônicas espirituosas para a revista mensal do referido centro.

No ano de sua formatura, 1925, casou-se com Laura Horta, de antiga e conceituada família paulista.

O tio Adolfo Konder era governador de Santa Catarina, e o admirava muito; por esse motivo, ofereceu-lhe um posto como procurador público de Blumenau, para assim iniciar os seus primeiros passos na política catarinense; Alex, porém, não aceitou, preferindo voltar a São Paulo e continuar a sua vocação de jornalista e escritor.

Depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou também na imprensa, principalmente na Gazeta de Notícias, sob a direção do jornalista Alfredo Bernardes. Tomou grande vulto a campanha feita por Bernardes, para pacificação Chaco-Boreal (guerra entre Paraguai e Bolívia), que ele considerava benéfica apenas para os trustes internacionais, por causa da riqueza petrolífera nos áridos desertos do Chaco.

Em biografia elaborada pelo próprio pai de Alexandre, podemos ler:

Como os jornais pagavam mal, e ainda hoje remuneram escassamente os seus colaboradores intelectuais incumbidos de redigir notícias, sueltos e reportagens, o Alex resolveu empregar-se como intérprete, na imprensa de maior circulação, fornecendo comunicados e notícias dos consulados e embaixadas alemães e japoneses, a fim de fomentar o intercâmbio cultural entre aqueles países e o Brasil.

Essa aproximação com as embaixadas oportunizaram a

Alexandre empreender diversas viagens internacionais e escrever inúmeras grandes reportagens e depois livros, sobre países como Alemanha, Japão e Itália - adversários dos aliados na Segunda Grande Guerra.

Datam dessa época "Um Repórter Brasileiro na Guerra Européia" e os diversos trabalhos sobre o milenário Japão, a saber: "Imperialismo e Legítima Defesa", "Os Mandatos de B e C, e a Liga das Nações", "Vidas e Tradições Japonesas" e a "História do Japão". Fez também um curto vôo às repúblicas do Pacífico, e escreveu uma reportagem a respeito.

Por ser amigo dos alemães, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, ele passou pelo desgosto de ser preso e encarcerado, durante quase dois anos, na Casa de Correção do Rio de Janeiro. Pagava também pelo crime de ser neto de um alemão, tornando-se vítima da campanha infame que se apoderou do mundo todo, inclusive do Brasil. Por fim, foi absolvido unanimemente pelo Tribunal de Segurança.

A respeito do episódio, lembra o pai, Marcos Konder, que "aquele foi, certamente, um dos motivos que o levaram tão cedo à sepultura. Sua mãe visitava-o uma vez por semana, como era permitido, para levar-lhe comida fresca e sadia que o aliviava da bóia infama da detenção. Devido a essa prisão e a de outro filho (Valério), minha pobre Maria Corina (Sinhá) sentiu reagravar-se profundamente o seu mal do coração; e, assim, foi ela em 1946 para a outra vida....".

Naquele período, Alexandre escreveu o livro 'O Poema do Prisioneiro'. Nesse poema em prosa, Alex vazou todo o seu estado d'alma durante os dias em que esteve no cárcere, a conversar com uma ave que vinha bater todos os dias às grades da prisão. Esse poema foi prefaciado por Joaquim Ribeiro.

Uma vez liberto, embora alquebrado de corpo e de espírito, Alex continuou a sua faina de jornalista. Por indicação do seu grande amigo Dr. Ademar de Barros foi nomeado diretor do jornal Tribuna de Minas, de Belo Horizonte.

Em princípio de 1952, empreendeu uma viagem à Síria e ao Líbano, cuja reportagem completa não conseguiu publicar.

Gustavo refere ainda que "um grande abalo moral que agravou, ainda mais, o seu estado de saúde foi perder a nomeação de auxiliar na embaixada brasileira em Bonn, República Federal da Alemanha, em virtude de ter sido amigo dos alemães antes da guerra. Para dissimular, disseram que 'a Alemanha é que não o desejava'." Gustavo disse que sabe "quem foi o intrigante e germa-

nófobo", entretanto prefere não revelar o nome.

Apesar de ter tios ministro, governador, senador e deputado federal, que o ajudavam em suas publicações, Alexandre não fez questão de um emprego público. "Ao falecer, Alex não deixou sequer uma pensão, mas apenas uma casa modesta no bairro de Botafogo, no Rio, adquirida com a herança de sua esposa. As duas filhas gêmeas, deixou-as casadas. Seu último livro foi 'Os Halifaz', um romance histórico, ambientado no Vale do Itajaí, editado pela Organização Simões. Os direitos autorais, infelizmente, serviram para auxiliar a sua hospitalização."

Deixou inéditas duas peças dramáticas, das quais uma é denominada 'A Grande Aventura', que o dramaturgo Pascoal Magno colocou para ensaio, para que fosse encenada, no seu Teatro Duse. Também conforme escreve o mano Gustavo Konder, através do Padre Schrader, Alexandre chegou a entrevistar-se na Europa com o Papa Pio XII, que estivera no Brasil quando ainda era o cardeal Pacelli.

"O casamento não o afastara da casa de seus pais. Seu vício era colecionar antigüidades, objeto, e desenhos exóticos e originais. Quando Alex faleceu, em 1953, quase sete anos depois de sua mãe, foi enterrado na mesma sepultura, ao lado dela...." Morreu amargando a triste solidão de um intelectual honesto e banido.

OBRAS

- Vidas e tradições japonesas. Rio de Janeiro: Record, 1936.
- Um repórter brasileiro na guerra européia. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940.
- Nossos vizinhos dos Andes. Rio de Janeiro: Record, 1942.
- História do Japão. Rio de Janeiro: Século XX, 1942.
- Do outro lado da Terra.
- O poema do prisioneiro.
- Os Halifax. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952
- Imperialismo e legítima defesa
- Os mandatos de B e C, e a Liga das Nações.
- A grande aventura. [peça de teatro].